

UNIVERSIDADE ABERTA



**Os efeitos das Alterações Climáticas no Turismo e o seu impacto
na economia da União Europeia**

Paulo Jorge Manuel de Sousa

MESTRADO EM ESTUDOS SOBRE A EUROPA

2023

UNIVERSIDADE ABERTA



**Os efeitos das Alterações Climáticas no Turismo e o seu impacto
na economia da União Europeia**

Paulo Jorge Manuel de Sousa

MESTRADO EM ESTUDOS SOBRE A EUROPA

**Dissertação orientada pelo Professor Doutor Carlos Rafael Santos Branco
Dissertação coorientada pela Professora Doutora Maria de Fátima Pereira Alves**

fevereiro de 2023

Resumo

As alterações climáticas são consideradas atualmente um dos principais desafios para a humanidade. Não obstante o sector do turismo se ter transformado numa indústria multimilionária, a sua dependência dos recursos climáticos é inequívoca. A influência sobre os fluxos turísticos é uma realidade com grandes implicações económicas. O turismo conquistou o devido espaço nas principais instituições nacionais e internacionais.

A contribuição do turismo para os países industrializados e em desenvolvimento atingiu um nível de inegável relevância e qualquer queda no nível de atividade do setor é suscetível de gerar preocupação. As repercussões vão muito além das atividades diretamente associadas ao turismo (nomeadamente, companhias aéreas, hotelaria e restauração), e abrangem as que fornecem bens intermédios ou finais.

A principal linha orientadora desta dissertação visou identificar os impactos económicos, na União Europeia, sofridos pelos efeitos das alterações climáticas no sector de turismo. Estes impactos dependem da capacidade e flexibilidade demonstrada por instituições e turistas, para a redistribuição espacial e temporal das atividades turísticas. No âmbito desta investigação, procuramos explicar, sucintamente, no capítulo primeiro, o que são as alterações climáticas e, no capítulo segundo, a complexidade do sector de turismo. No terceiro e último capítulo, abordamos como e com que ferramentas se podem analisar os dados existentes.

Palavras-Chave:

Alterações Climáticas, Turismo, Economia, União Europeia, Efeitos Económicos do turismo.

Abstract

Climate change is currently considered one of the main challenges for humanity. Despite the fact that the tourism sector has become a multi-million dollar industry, its dependence on climate resources is unequivocal. The influence on tourist flows is a reality with great economic implications. Tourism has conquered its due space in the main national and international institutions.

The contribution of tourism to industrialized and developing countries has reached a level of undeniable relevance and any drop in the sector's level of activity is likely to raise concern. The repercussions go far beyond activities directly associated with tourism (namely, airlines, hotels and restaurants), and include those that provide intermediate or final goods.

The main guideline of this dissertation aimed to identify the economic impacts, in the European Union, suffered by the effects of climate change on the tourism sector. These impacts depend on the capacity and flexibility shown by institutions and tourists for the spatial and temporal redistribution of tourist activities. Within the scope of this investigation, we tried to briefly explain, in the first chapter, what climate change is and, in the second chapter, the complexity of the tourism sector. In the third and final chapter, we discuss how and with what tools existing data can be analysed.

Keywords:

Climate Change, Tourism, Economy, European Union, Economic effects of tourism.

Dedicatória

Ao meu Deus.

À minha esposa, Maria José e à minha linda filha Carolina.

Sem elas este longo e serpenteado caminho nunca teria sido possível terminar.

Pelos muitos anos de sacrifícios, aceites sem queixume.

Sempre prontas com palavras de incentivo, e apoio incondicional.

Nunca poderei devolver o amor que me deram.

Fortaleceu-me, levantou-me e carregou-me até ao fim.

Adoro-vos!

Obrigado.

À memória do Sr. Lelo, meu Pai. Manuel António Braga de Sousa (1935-2021)

“It always seems impossible until it's done.”

- Nelson Mandela

Agradecimentos

Quero agradecer, em primeiro lugar, o meu orientador Professor Doutor Carlos Rafael Santos Branco e à minha coorientadora Professora Doutora Maria de Fátima Pereira Alves, por me aceitarem como o seu mestrando. Agradeço por me aceitarem sem hesitar, pela orientação, pelo cuidado e irrepreensível orientação científica, pelas recomendações e sugestões que me guiaram neste trajeto, e pelo interesse, disponibilidade e dedicação que demonstraram durante o período em que fiz a minha Dissertação.

Uma palavra pessoal de agradecimento à Professora Doutora Maria do Céu Marques (Coordenadora do Mestrado em Estudos sobre a Europa), que foi de um apoio tremendo ao longo de todo do meu percurso na UAb, desde a licenciatura ao mestrado.

A todos os Professores com os quais tive o prazer de contactar durante esta minha extraordinária aventura académica, quero apresentar daqui o meu profundo agradecimento, pelo empenho e conhecimento transmitido que me trouxe até este objetivo.

À Universidade Aberta quero deixar um ENORME OBRIGADO, que me deu a oportunidade de fazer a Licenciatura e o Mestrado, fazendo chegar o conhecimento e o saber numa forma nem sempre muito fácil, mas, permitindo conciliar a vida académica, profissional e pessoal, onde de outra forma não conseguiria.

Uma palavra de apreço e amizade ao Luís, que me “empurrou” para este caminho do mestrado, abrindo ainda mais horizontes académicos e enriquecendo-me. Agradeço, pois surgiu a oportunidade e tive a honra de estar presente durante quatro anos consecutivos no Conselho Pedagógico da UAb.

Os meus sinceros agradecimentos aos amigos “do curso” e de várias licenciaturas com quem fui-me relacionando ao longo dos anos, onde partilhei todo o meu percurso com colegas, trocamos emoções, tirei dúvidas, aprendi regras, ajudei e fui ajudado, conheci e fiz amigos que ficarão para a vida, e para quem estarei para sempre disponível.

Um grande bem-haja a todos!

Índice

Resumo	i
Abstract	ii
Dedicatória	iii
Agradecimentos	iv
Índice	v
Lista de Figuras.....	vii
Lista de Tabelas	viii
Abreviaturas e Siglas	ix
Introdução	1
Capítulo 1. Alterações Climáticas e o Turismo	7
1.1 A Ciência e os Conceitos básicos de Alterações Climáticas	9
1.2 O Turismo e as Alterações Climáticas	13
1.2.1 Impactos e Adaptações nos Destinos Turísticos	14
1.2.2 O Desenvolvimento e a Sustentabilidade dos Destinos Turísticos	19
1.2.3 Os Impactos da Pandemia COVID-19 e o Sector do Turismo da UE.....	30
Capítulo 2. O Sector do Turismo	38
2.1 Enquadramento, Passado e a Evolução até a Atualidade	39
2.1.1 O que é Turismo?.....	40
2.1.2 Tipos e Formas de turismo	41
2.1.3 Do Passado até a Atualidade	42
2.1.4 Intensidade e Sazonalidade do Turismo na UE	48
2.1.5 As Novas tecnologias no Turismo.....	48
2.1.6 O Turismo da União Europeia: Ações, Iniciativa e Políticas	53
Capítulo 3. O Turismo na União Europeia.....	57
3.1 A Influência Económica do Turismo na União Europeia.....	58
3.1.1 A Importância Económica do Turismo na UE	60
3.1.2 Turismo e o seu Benefício Económico.....	65
3.1.3 Turismo e o seu Custo Económico.....	70
3.1.4 Turismo e o seu Impacto Económico	73
3.1.5 O Modelo Rhomolo	80

CONCLUSÃO	81
Referências Bibliográficas	91
Webgrafia	102
Anexos	103
Anexo A Ações e iniciativas da UE no turismo	104
Anexo B Emissões CO₂ Globais por Região de 1965 a 2020	107
Anexo C Histórico de Emissões CO₂ Globais 1750 a 2020	108
Anexo D Exemplo da caracterização de Conta Satélite do Turismo (CST)	109
Anexo E Valores Globais (2019) da Importância do Sector na Economia Mundial	110
Anexo F Contribuição Total de Turismo para o Emprego na Europa (2012 a 2020)	111
Anexo G Contribuição Global do Turismo para o Emprego e PIB da Europa	112
Anexo H Gastos, Chegadas e Partidas 2019-2020	113
Anexo I Valores Globais – PIB e Emprego na Europa (2019)	114
Anexo J Valores Receitas Turismo Mundial-Sectores (2017-2026)	115
Anexo K Valores Receitas Turismo Mundial (2006-2020)	116
Anexo L Museus mais Visitados no Mundo (2019-2020)	117
Anexo M Chegadas Internacionais de Turistas (2019-2021) e Previsão 2022	118

Lista de Figuras

FIGURA 1 – NÍVEIS DE CO ₂ ATMOSFÉRICO DESDE 1750 A 2020 (FONTE: NOAA.CLIMATE.GOV)	10
FIGURA 2 – MODELO SIMPLIFICADO REPRESENTANDO O EFEITO ESTUFA (FONTE: U.S.ENVIRONMENTAL PROTECTION AGENCY).....	12

Lista de Tabelas

TABELA 1 - PRINCIPAIS IMPACTOS E IMPLICAÇÕES DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS PARA OS DESTINOS TURÍSTICOS	14
TABELA 2 - ALGUMAS FORMAS DE TURISMO PRATICADA HOJE EM DIA:	41
TABELA 3 - PRINCIPAIS DESTINOS DA UE EM 2018	43
TABELA 4 - AÇÕES E INICIATIVAS DA UNIÃO EUROPEIA NO TURISMO	56

Abreviaturas e Siglas

AC	Alterações Climáticas
ADN	Ácido Desoxirribonucleico
ATSSSA	Air Transport Safety and System Stabilization Act
CFCs	Clorofluorcarbonetos
CH ₄	Metano
CO ₂	Dióxido de Carbono
CRII	Iniciativa do Instrumento de Resposta ao Coronavírus
CST	Conta Satélite do Turismo
DG REGIO	Direção-Geral de Política Regional e Urbana
EGC	Equilíbrio Geral Computacional
EUA	Estados Unidos da América
GEE	Gases de Efeito Estufa
H ₂ O	Água
HCFCs	Hidroclorofluorcarbonetos
HES	Hotel Energy Solutions
HFCs	Hidrofluorcarbonetos
IATA	International Air Transport Association
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPCC	Intergovernmental Panel on Climate Change
JRC	Joint Research Centre
N ₂ O	Óxido Nitroso
O ₃	Ozónio Troposférico
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OGD	Organizações de Gestão de Destinos
OMM	Organização Meteorológica Mundial
OMT	Organização Mundial de Turismo
PE	Parlamento Europeu
PFCs	Perfluorocarbonos
PIB	Produto Interno Bruto
PME	Pequena e Média Empresa
PME	Pequenas e Médias Empresas
SEF	Serviço de Estrangeiro e Fronteiras
SF ₆	Hexafluoreto de enxofre
SURE	Support to mitigate Unemployment Risks in an Emergency
TFUE	Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TRAN	Committee on Transport and Tourism
UE	União Europeia
UNEP	United Nations Environment Programmer

UNFCCC	United Nations Framework Convention on Climate Change
UNWTO	United Nations World Tourism Organization
UV	Radiação Ultravioleta
WMO	World Meteorological Organization
WTTC	World Travel & Tourism Council (Conselho Mundial de Viagens e Turismo)

Introdução

O turismo é uma indústria multimilionária, mas, é altamente dependente dos recursos climáticos, muitos destinos devem a sua popularidade aos seus climas agradáveis durante as tradicionais temporadas de férias. Os impactos dependerão muito da flexibilidade demonstrada por instituições e turistas ao reagirem às alterações climáticas, com implicações substanciais para a redistribuição espacial e temporal das atividades turísticas.

As alterações climáticas são consideradas o principal desafio para o turismo neste século e podem provocar mudanças nos fluxos turísticos, com grandes implicações económicas. O turismo tem tido muito mais destaque em todos os espaços das instituições socioeconómicas e políticas, embora o setor ainda não receba a atenção devida com base na sua importância económica. A contribuição do turismo para os países industrializados e em desenvolvimento é agora tão grande que qualquer queda no nível de atividade do setor é motivo de preocupação. As repercussões vão além das atividades diretamente associadas ao turismo (nomeadamente, companhias aéreas, hotelaria e restauração), às que fornecem bens intermédios ou finais adquiridos por empresas e trabalhadores do setor, de modo que todos os setores da economia são afetados em maior ou menor extensão. As alterações climáticas terão impactos significativos na distribuição regional dos recursos físicos de apoio ao turismo na Europa. O verão no sul da Europa, este poderá vir a experimentar condições climáticas menos favoráveis ao turismo do que o clima atual, enquanto os países do Norte poderão desfrutar de melhores condições.

A resposta geral da indústria e de organizações relacionadas a desacelerações significativas na procura turística é pressionar os governos a implementar uma série de políticas para compensar a desaceleração. Os formuladores de políticas são, então, confrontados com a difícil decisão sobre quais medidas tomar, se houver, principalmente porque a implementação de muitas destas medidas é dispendiosa e a sua eficácia relativa varia. É provável que os efeitos económicos dessas alterações sejam consideráveis, embora difíceis de avaliar.

Motivo e Enquadramento

A motivação deste trabalho surge no contexto do interesse pessoal, da vontade e curiosidade por conhecer mais, pois é de tema de inegável atualidade. Tratando-se de três sectores

aparentemente independentes como são as Alterações Climáticas (AC), o Turismo e a Economia da União Europeia, não conseguem estar desassociados entre si.

Ao aprofundar o nosso entendimento e conhecimentos sobre as alterações climáticas e os seus impactos atuais e futuros, conseguiremos entender o porquê das diversas manifestações, fluxos e tendências que o turismo apresenta num determinado espaço de tempo, bem como conseguir obter ferramentas para fazer estimativas ou previsões acerca da evolução do turismo e as consequências na economia e as suas tendências no futuro. É inegável que o turismo é fonte de receita nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. A União Europeia está classificada como um dos líderes mundiais nas diversas áreas relacionadas com o turismo, é importante ter uma visão do setor do turismo na União Europeia (UE) relativamente à sua influência económica no espaço comunitário e/ou como este poderá influenciar os decisores políticos da EU. O foco do turismo é prioritariamente o destino, contudo os impactos e consequências de fatores como as alterações climáticas, tem repercussões em todo o sistema (Calgaro & Lloyd, 2008; Guliyeva, 2018).

“The seeming increase in the impacts of economic and financial downturns, political instability or natural disasters on tourism are arguably not a result of any increase in such events but instead illustrate the way in which the world’s economies, transport systems and media and communication networks have now become so integrated that when one destination or region has been affected then the impacts can reverberate through the entire system” (Hall, 2010, p. 401).

Objetivo

Cada vez mais a realidade das alterações climáticas despertam a atenção de todas as comunidades mundiais. As suas consequências podem provocar alterações de causar impacto significativo na economia dos países, de forma positiva ou negativa. Um dos sectores económicos que depende muito das condições climáticas é o Turismo (IPCC, 2014b, p. 678; Rosselló & Santana, 2012), sendo a terceira maior indústria de exportação do mundo (UNWTO, 2019a), qualquer oscilação tem impacto na economia.

A presente dissertação tem por objetivo identificar se as alterações climáticas, tem alguma influência sobre o sector de turismo e, qual o impacto que terá na economia dos Estados-membros da União Europeia. A pesquisa conclui que, as alterações climáticas tenderão a intensificar e aumentar a frequência do aparecimento de fenómenos extremos, caso não haja alterações e intervenções imediatas significativas, por parte dos órgãos decisores mundiais,

nas políticas existentes. Verifica-se ainda que, o Sector do Turismo é muito complexo, pois abrange e, influencia vários sectores económicos, os quais, sofrem os impactos positivos e/ou negativos, conforme as oscilações do Turismo. Em simultâneo, verificamos que o Sector do Turismo é uma potência económica mundial e provoca consequências positivas e/ou negativos na economia dos países, sejam eles considerados desenvolvidos ou em desenvolvimento. Mostramos que a Economia tem formas de tentar evitar ou minimizar os impactos sofridos, recorrendo a diversas ferramentas como, por exemplo, os modelos económicos, modelo de equilíbrio geral computacional (EGC) ou as Contas Satélite Turismo (CST), contudo, é essencial para o sucesso pleno destas ferramentas que haja informação detalhada relacionada e fidedigna.

Assim, esta dissertação contribui para a limitada investigação em que é abordada simultaneamente o relacionamento entre as alterações climáticas, o sector do turismo e a economia dos Estados-membros da União Europeia.

Justificação do Estudo

A generalização da prática do turismo na forma idêntica como hoje a entendemos é relativamente recente, podendo considerar as suas raízes na década de 1950 do século passado (Fletcher et al., 2018, p. 2). Mais recente ainda é a relação entre as alterações climáticas, turismo e economia e a abertura da comunidade científica para o estudo destes fenómenos, individualmente ou em interligados e a publicação dos estudos e de literatura sobre o assunto. Ao abordarmos o turismo na perspetiva teórica, o clima, será um bem ou um serviço a prestar, ou seja, poderá ser avaliado como um recurso¹. Nesta perspetiva facilitará a quantificação do “recurso clima” para determinar o possível potencial turístico de determinada região e/ou país e condensar os conhecimentos sobre qual a importância do clima na motivação dos turistas. O turismo será um dos sectores económicos que provavelmente sentirá mais rapidamente o impacto das alterações climáticas, sendo ele próprio um dos mais ativos causadores dessas mesmas alterações climáticas.

O turismo é um dos maiores setores da Europa e, a Europa é o principal continente do mundo em termos de chegadas. Na Europa, há um grande fluxo anual de turistas da metade norte da

¹ What Do We Mean by Climate Services? World Meteorological Organization. Disponível em: <https://public.wmo.int/en/bulletin/what-do-we-mean-climate-services> [22 Fevereiro de 2022]

Europa para a metade sul (Amelung & Moreno, 2012, p. 83; UNWTO, 2018b). Um fator-chave na explicação desse movimento anual é o clima. Muitos turistas procuram o sol, mar e praias, um clima agradável, e preferem destinos que possam fornecer esses recursos com certa confiabilidade, como o Mediterrâneo. Claramente, um clima atraente e confiável não é uma atração importante de todos os destinos; no entanto, as condições climáticas influenciam a escolha das atividades turísticas. Como resultado, o turismo é uma indústria altamente dependente dos recursos climáticos e potencialmente sensível à sua alteração.

Com base nestes fundamentos, em virtude de haver diversos autores, dos mais variados sectores, a abordarem o tema e sob diversos ângulos de análise, considero relevante o estudo do tema na tentativa de uma forma menos técnica, com linguagem menos especializada ou com terminologia menos complexa, não sendo a comunidade científica como principal grupo-alvo, contudo, não deixando de utilizar rigor e clareza no discurso.

Metodologia

Seguimos uma metodologia de abordagem interdisciplinar de cunho descritivo/analítico, realizada a partir de pesquisa bibliométrica e documental, por considerarmos que o objetivo desta dissertação possibilita uma investigação deste tipo e permitirá perceber qual o impacto existente na economia da União Europeia e os seus Estados-membros da influência das alterações climáticas no turismo, quanto aos tipos, características e peso nas decisões relativamente aos destinos e período das viagens dos turistas.

A indústria do turismo é uma parte vital da economia da UE e representa 10% do seu PIB. O impacto da pandemia no sector está evidente com o crescimento do turismo europeu que deve permanecer abaixo dos níveis de 2019 até 2023. Durante os primeiros quatro meses do ano, a Europa viu um declínio dramático de 44% nas chegadas de turistas internacionais em comparação com o mesmo período de 2019 - uma diminuição em linha com o desempenho global. As perdas de empregos no turismo na Europa em 2020 foram monumentais, variando de 14,2 milhões a 29,5 milhões. A incerteza ainda domina e a duração das restrições da pandemia será fundamental para determinar as perdas no setor (Pernice, 2022). A revisão teórica é essencial na investigação deste projeto, incluindo as referências e sínteses dos estudos relativos às várias dimensões das disciplinas em foco, economia, turismo e alterações climáticas. Especial destaque para o impacto económico das alterações climáticas no turismo.

Sobretudo, é uma visão a nível da União Europeia, dos seus Estados-membros, pela sensibilidade da questão esta não tem fronteiras e transborda para um nível global.

Procedemos à recolha e análise de informação estatística, obtida utilizando a *internet* visitando os seguintes sítios oficiais de instituições especializadas em assuntos europeus e nas diversas áreas em investigação neste projeto: Organização das Nações Unidas, União Europeia, Comissão Europeia, Parlamento Europeu, UNWTO, OECD, IPCC, INE, SEF, entre outras instituições públicas e privadas que foram consultadas por via eletrónica.

Estrutura

Sob o tema da dissertação “Os efeitos das Alterações Climáticas no Turismo e o seu impacto na economia da União Europeia”, pretende-se apresentar os impactos na economia da Europa dos 27, perceber quais ou qual o caminho que tem feito para encontrar uma estrutura, com o propósito de enfrentar o futuro relativamente às Alterações Climáticas e aos seus impactos positivos e/ou negativos provocados nos mais diversos sectores económicos.

- Na Introdução, fazemos um enquadramento geral, explica-se a relevância sobre a temática, justificando a escolha do objeto de estudo; apresentando os objetivos preconizados e definindo os conceitos que serão abordados ao longo do trabalho. Por fim apresenta-se a estrutura da dissertação
- O capítulo 1, iniciamos o desenvolvimento do primeiro tema, as Alterações Climáticas, numa forma geral abordamos e caracteriza-se numa forma simplificada a ciência e quais são os impactos das alterações climáticas, e quais as consequências para o planeta e todos nós, se nada for feito. Apresentamos algumas formas de consciencialização dos povos que tem sido feito ao longo dos anos e finalizamos o capítulo abordando o tema que assola o mundo, a pandemia COVID-19 e as suas consequências, que se fazem sentir muito acentuadamente e, de uma forma transversal a todos os sectores económicos em todo o mundo é importante e indispensável.
- O Capítulo 2, iniciamos a viagem pelo segundo tema, o Turismo. Com um enquadramento e caracterização do sector, uma retrospectiva do início da atividade turística até ao presente, alguns detalhes mais técnicos da atividade, como indicar que a sua definição, ainda não é de consenso generalizado. Identificando a sua importância estratégica nos diversos sectores da economia da União Europeia, e dum modo em geral

de qualquer país desenvolvido ou em desenvolvimentos em qualquer parte do Globo. Por fim abordam-se as políticas e as tendências vigentes na União Europeia.

- O Capítulo 3, abordamos o turismo da União Europeia com linguagem e duma perspetiva um pouco mais técnica, indicando algumas ferramentas utilizadas para analisar os dados como os modelos de equilíbrio geral computacional (ECG), as Conta Satélite do Turismo (CST) que medem os impactos diretos das despesas do turismo, entre outras. O que representa o turismo para o PIB da União Europeia, os custos e benefícios económicos e de que forma contribui para o crescimento económico.
- Finalizando, a Conclusão, terminando com uma síntese e conclusões das análises efetuadas sobre a dissertação. A bibliografia utilizada e os anexos, que constituíram os elementos-base da maioria das análises práticas desta dissertação.

Capítulo 1. ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E O TURISMO

Neste capítulo pretendemos criar uma base por forma a identificar a importância das alterações climáticas para este estudo. Iniciamos com uma apresentação dos conceitos básicos científicos permitindo compreender superficialmente o fenómeno das alterações climáticas. Desenrolando o capítulo analisando as influências das alterações climática sobre o sector de turismo, os seus impactos, quais as formas de combater ou atenuar os efeitos negativos, também como aproveitar os seus aspetos positivos. Concluimos o capítulo a analisar o efeito da pandemia COVID-19.

O clima e o tempo (i.e. condições meteorológicas), são fatores importantes na tomada de decisão dos turistas e também influenciam o sucesso na operação dos negócios turísticos. Com a crescente urbanização e desenvolvimento tecnológico, o fator de atração de destinos baseados na natureza aumentou, pois oferece o reequilíbrio dos estilos de vida urbanos em ritmo acelerado. O tempo e o clima são considerados recursos fundamentais para as atividades turísticas ao ar livre, o que torna estes destinos especialmente vulneráveis às alterações climáticas (Cooper, 2020). A sensibilidade de um destino turístico às mudanças o clima depende dos seus recursos naturais afetados pelas alterações climáticas (Verbos et al., 2018). Ao lado da flora e da fauna, também o conforto térmico, o nível de precipitação, o vento e a insolação são considerados os principais parâmetros para determinar a atratividade climática de um destino (Amelung & Viner, 2006; Guliyeva, 2018). Embora a conscientização sobre as alterações climáticas entre as partes interessadas do turismo local seja bastante baixa (Scott & Becken, 2010), os investigadores alertam que as alterações climáticas ameaçam cada vez mais a atratividade dos destinos, bem como a sua estabilidade económica e social (Jarratt & Davies, 2019; Scott et al., 2016). Sem considerar as alterações climáticas nas vias de desenvolvimento do turismo, o que, pode levar a impactos de dimensões não esperadas para a segurança, economia do turismo e biodiversidade (GlobalRescue. & WTTC., 2019).

Os turistas tomam decisões com base no que acreditam serem as condições climáticas de um destino e, como resultado, os turistas se informarão e ajustarão a sua tomada de decisão. Isso é relevante não apenas no que diz respeito à temperatura e precipitação, mas também relativamente à segurança, por exemplo, em resposta ao risco de furacões ou outros eventos extremos (Scott et al., 2016). Como tal, pode haver “Vencedores e Perdedores”, como

sugerido num relatório do Deutsche Bank². Os impactos reais das alterações climáticas nos destinos turísticos são potencialmente muito mais abrangentes, pois afetam a base de recursos do turismo, direta e indiretamente. Desafios como escassez de água ou aumento da incidência de incêndios florestais já se colocam aos destinos. As mudanças ambientais, por exemplo, a distribuição da vida selvagem ou o branqueamento de corais, também são de fundamental importância para o turismo. Compreender essas alterações é um primeiro passo para saber geri-las melhor e adaptar-se às novas circunstâncias.

1.1 A CIÊNCIA E OS CONCEITOS BÁSICOS DE ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

A maioria das alterações climáticas é atribuída a variações ligeiras da órbita terrestre, que resulta numa alteração da quantidade de energia solar recebido pelo planeta.

As alterações climáticas segundo o último relatório do IPCC (AR6) são descritas como:

“A change in the state of the climate that can be identified (e.g., by using statistical tests) by changes in the mean and/or the variability of its properties and that persists for an extended period, typically decades or longer. Climate change may be due to natural internal processes or external forcings such as modulations of the solar cycles, volcanic eruptions and persistent anthropogenic changes in the composition of the atmosphere or in land use.” (IPCC: Annex VII: Glossary, 2021).

No mesmo documento, a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (United Nations Framework Convention on Climate Change - UNFCCC), no seu Artigo 1, define alterações do clima como:

“(…) a change of climate which is attributed directly or indirectly to human activity that alters the composition of the global atmosphere and which is in addition to natural climate variability observed over comparable time periods”.

A UNFCCC faz uma distinção entre as alterações climáticas atribuíveis às atividades humanas que alteram a composição atmosférica e a variabilidade climática atribuível a causas naturais. O fenómeno climático na Terra é um processo dinâmico que evoluiu ao longo de milhões de anos sob a influência da sua própria dinâmica interna bem como de mudanças nos fatores externos.

²Climate change and tourism: Where will the journey lead? - Deutsche Bank Research, Deutsche Bank Research. Disponível em: https://www.dbresearch.de/PROD/RPS_EN-PROD [26 de Fevereiro de 2022].

Srivastav (2019) refere haver fortes provas científicas de que o nosso planeta, durante a sua história evolutiva, tem tido ciclos de idades do gelo e outros períodos muito quentes e estas alterações climáticas tem sido responsáveis pela especiação e extinção de muitas plantas e animais do planeta, bem como a análise do núcleo do gelo forneceu provas de aquecimento e arrefecimento em longas épocas de gelo.

Desde meados do século XIX, a humanidade tem vindo em crescendo a contribuir para a liberação de dióxido de carbono e outros gases de efeito estufa no ar. Isso faz com que as temperaturas globais subam, resultando em mudanças de longo prazo no clima.

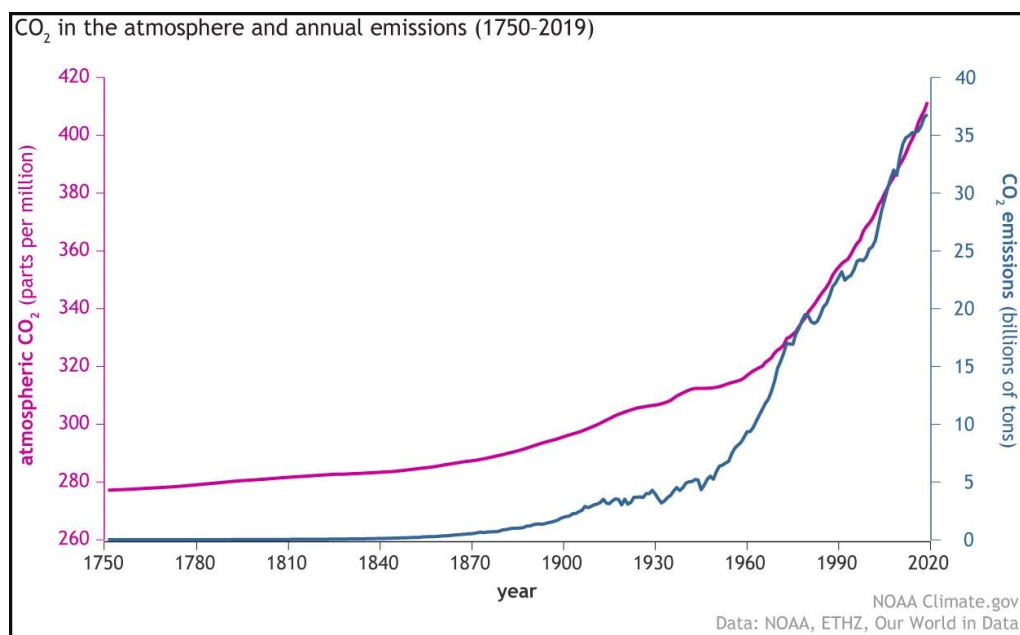


Figura 1 – Níveis de CO₂ Atmosférico desde 1750 a 2020 (fonte: NOAA.Climate.gov)³

O CO₂ atmosférico aumentou desde a Revolução Industrial⁴ (ver Anexo B: emissões globais CO₂ por região de 1965-2020), a utilização indiscriminada de carvão e derivados de petróleo após o início da Revolução Industrial e, em especial, o aumento após a Segunda Guerra Mundial provocou mudanças significativas e possivelmente irreversíveis no equilíbrio energético da Terra (ver Anexo C). Além de ser uma séria ameaça ao planeta e às pessoas, as alterações climáticas também ameaçam a economia global. Este problema precisa da

³ NOAA-Climate.gov. Disponível em:

https://www.climate.gov/sites/default/files/CO2_emissions_vs_concentrations_1751-2019_620.gif [28 de Fevereiro de 2022]

⁴ Climate Change: Atmospheric Carbon Dioxide / NOAA-Climate.gov (2021). Disponível em:

<https://www.climate.gov/news-features/understanding-climate/climate-change-atmospheric-carbon-dioxide> [14 de Novembro de 2019]

colaboração do setor público-privado para alterar como produzimos os bens, para métodos que garantam e impulsionam o desenvolvimento do crescimento económico sustentável. Além do seu sério impacto no meio ambiente e na humanidade, as alterações climáticas são uma das maiores ameaças à estabilidade económica.

As alterações climáticas que vivemos no presente, ditará por certo o nosso futuro, será um dos maiores desafios definidores do século XXI, tal como a degradação ambiental e segurança global. O problema das alterações climáticas não é apenas mais uma preocupação científica, mas abrange economia, sociologia, geopolítica, política nacional e local, direito e saúde, apenas para citar alguns sectores. Os Gases de Efeito Estufa (GEE) foram os moderadores no passado do clima global, contudo, desde a revolução industrial têm aumentado consistentemente e agora são considerados poluentes perigosos (Maslin, 2014).

A temperatura da Terra é determinada pelo equilíbrio entre a energia do Sol e a sua perda de volta para o espaço, criando uma perfeita estufa natural. Da radiação solar de ondas curtas que chegam à Terra (principalmente radiação ultravioleta (UV) e “luz” visível), quase toda passa pela atmosfera sem interferência. A única exceção é o ozono que absorve energia na banda UV de alta energia (estratosfera), restringindo o quanto atinge a superfície da Terra, felizmente para “nós”, porque sem esta proteção causaria grave danos a tudo o que habita a Terra, pois é muito prejudicial às células e ao ADN. Cerca de um terço da energia solar é refletida de volta para o espaço. A energia restante é absorvida pela terra e pelo oceano, aquecendo-os, esse calor é então irradiado de volta na forma de luz infravermelha invisível. Enquanto parte dessa luz infravermelha continua no espaço, a grande maioria - na verdade, cerca de 90% - é absorvida pelos gases atmosféricos, como vapor de água (H₂O), dióxido de carbono (CO₂), metano (CH₄) e óxido nitroso (N₂O), são conhecidos como gases de efeito estufa (GEE). Dessa forma, os GEE agem como um “cobertor”, tornando a Terra mais quente do que normalmente seria. Este processo é conhecido como “efeito estufa”. Desde o início da Revolução Industrial, as atividades humanas contribuíram substancialmente para as mudanças climáticas, adicionando CO₂ e outros gases à atmosfera. Essa emissão de gases de efeito estufa aumentaram e fizeram com que a temperatura da superfície da Terra também aumentasse. A principal atividade humana que afeta a quantidade e taxa de alterações climáticas são as emissões de GEE provenientes da queima de combustíveis fósseis. Precisamos do efeito estufa porque, sem ele, a Terra seria pelo menos 35°Celsius (C) mais fria, fazendo baixar a temperatura média nos trópicos cerca de -10° C (Maslin, 2014).

O metano é produzido por atividades naturais e humanas. Por exemplo, áreas húmidas naturais, atividades agrícolas e extração e transporte de combustíveis fósseis emitem CH_4 . É o gás mais abundante na atmosfera da Terra agora do que em qualquer outro momento dos últimos 800000 anos. Devido às atividades humanas, as concentrações de CH_4 aumentaram drasticamente durante a maioria do século XX e agora são mais do que duas vezes e meia vezes os níveis pré-industriais. O óxido nítrico (N_2O), é produzido por atividades naturais e humanas, principalmente por via de atividades agrícolas e processos biológicos naturais. A queima de combustível e alguns outros processos também criam N_2O . As concentrações de N_2O aumentaram aproximadamente 20% desde o início da Revolução Industrial, com um aumento relativamente rápido no final do século XX. Existem ainda outros gases, entre eles o vapor de água, ozônio troposférico (O_3) e os gases Fluorados, também conhecidos apenas por gases F, como os Clorofluorcarbonetos (CFCs), Hidroclorofluorcarbonetos (HCFCs), Hidrofluorcarbonetos (HFCs), Perfluorocarbonos (PFCs) e Hexafluoreto de enxofre (SF_6). Ao contrário do vapor de água e do ozônio, esses gases F tem uma vida útil atmosférica longa e algumas dessas emissões afetam o clima por muitas décadas ou mesmo séculos.

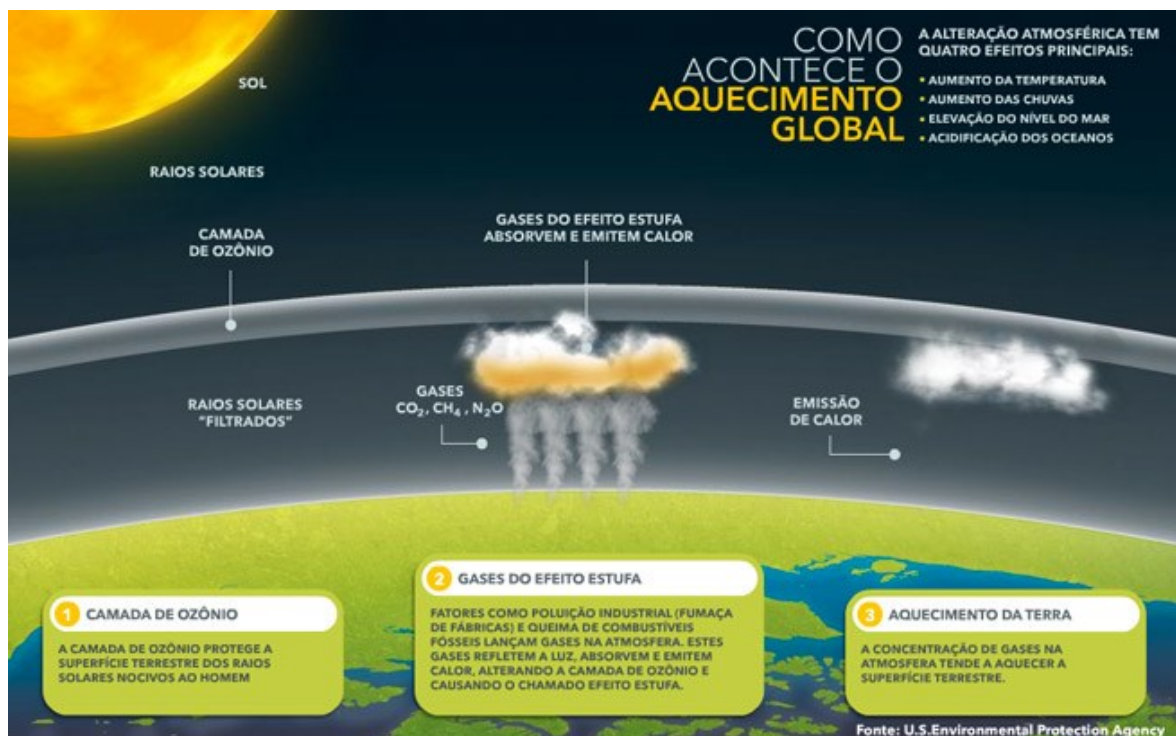


Figura 2 – Modelo simplificado representando o efeito estufa (fonte: U.S.Environmental Protection Agency)⁵

⁵ Imagem e explicações acerca do Efeito Estufa no sítio em linha: Aquecimento Global - iGui Ecologia. Disponível em: <https://www.iguiecolgia.com/aquecimento-global/> [14 de Abril de 2022]

1.2 O TURISMO E AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

As condições climáticas representam um insumo fundamental para a indústria do turismo e as futuras alterações dessas condições também provavelmente levarão a alterações não negligenciáveis na estrutura e no desempenho desse setor de atividade. As alterações climáticas também podem modificar a adequação relativa das regiões e países às atividades turísticas (Higham & Hall, 2005; IPCC, 2014b; Rosselló & Santana, 2012). Considerando mais especificamente o caso europeu, os fluxos de turistas entre países normalmente se originam das regiões de norte para as regiões de sul, devido à predominância de atividades recreativas relacionadas ao sol, que representam a forma mais comum de turismo. No caso europeu, as projeções climáticas futuras indicam que as condições climáticas podem se tornar mais favoráveis ao turismo nas regiões norte e menos nas regiões sul (Ciscar et al., 2011). É importante ressaltar que as perdas ou ganhos líquidos induzidos pelas alterações nas condições climáticas dependerão da alteração na avaliação dos turistas pelas amenidades relacionadas ao clima, que determinam as suas escolhas de destino.

No entanto, é improvável que as possíveis alterações nas escolhas de destino sejam uniformes nas regiões. Por exemplo, seria de esperar que os habitantes das regiões do norte da UE valorizassem as condições climáticas de maneira diferente das pessoas nas regiões do Sul, com um acesso mais fácil às comodidades relacionadas ao turismo, graças às condições climáticas mais adequadas na região de residência ou nas regiões vizinhas. Uma mudança nas condições climáticas pode, ser avaliada de maneira diferente pelas pessoas do Norte e do Sul, apenas porque as comodidades relacionadas ao turismo solar são mais difíceis de alcançar para os primeiros do que para os últimos. Esses argumentos sugerem que a dimensão do custo da viagem da procura turística pode ter influência na avaliação das condições climáticas e, possivelmente, em estratégias de adaptação às alterações climáticas.

Pode-se considerar, por exemplo, que é provável que os turistas diminuam a duração das suas férias e/ou alterem o horário das férias durante o ano, se as condições climáticas se tornarem menos adequadas para atividades recreativas durante o período de verão. A adaptação da procura turística dependerá, portanto, muito do custo da viagem e do tempo necessário para alcançar destinos de férias preferenciais, com outros fatores institucionais ou sociais (Askew & Bowker, 2018; Eurostat, 2012; Morris & Walls, 2009).

1.2.1 IMPACTOS E ADAPTAÇÕES NOS DESTINOS TURÍSTICOS

A procura turística e os impactos das condições climáticas nas atividades turísticas evidenciam que os destinos turísticos estão expostos à variabilidade natural do clima e à sazonalidade. Isso significa que, mesmo nas condições atuais, a rentabilidade e a viabilidade de um negócio e destino são pelo menos parcialmente influenciadas pelo clima. A exposição a eventos climáticos será exacerbada pelas alterações climáticas, embora também existam oportunidades devido a condições potencialmente mais favoráveis no futuro. Portanto, não é de surpreender que cada vez mais atenção tenha sido dada à forma como as alterações climáticas podem afetar os destinos turísticos e como estes podem se adaptar para minimizar os riscos e maximizar as oportunidades. O tipo de impactos e as suas implicações para o turismo foram resumidas num relatório abrangente da UNWTO, UNEP, & WMO (2008).

Tabela 1 - Principais impactos e implicações das alterações climáticas para os destinos turísticos

Impacto	Implicações para o turismo
Temperaturas mais quentes	Sazonalidade alterada, aumento do <i>stress</i> térmico para turistas, custos de arrefecimento, mudanças nas populações e distribuição de plantas, animais selvagens e insetos, faixas de doenças infecciosas.
As temperaturas da superfície do mar aumentam	Aumento do branqueamento de corais e degradação de recursos marinhos e estética em destinos de mergulho e <i>snorkel</i> .
Aumento do nível do mar	Erosão costeira, perda de área de praia, custos mais elevados para proteger e manter as orlas marítimas
Precipitação reduzida e evaporação aumentada em algumas regiões	Escassez de água, competição pela água entre o turismo e outros setores, desertificação, aumento dos incêndios florestais ameaçando a infraestrutura e afetando a procura
Diminuição da cobertura de neve e diminuição das geleiras	Falta de neve em destinos de desportos de inverno, aumento dos custos de produção de neve, temporadas de desportos de inverno mais curtas, estética da paisagem reduzida
Aumento da frequência e intensidade de tempestades extremas	Risco para instalações turísticas, aumento dos custos de seguro/perda de segurabilidade, custos de interrupção de negócios
Aumento da frequência de chuvas fortes em algumas regiões	Danos causados por inundações a bens arquitetónicos e culturais históricos, danos à infraestrutura turística, sazonalidade alterada
Incêndios florestais mais frequentes e de maiores dimensões.	Perda de atrativos naturais; aumento do risco de inundação; danos à infraestrutura turística.
Mudanças na biodiversidade terrestre e marinha	Perda de atrações naturais e espécies de destinos, maior risco de doenças em países tropicais-subtropicais
Mudanças no solo (e.g. níveis de humidade, erosão e acidez)	Perda de ativos arqueológicos e outros recursos naturais, com impactos nas atrações do destino

Fonte: modificado de: (UNWTO 2008, p. 61)

As alterações climáticas terão impactos negativos e positivos no setor do turismo e esses impactos variarão substancialmente por segmento de mercado e região geográfica. Todas as

empresas e destinos turísticos terão de se adaptar às alterações climáticas para minimizar os riscos associados e capitalizar as novas oportunidades, de forma económica, social e ambientalmente sustentável. A vulnerabilidade do turismo é particularmente preocupante nas áreas onde o turismo constitui o principal meio de subsistência das comunidades locais, como o caso de muitos países em desenvolvimento e pequenos Estados insulares em desenvolvimento.

Desde as origens do turismo de massas, a segunda residência sempre foi o principal ator na costa mediterrânica da França, Itália e Espanha, neste último é onde o crescimento tem sido mais extenso no espaço e intensivo no tempo. No espaço urbanizado, em cidades ou urbanizações isoladas nos arredores, os hotéis e áreas com acomodações para turistas e moradores estão misturados, resultando num crescimento urbano, muito questionado devido aos seus impactos ambientais. Nos últimos anos, também tem sido posta em causa a própria sustentabilidade socioeconómica (Rullan, 2014). O modelo dos “resorts” (estâncias turísticas), difere do espaço urbanizado, pois geralmente tudo está incluído num complexo hoteleiro, nesta modalidade isola completamente os turistas da população local. Os impactos ambientais negativos nestes modelos são identificados pela notável redução do habitat natural, diminuição da biodiversidade, artificialização do território, poluição ou altas taxas de consumo de energia, além disso, devido à fraca adaptação e mitigação das alterações climáticas (Chahine, 2016; Nicholls, 2006; Perry, 2006). Outro elemento a ter em conta é o processo de crescimento, que não alterou a sua essência desde o início do turismo de massas, quando os rendimentos não são os mesmos na procura (países emissores) e nas zonas de entrada. Um exemplo é o das ilhas da Croácia, como Brac: os valores naturais importantes, a sociedade rural e a economia deprimida são as características básicas. O início do turismo beneficia a população local, uma vez que cria locais de trabalho e rendimentos/salários complementares. Quando o destino já é conhecido, o aeroporto é ampliado; chegadas de grandes empresas turísticas, a legislação é adaptada às necessidades das empresas sem benefícios para a população local. Assim, a nova legislação permite que essas empresas gerenciem a praia e cobrem pelo seu acesso, impossibilitando a população local de acessar a sua própria praia e bloqueando empresas locais de instalar pequenos quiosques (Dérens & Geslin, 2018). Esta evolução não tem um padrão de desenvolvimento, a sua própria estratégia é o aumento constante do número de turistas e de dormidas, fazendo com que o rácio de

turistas por cada residente aumente exponencialmente, o que reflete na reação da sociedade civil em movimentos de resistência.

Nos parágrafos anteriores abordamos alguns aspetos que implicam de alguma forma criar uma adaptação/alteração aos impactos sofridos pelas alterações climáticas quem desenvolve a sua atividade no sector do turismo de forma direta ou indiretamente. É muito mais fácil hoje em dia ter consciência ou aceitar que existe um grave problema e que é muito real, as alterações climáticas. Contudo, esta luta pela consciencialização das sociedades já tem várias décadas, e muitos já dedicaram grande parte das vidas para que hoje assim seja, apesar de ainda faltar muito para existirem verdadeiros resultados, isto é, resultados significativos desta luta que ajudem a restabelecer o equilíbrio natural. Um destes exemplos de luta ainda referido hoje e, que foi publicado nos finais dos anos 80, surgiu o Relatório Brundtland que veio trazer à luz a problemática das alterações climáticas e os impactos que iria ter em todos os sectores da sociedade a nível mundial. Cerca de uma década depois, em finais dos anos 90, surgiu a primeira cimeira mundial sobre as alterações climáticas designada por COP (Conferência das Partes), foi numa destas cimeiras que foi assinado o Acordo de Paris.

O Relatório Brundtland, também conhecido como “Nosso Futuro Comum”, publicado em 1987 pela Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento (WCED), que introduziu o conceito de desenvolvimento sustentável e descreveu como poderia ser alcançado. Patrocinado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e presidida pela então primeira-ministra norueguesa, Gro Harlem Brundtland, a WCED explorou as causas da degradação ambiental, tentou entender as interconexões entre a equidade social, o crescimento económico e os problemas ambientais, e desenvolveu soluções políticas que integraram as três áreas. Em resposta à crescente preocupação em torno da diminuição gradual da camada de ozono da Terra, do aquecimento global e de outros problemas ambientais associados à elevação do padrão de vida da população mundial, a Assembleia Geral da ONU convocou a WCED, um grupo internacional de especialistas ambientais, políticos e funcionários públicos, em 1983. A CME (também chamada Comissão Brundtland⁶) foi encarregada de propor

⁶ A Comissão Brundtland, anteriormente a Comissão Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento, foi uma suborganização das Nações Unidas (ONU) que visava unir os países em busca do desenvolvimento sustentável. Foi fundada em 1983 quando Javier Pérez de Cuéllar, o Secretário-Geral das Nações Unidas, nomeou Gro Harlem Brundtland, ex-primeira-ministra da Noruega, como presidente da comissão. Brundtland foi escolhida devido à sua formação em ciências e saúde pública. A Comissão Brundtland foi oficialmente dissolvida em 1987, após lançar “Our Common Future” (Relatório Brundtland).

soluções de longo prazo para promover o desenvolvimento sustentável e continuá-lo no século XXI. Foi também incumbido de encontrar formas de traduzir a preocupação com o ambiente numa maior cooperação entre os países no que diz respeito a questões de desenvolvimento e utilização de recursos e de criar processos em que todos os países abordassem as suas próprias preocupações ambientais e as do mundo a longo prazo. O Relatório Brundtland incluiu capítulos que abrangem, entre outros tópicos no âmbito do desenvolvimento sustentável, o papel da economia internacional, a população e os recursos humanos, a segurança alimentar, as espécies e os ecossistemas, a energia, a indústria e os princípios jurídicos propostos para a proteção do ambiente. De todos os tópicos abordados, no entanto, o Relatório Brundtland é o mais frequentemente citado pela sua definição de desenvolvimento sustentável como “O desenvolvimento sustentável é um desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades.” (United Nations, 1987, p. 54 tradução nossa). Nesta definição está implícito o conceito de necessidades, que enfatizava o objetivo de prover as necessidades essenciais dos pobres do mundo, e a ideia de que a tecnologia e a organização social impõem limites à capacidade do ambiente de prover as necessidades presentes e futuras do mundo. O documento popularizou o termo “desenvolvimento sustentável”, tendo ganho o Prémio Grawemeyer⁷ em 1991. A Conferência das Partes ou COP, como é conhecida, é o órgão decisório responsável pelo acompanhamento e revisão da implementação da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (UNFCCC)⁸. Esta associação de Estados-Membros, também conhecidos como Partes, reúne as 197 nações e territórios todos os anos durante duas semanas para abordar o problema das alterações climáticas enfrentadas pelo planeta.

Na primeira conferência, COP 1. em Berlim, 1995⁹, os signatários concordaram em se reunir anualmente para manter o controlo do aquecimento global e ver a necessidade de reduzir as emissões de gases poluentes. Durante quase três décadas, os governos mundiais reuniram-se todos os anos para forjar uma resposta global à emergência climática. Sob a Convenção-

⁷ Os Prémios Grawemeyer são cinco prémios anuais concedidos nos campos da música, ciência política, psicologia, educação e religião. Foram fundados por H. Charles Grawemeyer para ajudar a fazer do mundo um lugar melhor. Award Categories & Recipients – Grawemeyer Awards. Disponível em: <http://grawemeyer.org/award-categories-recipients/> [12 de Março de 2022]

⁸ UNFCCC. Disponível em: <https://unfccc.int/> [13-de Março de 2022]

⁹ Conferências COP1 a COP26. Disponível em: <https://www.downtoearth.org.in/climate-change/coplist> [13 de Março de 2022]

Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas de 1992, todos os países do planeta estão vinculados ao tratado para "evitar alterações climáticas perigosas", e encontrar maneiras de reduzir as emissões de gases de efeito estufa globalmente de uma forma equitativa. As reuniões anuais oscilaram entre o fraturante e o soporífero, intercaladas com momentos de grande drama, o desastre da COP15 em Copenhaga em 2009, e o triunfo ocasional, a COP21, realizada em Paris, em dezembro de 2015, foi histórica pelo seu resultado - o primeiro acordo internacional sobre o clima, o Acordo de Paris. O Acordo de Paris é um tratado internacional juridicamente vinculativo sobre alterações as climáticas e adotado pelos 196 países presentes na COP 21 em 2015, tendo entrado em vigor a 4 de novembro de 2016¹⁰. A Cerimónia de Assinatura, em 22 de abril de 2016, estabeleceu um recorde de assinaturas de primeiro dia de apoio a um acordo internacional com a assinatura de 175 Partes.

O acordo incentiva as partes participantes a esforçarem-se por manter um aumento inferior a 1,5° e no sentido de tomarem medidas para reduzir as emissões de gases com efeito de estufa, com o objetivo acordado de se manter abaixo de um aumento médio global da temperatura de 2° Celsius (3,6° Fahrenheit) acima dos níveis pré-industriais. Este é um objetivo desafiador. O Quinto Relatório de Avaliação (AR5) do Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas (IPCC), publicado em 2013/2014, afirmou que a temperatura média global já tinha subido 0,85°C entre 1880 e 2012, e que as últimas três décadas haviam sido sucessivamente mais quentes do que quaisquer outras desde 1850. Esta tendência de aquecimento aparente, prevendo-se que continue, realça a dificuldade de se manter abaixo de um aumento de 2°. No entanto, muitos argumentam que o limite de 2° não é suficientemente ambicioso e que haverá consequências globais perigosas mesmo que o aumento de temperatura seja de apenas 2°.

O objetivo principal é a tentativa de conseguir atingir valores inferiores a 2 ou 1,5 graus Celsius, preferencialmente, do aquecimento global, tendo como comparação os valores pré-industriais. Os Países pretendem atingir um clima neutro já em meados deste século, mas, para conseguir esta meta de temperatura a longo prazo, é necessário atingir o pico global de emissões de GEE rapidamente. Isto requer transformação económica e social para enfrentar os desafios climáticos agora e no futuro, com base na melhor ciência disponível.

¹⁰ UNTC (2022). Disponível em: https://treaties.un.org/Pages/ViewDetails.aspx?src=IND&mtdsg_no=XXVII-7-d&chapter=27&clang=_en [26 de Fevereiro de 2022].

O Acordo de Paris funciona num ciclo de 5 anos de ação climática cada vez mais ambiciosa. Até 2020, os países comunicam os seus planos, conhecidos como “contribuições nacionalmente determinadas”, comunicando as medidas que tomarão para reduzir as emissões de gases de efeito estufa, de modo a alcançar os objetivos da UNFCCC. Os seus progressos serão revistos e avaliados a cada cinco anos. Os países também divulgam as ações que tomarão para serem mais resilientes e se adaptarem aos efeitos do aumento das temperaturas. Isso pode incluir informações sobre fluxos financeiros. O Acordo também fornece uma estrutura para apoio financeiro, técnico e de capacitação para os países que dela necessitem. A partir de 2024, os países relatam de forma transparente as ações realizadas. O progresso coletivo sob o Acordo de Paris será avaliado por meio de um inventário global. Isso levará a recomendações para os países estabeleçam planos mais ambiciosos na próxima ronda. O Acordo é um marco no processo multilateral de alterações climáticas porque, pela primeira vez, um acordo vinculante reúne todas as nações numa causa comum para empreender esforços ambiciosos para combater as alterações climáticas e adaptação aos seus efeitos (UNFCCC, 2016).

1.2.2 O DESENVOLVIMENTO E A SUSTENTABILIDADE DOS DESTINOS TURÍSTICOS

O desenvolvimento e a sustentabilidade são dos principais desafios que os países têm de enfrentar, pois é um dos paradigmas com mais interesse entre cientistas, agendas políticas e sociedade civil. No entanto, a noção generalizada de sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável, cuja definição surgiu no Relatório Brundtland em 1987, é demasiado “aberta”, complexa e ambígua, integrando um número diversificado de estratégias políticas, mesmo opostas entre si, porque cada agente a interpreta da sua maneira. É muito frequente utilizar a sustentabilidade como “fórmula teórica mágica” sem estratégias eficazes nos destinos turísticos e no setor do turismo. Alguns autores (Andersen, Blichfeldt e Liburd, 2018; Velayos-Castelo, 2008) referem que, no âmbito do desenvolvimento sustentável, foram realizadas ações puramente económicas, utilizando o ambiente e a sociedade como pretexto. Apesar destas interpretações, existem cinco pontos indiscutíveis em sustentabilidade, o primeiro é o reconhecimento da existência de limites, mesmo no crescimento económico; o segundo é a obrigação de repensar as estratégias para transformar um quadro temporal curto num quadro a longo prazo; em terceiro é a visão multidimensional e holística das novas estratégias, para além da visão económica, social e ambiental, deve ser incluída em simultâneo; o quarto a

necessidade de a entender como um processo de mudança consensual através da participação, implicando uma construção política e social; quinto ponto será a importância de medir a sustentabilidade para que a tomada de decisões se baseie no conhecimento.

A região turística mais conhecida do mundo é a região do mediterrâneo, é um referencial que tende a ser copiado noutros países. O turismo do Mediterrâneo é composto por países como a Itália, Espanha, Egito ou Turquia, e regiões como a Riviera francesa e Costa del Sol, entre outras. Nesta região turística, convivem diferentes tipologias de espaços e diversos produtos, desde o clássico turismo de sol e praia, turismo rural em Malta; visitas culturais em espaços urbanos em Roma; ecoturismo na Reserva da Biosfera Intercontinental do Mediterrâneo, Andaluzia, em Espanha; para o turismo de cruzeiros nas ilhas gregas.

O turismo urbano, uma mistura de produtos culturais, reuniões e eventos, gastronomia ou pausas nas cidades durante o fim de semana (aumentando o número de voos de baixo custo), também está a criar uma importante pressão turística num curto período. As consequências estão a ser estudadas como processos de gentrificação, que afetam a vida quotidiana dos moradores (Vives-Miró & Rullan, 2017) e também espalham a ideia de turismofobia (Huete & Mantecón, 2018; Murray, 2014).

Todos os aspetos comentados sugerem a necessidade de uma transformação do turismo que visa alcançar níveis mais elevados de sustentabilidade (Cañada et al., 2017), no entanto, sinais muito ténues de progresso têm sido vistos nessa direção até agora. As ilhas foram pioneiras na aplicação de medidas de limitação. É o caso da ilha da Sardenha, que, em 2004, estabeleceu um Plano Regional de Paisagem e adotou a lei Salvacoste (Salve o Litoral, tradução nossa), proibindo todas as construções a 2 km da costa. Esta lei é considerada a melhor medida de proteção ambiental em Itália, como na aldeia de Orosei, onde foram aplicadas medidas mais restritivas para proteger e preservar a atividade turística em espaços patrimoniais (Rodríguez et al., 2009). Um exemplo de limitação ocorre na Ilha Formentera, que estabeleceu uma lei pioneira na Espanha em março de 2019. Este regulamento permite ao governo gerir a entrada e circulação diária de veículos de visitantes de acordo com critérios ambientais, visando reduzir o impacto do turismo e os níveis de poluição.

A nível europeu, no âmbito do Programa Interreg¹¹, foram igualmente desenvolvidos alguns projetos para criar meios e ações inovadores que permitam melhorar o turismo sustentável

¹¹ Interreg Europe. Disponível em: <https://www.interregeurope.eu/> [14 de Março de 2022]

no Mediterrâneo. Entre eles, está o Projeto Alter Eco¹², que promove ações em diferentes municípios. Na cidade de Dubrovnik, a tecnologia para monitorizar e aprender sobre os hábitos dos cidadãos e os fluxos de turistas tem sido implementada de modo a reduzir a pressão no património cultural sobre explorado, redirecionando os fluxos aglomerados. Por exemplo, a televisão e redes sociais são por vezes os incentivadores de fluxos repentinos de massas de visitantes, para determinados locais ou património histórico. Dubrovnik é um local de referência nesse sentido, desde a sua aparição no filme e na série de televisão “Game of Thrones”, provocou a chegada em massa de turistas à cidade¹³.

Alcançar a sustentabilidade num destino turístico e a um nível geral, requer uma visão holística, que consegue integrar a atividade turística em projetos territoriais. Para conseguir a integração, é fundamental trabalhar em colaboração com os atores locais, incentivando a participação e os mecanismos que permitem diagnósticos eficazes, a monitorização dos progressos da sustentabilidade, a medição dos resultados e dos impactos económicos, sociais e ambientais gerados. Atualmente o modelo ambientalmente sustentável continua algo incompatível com o atual sistema económico, as alternativas ao crescimento constante começam a ser formuladas como políticas pós-crescimento (Schulz & Bailey, 2014). Essas ideias de "Prosperidade sem Crescimento" (Jackson, 2011), são baseadas na limitação dos recursos naturais e no aumento da polarização social em muitos territórios. São formuladas como uma transição para estilos de vida sustentáveis, sistemas económicos sustentáveis ou uma justiça distributiva do crescimento e da riqueza. Neste sentido, o pós-crescimento é aplicado em destinos turísticos na redução da dimensão da infraestrutura, diminuição do consumo e propriedade privada, predominância de local em vez de global ou redistribuição de recursos (Blanco-Romero *et al.*, 2018; Fletcher *et al.*, 2018).

Os fatores climáticos, como as temperaturas, a insolação e as horas de chuva, determinam uma grande parte dos fluxos de turismo internacional na Europa. A popularidade da região mediterrânica está fortemente ligada ao clima e às temperaturas, sendo um dos recursos mais importantes de um destino turístico, porque a motivação dos turistas ao escolher o seu destino de viagem está principalmente associada a estes fatores (Ngxongo, 2021). O clima

¹² ALTER ECO. Disponível em: <https://alter-eco.interreg-med.eu/what-we-do/> [14 de Março de 2022]

¹³ Associated Press. Mass Tourism Threatens Croatia’s ‘Game of Thrones’ Town; Voice of America (VOA): Washington, DC, USA, 2018. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/mass-tourism-threatens-croatia-s-game-of-thrones-town/4581869.html> [14 de Março de 2022]

mediterrânico quente faz desta região um dos melhores locais para o turismo marítimo e solar durante o período de verão. Este tipo de clima também afeta algumas regiões do Norte de África, como as costas de Marrocos e da Argélia, em consequência do efeito de arrefecimento da altitude das montanhas do Atlas, mas não no resto do Norte de África, onde as temperaturas são melhores na primavera e no outono. Em geral, os países da região mediterrânica têm invernos frios com chuvas moderadas e verões quentes e secos, embora a falta de precipitação possa ser problemática no que diz respeito ao abastecimento de água e aos riscos de incêndio. As preferências climáticas para férias de praia nesta região são definidas por temperaturas ideais entre 27°C e os, 32° Celsius. Por outro lado, as preferências climáticas para férias em regiões urbanas do Mediterrâneo variam entre 20°C e 26° Celsius (Rutty & Scott, 2010). Devido a estas grandes diferenças entre as estações do ano, a sazonalidade torna-se uma questão fundamental na rentabilidade do turismo na região mediterrânica. Esta sazonalidade tem consequências sociais, económicas e ambientais, pelo fato de os impactos assumidos pelo destino a nível turístico apresentarem grandes diferenças ao longo do ano.

O turismo é a atividade económica com um elevadíssimo grau de exposição aos efeitos das alterações climáticas. Isto torna o sector mais vulnerável, dependendo da área geográfica onde é desenvolvido (Cantos & Rebollo, 2016). Todas as atividades de lazer realizadas ao ar livre ou atrações turísticas naturais podem ser afetadas no futuro, modificando a oferta de um lugar e, conseqüentemente, alterando a sua procura. Assim, o principal desafio que o Mediterrâneo enfrenta no futuro são as alterações climáticas (Drius et al., 2018; Obrador et al., 2009). Existem provas de que as condições meteorológicas estão a mudar devido às emissões de gases com efeito de estufa e estima-se que a temperatura média global aumentará de 1,5°C para 5,8°C no decorrer do século XXI (Rutty & Scott, 2010). Os motivos de preocupação são uma mudança na quota de mercado nas regiões do mundo onde pode ocorrer um aumento das temperaturas e onde ocorrem modelos de oferta e procura altamente ligados ao clima do destino.

As alterações climáticas sugerem que uma região mediterrânica com temperaturas elevadas no verão, fazendo com que os destinos sejam demasiado quentes para a sua visita (Rutty & Scott, 2010). No entanto, a região poderia tornar-se um destino mais agradável durante a primavera e o outono. Por outro lado, o Norte da Europa terá um clima mais atrativo no verão. Como resultado, é provável que os países do Norte da Europa possam ser beneficiados

durante esta época turística, enquanto recetores do aumento das chegadas turísticas nacionais e internacionais, em detrimento dos destinos populares no Sul da Europa (Amelung & Viner, 2006; Nicholls, 2006; Obrador et al., 2009).

Embora a região do Mediterrâneo possa experimentar uma diminuição de turistas durante a atual estação alta, é provável que estes atrasos sejam compensados por um crescimento de visitantes nos meses da primavera e do outono (Obrador et al., 2009; Ruttty & Scott, 2010). Há também um potencial para uma estação turística quente muito mais longa. Por conseguinte, a procura não poderia diminuir em consequência das alterações climáticas, mas sim contribuir para uma mudança na época em que os turistas visitarão a região em meados e no final do século. Definitivamente, estas mudanças dependerão da força de vários fatores, incluindo a sazonalidade e a capacidade do destino para se adaptar ou aproveitar o clima melhorado das estações da primavera e do outono (Ruttty & Scott, 2010).

Quanto ao conforto climático nas zonas turísticas da costa mediterrânica, prevê-se um aumento do número de dias quentes, noites quentes e da duração das ondas de calor. São variáveis que, com valores elevados de humidade da atmosfera, estão relacionadas à origem de sensações de desconforto que podem afetar a procura de turistas neste destino. Por este motivo, como afirmam Cantos & Rebollo (2016), é essencial conhecer os verdadeiros efeitos do aquecimento global com o maior grau de precisão possível, compreender como isso pode afetar as zonas turísticas e decidir que medidas podem ser implementadas para atenuar as suas consequências e adaptar-se a elas. Uma possibilidade associada às alterações climáticas globais é o aumento do aparecimento de eventos meteorológicos extremos. No Mediterrâneo, ondas de calor, chuvas de inverno e ventos são mais suscetíveis de serem intensificados e frequentes. O risco de seca no verão também aumentará devido a uma redução das precipitações e do volume de água disponível. Além disso, prevê-se um aumento do nível global do mar (Cantos & Rebollo, 2016). As alterações climáticas podem também afetar a distribuição e a composição de recursos naturais como a flora e a fauna, ainda a existência de plantas endémicas, de biodiversidade marinha e de ecossistemas marinhos saudáveis pode ser posta em risco. É difícil avaliar os impactos turísticos sobre a biodiversidade, embora seja importante estudá-los para garantir a diversidade de recursos terrestres e aquáticos. Desta forma, as alterações na vida selvagem e na vegetação podem ser a causa de impactos indiretos no turismo e nas atividades de lazer ao ar livre, uma vez que os

participantes alteram as suas atividades consoante as mudanças no ambiente natural (Habibullah *et al.*, 2016; Nunes *et al.*, 2020).

É provável que o aumento das temperaturas provoque uma tensão térmica mais elevada e uma diminuição da qualidade do ar nas zonas urbana, estas alterações têm implicações no turismo e podem provocar problemas na organização de eventos ou na práticas de atividades ao ar livre. No entanto, existem diferentes estratégias de adaptação, tais como o aumento da implementação de tecnologias de ar condicionado, a realização de eventos em meses e dias mais frios ou a transferência para o interior (Gómez-Martín *et al.*, 2014; Nicholls, 2006; Smit & Pilifosava, 2018).

Alterações espaciais e temporais provocadas pelas alterações climáticas podem ter impacto na sustentabilidade do desenvolvimento turístico. Por um lado, podem ser prejudiciais do ponto de vista económico e social devido à perda de rendimentos do turismo e à sua cadeia de valor. Por outro lado, podem ser favoráveis do ponto de vista da gestão dos recursos e da biodiversidade, uma vez que as pressões sobre o ambiente e os ecossistemas diminuirão no verão no Mediterrâneo. As alterações nas visitas dos turistas/clientes terão um envolvimento direto nas práticas de contratos, cadeia de fornecimento, fluxos de caixa e desenvolvimento de campanhas de *marketing* (Amelung e Viner, 2006; Cunha e Lobão, 2021; Gonzalez-Morales *et al.*, 2021; Mikulić *et al.*, 2021).

Os turistas têm uma enorme capacidade de adaptação aos impactos das alterações climáticas, evitando condições indesejáveis, modificando o momento da sua viagem ou deslocando-se para outro destino. Por conseguinte, é essencial compreender quais as condições climáticas que os turistas consideram inadequadas para umas férias ou que reduziriam a qualidade da experiência (Rutty & Scott, 2010). Os impactos ambientais anteriormente referidos têm graves implicações para o futuro planeamento e desenvolvimento de atrações turísticas. É também provável que o abastecimento de água possa tornar-se uma questão controversa, especialmente entre os residentes e os fornecedores de atrações turísticas, como campos de golfe e piscinas (Nicholls, 2006; Pérez *et al.*, 2020; Vila *et al.*, 2020).

Cantos e Rebollo (2016), afirmam que as alterações climáticas e os seus riscos não foram integrados no planeamento regional e local. É ainda necessário incluir ações na conceção de programas, integrando políticas a diferentes níveis e escalas. Concretamente, ações no âmbito das medidas estruturais aplicáveis às zonas turísticas; medidas fiscais com finalidades ambientais (ecotaxas).

Para efeitos de planeamento e adaptação das zonas turísticas para fazer face às alterações climáticas, os dados sobre a projeção futura dos valores da temperatura podem ser classificados em quatro desafios: (1) a possibilidade de alterar o calendário da época alta (de junho a setembro, ambos incluídos) e considerar os meses de maio e outubro como muito adequados para estadias turísticas. É necessário ter em conta que os níveis de massificação, que duplicariam a atual temporalidade, podem ter consequências negativas para a população local. (2) a necessidade de adaptar os alojamentos turísticos e as propriedades residenciais a um clima com temperaturas e humidade elevadas. (3) a obrigação de assegurar a boa designação dos sistemas de abastecimento de água nas zonas com escassez natural de recursos. Deve-se considerar também que os volumes de águas superficiais serão reduzidos devido à diminuição da precipitação, ao aumento da irregularidade e ao aumento da evaporação dos reservatórios. (4) a exigência de modificação dos protocolos de proteção civil e saúde pública em escala local, uma vez que os calendários de risco mudarão (tempestades e chuvas fortes devido à presença de água quente por um período mais longo), bem como a frequência e intensidade do aparecimento dos extremos climáticos (Cantos & Rebollo, 2016). Os autores atrás mencionados continuam a afirmar acerca da necessidade para a adaptação da atividade turística, que estão a ser consideradas ações ligadas à promoção de destinos sustentáveis, incentivos para economia de energia e água em hotéis, ações de formação para o pessoal e informações sobre questões de sustentabilidade para os clientes. Em geral, procura-se diversificar o produto turístico e apoiar a sustentabilidade, em vez de medidas específicas de adaptação às alterações climáticas.

Embora não se mencione diretamente de que forma o turismo contribui para as alterações climáticas, o aumento da popularidade deste setor está associado à disseminação dos transportes, à exploração dos recursos naturais, etc. Concretamente, a atividade turística contribui para o problema das alterações climáticas devido à sua dependência do consumo de combustíveis fósseis. Além disso, também contribui para o aquecimento global devido às emissões de gases com efeito de estufa, aproximadamente 3,2% da energia global utilizada é devido a atividades relacionadas com lazer (incluindo transporte para o destino, acomodações e atividades), enquanto os 5,3% de todas as emissões de CO₂ podem ser atribuídos ao lazer. O aumento dos níveis de mobilidade na Europa e o crescimento das companhias aéreas de baixo custo, que continuarão no futuro, contribuem claramente para as alterações climáticas (Hall et al., 2015; UNWTO & ITF, 2019).

Hoje em dia, presta-se muita atenção às formas como a indústria do turismo pode ajudar a atenuar os seus impactos negativos, através da redução do uso de energia e das emissões de gases de efeito estufa, bem como da adoção de produtos mais limpos e tecnologias eficientes. É o caso de algumas organizações que oferecem aos turistas a oportunidade de compensar as suas emissões de dióxido de carbono através da aquisição de compensações de carbono. O resultado destes sistemas é utilizado para financiar projetos que tentam reduzir as emissões de origem, quer investindo em fontes de energia renováveis ou melhorando a eficiência das fontes atuais, quer aumentando as taxas de retenção de dióxido de carbono (UNWTO & ITF, 2019).

O setor do turismo deve estar cada vez mais consciente dos seus impactos e aplicar medidas para os reduzir tanto quanto possível. No entanto, a ligação entre o turismo e as alterações climáticas requer uma análise mais aprofundada e mais visibilidade. Será necessário alargar os estudos sobre o contributo da indústria do turismo para a aceleração do fenómeno. Desta forma, será fácil gerir os efeitos produzidos pelas alterações climáticas e adaptar-se às necessidades tanto dos destinos como dos turistas.

Há que considerar que o turismo é um elemento que contribui para o fenómeno das alterações climáticas e que, por conseguinte, a indústria tem de assumir a responsabilidade pelo papel que desempenha. Simultaneamente, como já foi referido, o setor do turismo é altamente afetado pelos efeitos das alterações climáticas, o que deveria constituir um grande aviso para todo o setor.

As previsões futuras apontam para um aumento contínuo do número de turistas e deslocados na região mediterrânica. Além disso, as previsões sobre os efeitos das alterações climáticas confirmam que a maioria destas chegadas será durante os períodos da primavera e do outono, permitindo um discurso baseado no alargamento da estação alta turística quase ao longo do ano. Esta visão muito positiva das alterações climáticas deixa para trás as consequências que o destino e os habitantes podem sofrer, especialmente a nível ambiental, centrando-se apenas nas oportunidades económicas apresentadas. Por outro lado, a maioria dos estudos está centrada apenas em mudanças relacionadas à temperatura e ao clima, deixando de lado os efeitos sociais, positivos e negativos, que poderiam aparecer nos destinos turísticos. Estas projeções futuras obrigam-nos a refletir sobre a viabilidade do modelo atual e a repensar as políticas e estratégias atuais. Uma das estratégias propostas consiste principalmente na diminuição do número de turistas, de tal forma que é dada especial ênfase ao planeamento

da atividade turística. Este planeamento pode centrar-se na limitação das chegadas turísticas, na limitação das camas disponíveis num destino, na regulação das chegadas de cruzeiros nos principais portos ou no impulso de outras atividades económicas em zonas onde o turismo predomina.

Os riscos geológicos afetam o turismo porque os destinos orientados para estas atividades estão geralmente localizados em regiões com elevada suscetibilidade de perigos geológicos, e as alterações climáticas agravarão esses riscos. Uma das provas é que, nos últimos anos, já ocorreram perdas económicas consideráveis e baixas devido a essas alterações. Estes fenómenos naturais têm em comum o agravamento dos riscos geológicos provocados pelo aquecimento global que afeta o planeta. As alterações climáticas provocam um aumento do perigo geológico no Mediterrâneo devido aos períodos de seca que pode produzir, alternados com uma maior intensidade de chuva em momentos pontuais, bem como para o aumento do nível do mar. O risco geológico é o perigo, a probabilidade do processo geológico acontecer, devido à vulnerabilidade e outros danos que ele pode causar. Os danos dependem de muitos fatores: a tipologia das construções, das infraestruturas, dos fatores sociais, etc. As alterações climáticas provocam flutuações no nível de risco à medida que as inundações, os deslizamentos de terras e o nível do mar aumentam e, por conseguinte, a vulnerabilidade aumenta enquanto afeta zonas que não estavam preparadas para estes processos. O turismo não está alienado a estes riscos, uma vez que acontece em zonas sensíveis como a orla marítima, perto dos rios ou nas altas montanhas, ou seja, centenas de destinos turísticos culturais podem ser afetados (Reimann et al., 2018; Thiébault & Moatti, 2016).

Perto do Mediterrâneo, há cadeias montanhosas que podem atingir dois ou três mil metros de altitude, onde nos últimos anos a natureza e o turismo montanhoso têm aumentado exponencialmente, provocando mais frequência e ocupação das montanhas. Este turismo é baseado em modelos mais tradicionais, como estâncias de esqui ou alpinismo e outros mais recentes, como *trekking*, corrida ou turismo de natureza. Estas atividades transformaram-se numa oportunidade de negócio (especialmente para vestuário, acessórios e construção) com novas dinâmicas para a reprodução do capital, fazendo com que mais pessoas estejam a aceder à montanha à procura de liberdade, superação pessoal e adrenalina, uma vez que estas emoções são moda e estão também a ser mercantilizadas. Esta oportunidade de negócio cria locais de trabalho em novos territórios onde é fácil construir acampamentos, hotéis, abrigos ou urbanizações nos vales, aqueles que nem sempre são seguros. Este aumento da ocupação

da montanha, tanto no inverno como no verão, provoca mais riscos devido à maior acessibilidade, mas também devido às alterações das condições meteorológicas que as montanhas sofrem, que também provocam mais inundações, nevões, piores condições de neve e deslizamentos de terras.

A vulnerabilidade do risco geológico está a aumentar sem ter em conta as alterações que ocorrem em regiões sensíveis às alterações climáticas. A queda de neve está a tornar-se mais irregular, com fortes quedas de neve durante a primavera, o que pode causar graves inundações. A neve derrete rapidamente e afeta as construções nos vales, como acampamentos e urbanizações, o risco de avalanches aumenta, afetando abrigos, estâncias de esqui e alpinistas. Da mesma forma, as condições de neve pioram quando o degelo aumenta, provocando inclinações mais instáveis para a prática de desportos de montanha. Em quase toda a costa mediterrânica, desde os anos cinquenta, proliferaram acampamentos, hotéis e urbanizações dedicados ao turismo, bem como produtos turísticos à base de sol e praia. No caso da Espanha, a percentagem de urbanizações é de 34%, mas em certas costas da Turquia é de 64%(Nguyen & Dinh Su, 2021). Este facto provoca a subida do nível do mar, previsto para ser de um ou mesmo dois metros, que pode causar inundações e erosões em áreas que eram consideradas seguras até agora. Isto causará prejuízos e perdas irreparáveis em urbanizações, praias e locais de interesse histórico e cultural transformados em locais de atração turística (Nguyen & Dinh Su, 2021; Reimann et al., 2018). Urbanizações como as que podem ser encontradas em Espanha em L'Albufera de Valência, ou na Croácia na costa Dálmata, locais históricos de interesse, centros arqueológicos, e muitos outros, localizados junto do mar e a apenas um metro de altitude, são vulneráveis a tempestades que podem ocorrer.

Outras vulnerabilidades são a perda de praias e o impacto da infraestrutura ferroviária. Embora, no caso das praias, não haja uma grande perda de edificações ou infraestruturas, o impacto socioeconómico pode ser relevante devido a uma enorme parte do PIB turístico na costa, é devido ao sol e ao turismo de praia. Em muitas zonas onde se realizam turismo rural, visitas a centros históricos ou caminhadas, os maiores perigos relacionados com as alterações climáticas serão as ondas de calor. No que diz respeito aos riscos geológicos, dependerá de fatores locais, tais como a tipologia do relevo montanhoso, localização ou geologia local (rochas, falhas, vulcões...). A partir daí, as alterações climáticas irão gerar variações que podem provocar, por exemplo, uma maior intensidade de chuvas que podem levar a

transbordamentos de rios. Estas terão consequências em acampamentos e urbanizações mal localizados devido a um plano urbano inexistente ou mal-executado. Ocasionalmente, intensas nevascas podem ocorrer em áreas que não estão preparadas para este tipo de fenómeno.

O Mediterrâneo é uma das regiões do planeta com mais instabilidade sísmica e vulcânica devido à sua localização, onde a placa eurasiática e a placa africana colidem. Estes riscos não apresentam variações significativas devido às alterações climáticas, mas não são completamente independentes. A colisão entre as placa eurasiática e africana causa importantes falhas geológicas que, conseqüentemente, acabam em terremotos. O Mediterrâneo Oriental é onde a intensidade das colisões é maior, levando a uma instabilidade sísmica mais intensa. A Grécia é o país com maior risco sísmico na bacia do Mediterrâneo, seguida pela Itália. Existem ainda zonas com um risco sísmico elevado ou moderado, especialmente o leste dos Alpes (Eslovénia), a Roménia, o norte da Argélia e o sul e sudeste de Espanha. Embora a maioria dos sismos possa afetar as zonas turísticas devido à sua capacidade destrutiva, não estão relacionados com as alterações climáticas e, por conseguinte, podem ser aprovadas políticas de prevenção, como a alteração da tipologia construtiva, o alarme para o *tsunami*, etc., para reduzir a sua vulnerabilidade. Também é necessário ter em conta que, em algumas ocasiões, a atividade humana pode provocar um sismo como o caso de Lorca (González et al., 2012). Isto foi causado pela sobre-exploração de um aquífero onde a redução de água levou a uma mudança nas tensões que fizeram a falha geológica de Lorca mover-se. Por esta razão, a sobre-exploração dos aquíferos, a qual é produzida devido à secura provocada pelas alterações climáticas e pode ser suscetível de causar um sismo, tem de ser tida em conta.

Diferentes fraturas ou zonas de subducção de uma placa sob outra geram o surgimento de magma e vulcões em diferentes zonas do Mediterrâneo. O maior risco ocorre na área central (Itália) e oriental (Grécia), mas também há vulcões na costa mediterrânica espanhola e francesa. Os vulcões do Mediterrâneo central e oriental podem produzir ocasionalmente *tsunamis*, como aconteceu em épocas históricas. De momento, não existem provas científicas que relacionem os efeitos das alterações climáticas com mais ou menos erupções. No entanto, não se pode excluir que, no futuro, possam ser encontradas algumas causas físicas e globais provocadas pelas alterações climáticas, mesmo na crosta terrestre, como menos gelo, portanto, o aumento do campo ou a sobre-exploração de aquíferos em sistemas hidrotermais

vulcânicos. As alterações climáticas provocarão variações nos riscos geológicos e em toda a bacia mediterrânica. Em maior ou menor grau, estas afetarão tanto as zonas costeiras como as montanhas e será necessário preparar e antecipar para poder reduzir a vulnerabilidade que pode advir deste fenómeno. Hoje em dia há diferentes modelos de previsão que podem ser considerados (Frihy & El-Sayed, 2013) para realizar um planeamento territorial para reduzir estes tipos de riscos.

1.2.3 Os Impactos da Pandemia COVID-19 e o Sector do Turismo da UE

O sector do turismo na União Europeia foi um dos mais atingidos pela crise da pandemia do coronavírus. A maioria das instalações turísticas foi fechada durante o pico da crise e eventos cancelados ou adiados. As empresas de turismo também estão entre as últimas a retomar as atividades e, mesmo que o façam, ainda precisam aplicar protocolos de saúde e medidas de contenção. A OCDE estima que o turismo sofreu uma quebra de cerca de 80% em 2020.

No entanto, algumas mudanças podem se tornar permanentes, como o aumento da compra de serviços turísticos *online* ou a maior atenção dada à higiene e à vida saudável. Um número crescente de turistas prefere destinos domésticos, áreas de valor natural, viagens ativas e evitar destinos superlotados, pelo menos no curto prazo.

No auge da pandemia, a maioria dos países da UE introduziu controlos temporários nas fronteiras e medidas restringindo a livre circulação em toda a UE. O rigor e o cronograma dessas medidas variaram muito de um país para outro. Recentemente, muitos destinos da UE começaram a suspender as medidas nacionais de confinamento e quarentena, incluindo restrições a viagens. Até 15 de junho de 2020, a maioria dos países da UE abriu as suas fronteiras aos viajantes da UE e começou a planear abrir as fronteiras a viajantes de determinados países terceiros a partir de 1 de julho de 2020.

A UE tem atuado para apoiar o setor do turismo, seja alterando temporariamente as regras da UE, ajudando a interpretar as regras atuais ou fornecendo apoio financeiro muito necessário. A Comissão Europeia ajudou a repatriar os viajantes da UE. Em 13 de maio de 2020, a Comissão adotou um pacote abrangente de medidas não legislativas para o setor do turismo e dos transportes, visando ajudar os países da UE a levantar gradualmente as restrições às viagens e permitir a reabertura das empresas de turismo e transportes.

O turismo foi duramente atingido pela crise do coronavírus e pelas medidas tomadas para conter a sua propagação. Como sublinhou recentemente a Comissão Europeia¹⁴, o turismo é uma parte importante da economia da UE. Gera divisas, apoia o desenvolvimento e a cultura local e regional.

Os serviços de viagens e turismo contribuem direta e indiretamente com cerca de 10% para o PIB da UE. Segundo a OCDE¹⁵, o turismo contribui diretamente, em média, com 4,4% do PIB, 6,9% do emprego e 21,5% das exportações de serviços nos países da OCDE (European Commission, 2020). O turismo é um setor particularmente importante para a criação de empregos para mulheres e jovens (ILO 2020). Muitos empregos no turismo são sazonais, de meio período e temporários. A maioria das empresas de turismo são também micro, pequenas e médias empresas (PME). Todos os destinos da UE, tal como no resto do mundo, aplicaram medidas relacionadas à pandemia de coronavírus e restrições de viagem. Restaurar a confiança dos viajantes também é um grande desafio.

A maioria dos Estados-Membros da UE e os Estados Associados de Schengen (Islândia, Liechtenstein, Noruega e Suíça), introduziram controlos fronteiriços temporários e medidas que restringiam a livre circulação na UE no pico da pandemia. No entanto, o rigor e o cronograma dessas medidas variaram muito de um país para outro. Os destinos da UE começaram recentemente a suspender as medidas nacionais de confinamento e quarentena, incluindo restrições a viagens. O ritmo de levantamento das restrições ao turismo variam muito de país para país. A maioria dos Estados-Membros abriu as suas fronteiras aos viajantes da UE até 15 de junho de 2020, seguindo-se outros até ao final desse mês. O *sítio web* de informações sobre vistos Schengen¹⁶ fornece um cronograma com uma visão geral da abertura das fronteiras nos Estados-Membros da UE. No entanto, a situação foi alterando, pois os países procuravam formas de gerir o vírus e limitar as restrições de viagem. Em 1 de julho de 2020, a maioria dos países da UE iniciou gradualmente a abertura das suas fronteiras.

¹⁴ EUR-Lex - 52020DC0550 - EN - EUR-Lex (2022). Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?qid=1591191111789&uri=CELEX:52020DC0550> [22 de Fevereiro de 2022].

¹⁵ EUR-Lex - 52020DC0550 - EN - EUR-Lex. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?qid=1591191111789&uri=CELEX:52020DC0550> [23 de Fevereiro de 2022]

¹⁶ Timeline of EU Member States Reopening Their Borders - SchengenVisaInfo.com. Disponível em: <https://www.schengenvisa.info.com/news/timeline-of-eu-member-states-reopening-their-borders/> [23 de fevereiro de 2022]

O impacto da crise do coronavírus no setor do turismo é enorme, com algumas partes do setor mais afetados que outros. Segundo as estimativas revistas da OCDE, o turismo diminuirá de 60 a 80% em 2020, dependendo da duração da crise de saúde e do ritmo de recuperação. A Organização Mundial do Turismo (WTO) previa uma redução de 60-80% nas chegadas internacionais (UNWTO, 2020a). O Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTO) previa que, no pior cenário, o mercado de viagens e turismo poderia perder mais de 197 milhões de empregos em todo o mundo em 2020, equivalendo a uma queda de 62% relativamente a 2019¹⁷. Segundo a OCDE, a recuperação aos níveis pré-crise pode levar dois anos ou mais. Alguns países e regiões da UE foram mais atingidos do que outros, nomeadamente os mais atingidos pela pandemia e mais dependentes do turismo (como a Itália). Os países que foram mais tardios no aliviar as restrições de viagem e reabrir as atividades turísticas também provavelmente serão mais atingidos. Espera-se que a recuperação seja mais rápida no turismo doméstico. Antes da crise, o turismo doméstico representava, em média, cerca de 75% da economia total do turismo nos países da OCDE. Conforme a OCDE, os países que eram mais dependentes do turismo doméstico (por exemplo, Alemanha) antes da crise, provavelmente se recuperarão mais rapidamente. No entanto, é improvável que o turismo doméstico compense em todos os destinos, o declínio do turismo internacional.

De acordo com uma pesquisa recente, é provável que as viagens de lazer sejam retomadas mais rapidamente do que as viagens de negócios. Muitos viajantes querem usar os vouchers de viagem oferecidos para viagens canceladas devido ao coronavírus, em vez de arriscar perder o seu dinheiro. Por outro lado, muitas empresas estão a limitar o seu orçamento de viagens corporativas devido às dificuldades financeiras ou porque a pandemia facilitou a mudança para um maior recurso a conferências *online*. A alta proporção de PMEs no turismo também é um fator. Como a Organização Internacional do Trabalho observa, o custo da pandemia 'pode ser proporcionalmente muito superior para as pequenas empresas devido aos seus recursos frequentemente limitados e às suas dificuldades de acesso ao capital. Os custos de aplicação de medidas rigorosas de saúde e contenção, bem como a adoção de ferramentas digitais, também podem ser relativamente mais altos para empresas menores.

¹⁷ News Article | World Travel & Tourism Council (WTTC). Disponível em: <https://wtcc.org/News-Article/More-than-197m-Travel-Tourism-jobs-will-be-lost-due-to-prolonged-travel-restrictions> [23 de fevereiro de 2022]

A crise também está a mudar o comportamento do turista. Embora alguns turistas prefiram adiar as suas viagens, 80% estavam dispostos a retomar as viagens para os países Schengen, nos primeiros três meses após a reabertura das fronteiras¹⁸.

Alemanha e França lideram a lista de destinos a visitar. Outros ajustes de comportamento de viagem incluem a preferência por destinos domésticos ou rurais e atividades ao ar livre, e evitando lugares públicos lotados, pelo menos a curto prazo. Algumas dessas mudanças podem se tornar permanentes, como o aumento da compra de serviços turísticos *online*, maior atenção à higiene e vida saudável, bem como maior uso de métodos de pagamento sem dinheiro e sem contacto.

A situação tem sido especialmente difícil no sector da aviação, que foi um dos primeiros afetados e também é um dos últimos a retomar as atividades. Segundo o Airports Council International Europe, em 8 de junho de 2020, o tráfego de passageiros caiu 98% relativamente ao mesmo período de 2019 ([Anexo M](#)). Em 9 de junho de 2020, a Associação Internacional de Transporte Aéreo (IATA) estimou que as companhias aéreas na Europa perderiam US\$ 21,5 mil milhões (19,12 € mil milhões) em 2020. Algumas companhias aéreas já faliram (por exemplo, a companhia aérea regional britânica Flybe¹⁹) ou podem cortar dezenas de milhares de empregos (por exemplo, Air France, que pode cortar até 10000 postos de trabalho - 20% do seu pessoal - até 2022²⁰). Várias companhias aéreas europeias reiniciaram as operações de voo em 15 de maio de 2020 com capacidade reduzida, quando a maioria dos países da UE suspendeu as restrições de viagem aos viajantes da UE. No entanto, não se espera que a procura anterior de passageiros seja alcançada no curto prazo. IATA estima que a procura de passageiros na Europa pode cair 56,4% em 2020²¹.

A crise tem sido muito difícil para as linhas de cruzeiros. A maioria das linhas de cruzeiro interromperam as suas operações em meados de março de 2020. Alguns tiveram problemas

¹⁸ Survey Reveals 62% of Travellers Will Visit Europe Within First Month of Border Reopening - SchengenVisaInfo.com. Disponível em:

<https://www.schengenvisa.info/news/survey-reveals-62-of-travellers-will-visit-europe-within-first-month-of-border-reopening/> [23 de Fevereiro de 2022]

¹⁹ Coronavírus: Airlines That Went Bankrupt or Collapsed Due to COVID-19. Disponível em:

<https://www.businessinsider.com/coronavirus-airlines-that-failed-bankrupt-covid19-pandemic-2020-3?IR=T#flybe-uk-march-2020-1> [23 de Fevereiro de 2022]

²⁰ Air France: jusqu'à 10.000 postes supprimés d'ici 2022? Air Journal. Disponível em: <https://www.air-journal.fr/2020-06-18-air-france-jusqua-10-000-postes-supprime-dici-2022-5220911.html> [23 de Fevereiro de 2022]

²¹ IATA - Industry Losses to Top \$84 Billion in 2020. Disponível em: <https://www.iata.org/en/pressroom/pr/2020-06-09-01/> [23 de Fevereiro de 2022]

para desembarcar e repatriar passageiros, sendo forçados a permanecer em quarentena, ganhando manchetes devido ao alto número de infecções a bordo. Outras convertidos em hospitais. A repatriação de membros da tripulação tem sido um grande problema. As primeiras linhas de cruzeiro já entraram com pedido de falência e milhares de trabalhadores de cruzeiros na Europa perderam ou vão perder os seus empregos. Em meados de maio de 2020, foi relatado que a empresa britânica de cruzeiros, Carnival (a maior empresa de cruzeiros do mundo) planeava cortar 450 empregos, enquanto outras empresas planeavam retomar a navegação em julho de 2020.

O relatório anual Hotrec 2019-2020²² observa que o setor de hotelaria e gastronomia enfrenta uma grave crise. Embora em vários países da UE (por exemplo, Bélgica e França), os hotéis tenham sido autorizados a permanecer abertos durante a crise, muitos fecharam, relataram taxas de ocupação extremamente baixas ou ofereceram acomodação para trabalhadores da linha de frente e pessoas vulneráveis. Conforme o STR, 4 em abril de 2020, a ocupação hoteleira na Europa caiu 84,6% relativamente a abril de 2019²³.

Na maioria dos países da UE, restaurantes, bares e cafés foram forçados a limitar a sua atividade aos serviços de entrega ou fechar completamente por vários meses. Apesar dos pacotes de emergência de apoio, muitos estabelecimentos correm o risco de não sobreviver à crise. Mesmo agora que restaurantes, cafés e bares podem reabrir, a sua capacidade permanece limitada devido a rigorosos protocolos de saúde.

As plataformas de economia compartilhada também relataram declínios acentuados, trazendo cortes de empregos e redução de investimentos. Em 5 de maio de 2020, Airbnb informou que estava a reduzir 25% da sua força de trabalho (1900 trabalhadores) e a limitar os investimentos em determinados segmentos (como a Airbnb Luxe). No entanto, no início de junho de 2020, o Airbnb notou um aumento nas reservas, principalmente para destinos domésticos²⁴.

²² HOTREC Annual Report 2020-2021 – HOTREC. Disponível em: <https://www.hotrec.eu/hotrec-annual-report-2020-2021/> [23 de Fevereiro de 2022]

²³ STR: Europe hotel performance for April 2020 | STR. Disponível em: <https://str.com/press-release/str-europe-hotel-performance-april-2020> [23 de Fevereiro de 2022]

²⁴ Airbnb Cuts 25 Percent of Workforce and Downsizes Hotel Investments. Disponível em: <https://skift.com/2020/05/05/airbnb-cuts-25-percent-of-workforce-and-downsizes-hotel-investments> [23 de Fevereiro de 2022]

Os Tratados da UE conferem à UE competências limitadas no que diz respeito ao setor do turismo. A UE apenas pode apoiar, coordenar ou complementar as ações dos Estados-Membros neste domínio. No entanto, a ação da UE pode ter impacto no setor do turismo através de ações legislativas noutros domínios, como os transportes. A UE, por exemplo, suspendeu temporariamente as regras que obrigam as companhias aéreas a usar as faixas horárias atribuídas nos aeroportos da UE.

Embora a UE não tenha uma rubrica orçamental separada para o turismo, ajudou a fornecer às empresas de turismo a liquidez e o apoio necessários para reter a sua força de trabalho. Com a Iniciativa do Instrumento de Resposta ao Coronavírus (CRII) de 37 mil milhões de euros, cuja gestão é partilhada com os Estados-Membros, a UE forneceu liquidez imediata às empresas afetadas pela crise. O CRII permitiu que os governos nacionais mobilizassem orçamentos de fundos estruturais não utilizados para vários fins, inclusive para apoiar as empresas de turismo. Com a Iniciativa de Investimento de Resposta ao Coronavírus Plus (CRII+), a UE introduziu uma maior flexibilidade nas regras que regem os fundos. Além disso, a Comissão disponibilizou até 8 mil milhões de euros através do Fundo Europeu de Investimento para ajudar as PME em toda a UE, incluindo no turismo²⁵.

O programa SURE²⁶, com 100 mil milhões de euros, ajuda os países a cobrir os custos dos regimes nacionais de trabalho de curta duração e medidas semelhantes que permitem às empresas salvaguardar os empregos. Além disso, a UE ajudou os Estados-Membros a prestar apoio às empresas do turismo, flexibilizando as suas regras fiscais e em matéria de auxílios estatais. Por último, o turismo é um dos setores-chave que podem beneficiar do plano europeu de recuperação industrial.

A Comissão Europeia tomou várias medidas para coordenar a resposta dos Estados-Membros à pandemia de coronavírus e garantir que as regras da UE existentes são interpretadas corretamente. Em março de 2020, a Comissão adotou orientações interpretativas sobre os direitos dos passageiros da UE e orientação informal sobre a aplicação da diretiva relativa às viagens organizadas. A Comissão também ajudou a repatriar viajantes da UE. Em 13 de maio de 2020, a Comissão adotou um pacote abrangente de turismo e transportes, permitindo que

²⁵ Cohesion policy action against coronavirus - Regional Policy - European Commission. Disponível em: https://ec.europa.eu/regional_policy/en/newsroom/coronavirus-response/ [23 de Fevereiro de 2022]

²⁶ Instrumento SURE | Comissão Europeia. Disponível em: https://ec.europa.eu/info/business-economy-euro/economic-and-fiscal-policy-coordination/financial-assistance-eu/funding-mechanisms-and-facilities/sure_pt [23 de Fevereiro de 2022]

as pessoas, assim que a situação sanitária o permita, viajem no seu próprio país ou através das fronteiras da UE, respeitando todas as precauções sanitárias necessárias. O pacote é composto pelas seguintes medidas:

- Uma estratégia geral rumo à recuperação em 2020 e além;
- Uma abordagem comum, restabelecer a livre circulação e levantar as restrições nas fronteiras internas da UE gradualmente e coordenada;
- Uma estrutura apoiar o restabelecimento gradual dos transportes, garantindo a segurança dos passageiros e do pessoal;
- Uma recomendação para tornar os vouchers de viagem uma alternativa atraente ao reembolso em dinheiro para os consumidores;
- Critério para o restabelecimento das atividades turísticas de forma segura e gradual e para o desenvolvimento de protocolos sanitários para estabelecimentos hoteleiros, como hotéis.

A Comissão recomendou que os Estados-Membros abram as fronteiras aos viajantes de fora da UE em três fases, sujeitas a certas condições prévias, como países com situações epidemiológicas semelhantes, garantia de cuidados de saúde e capacidade de testagem suficientes e sistemas de localização de contactos em vigor. A Comissão recomendou o restabelecimento gradual dos serviços turísticos, de forma coordenada e não discriminatória. Recomendou o uso de soluções *online*, tanto quanto possível (por exemplo, compra de passagens de transporte *online*), aumentar a limpeza e facilitar o acesso às instalações de lavagem das mãos. Também incentiva medidas de contenção, como distanciamento físico, e proteções adicionais, como máscaras ou painéis de vidro, ou plástico, quando o distanciamento é difícil de observar (por exemplo, em transporte público). A Comissão não recomenda deixar os assentos do meio vazios nos aviões, mas explorar a alocação de assentos mais adequada com base em restrições técnicas. Também apresenta uma série de sugestões para limitar as.

A Comissão especifica que, uma vez que a situação continua dinâmica, todas as medidas devem ser regularmente reavaliadas e ajustadas, tendo em conta os últimos desenvolvimentos epidemiológicos. A Comissão não é favorável à alteração das regras relativas aos direitos dos passageiros. Os passageiros e viajantes têm direito ao reembolso de viagens canceladas (em dinheiro ou sob a forma de voucher, à sua escolha). No entanto, a Comissão recomenda a criação de vales oferecidos para viagens canceladas mais atraentes (por exemplo, tornando-os válidos por pelo menos 12 meses).

Conforme anunciado no pacote, a Comissão lançou o sitio *web* na *internet Re-open EU*²⁷, em 15 de junho de 2020, fornecendo informações em tempo real sobre os mais recentes controlos fronteiriços e condições de viagem na UE, incluindo informações sobre saúde pública e medidas de segurança, como distanciamento físico e uso de máscaras. Ele também fornece *links* para esquemas de vouchers de patrocínio que permitem que os clientes demonstrem apoio a um hotel ou restaurante favorito comprando um voucher para uma estadia ou refeição futura.

A Comissão também está a avaliar e coordenando as restrições temporárias de viagem. Na sua comunicação de 11 de junho de 2020, a Comissão recomendou também a abertura das fronteiras externas da UE a estudantes e trabalhadores altamente qualificados de países terceiros. Por último, a Comissão solicitou aos Estados-Membros da UE que elaborassem uma lista de países terceiros a que poderiam abrir as suas fronteiras e propôs uma lista de verificação para selecionar esses países.

O Parlamento Europeu adotou uma resolução sobre *Transportes e Turismo em 2020 e além*²⁸ em 19 de junho de 2020 (587 votos a favor, 32 contra e 46 abstenções), com *feedback* geralmente positivo à ação da Comissão, enquanto solicita medidas adicionais para ajudar o sector das viagens e do turismo. Em particular, apelou ao apoio financeiro ao setor, incluindo uma rubrica orçamental específica no orçamento da UE. O Parlamento insta a Comissão a criar um certificado da UE para estabelecimentos e operadores que cumpram os mais elevados padrões e a lançar uma campanha de comunicação da UE dedicada, destinada a promover as viagens intracomunitárias, restabelecer a confiança nas viagens e no turismo durante a crise, e educar os turistas sobre as medidas de saúde e segurança em vigor.

²⁷ Re-open EU. Disponível em: <https://reopen.europa.eu/pt> [23 de Fevereiro de 2022]

²⁸ European Parliament - Tourism and transport in 2020 and beyond - Friday, 19 June 2020. Disponível em: https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-9-2020-0169_EN.html [24 de Fevereiro de 2022]

Capítulo 2. O SECTOR DO TURISMO

2.1 ENQUADRAMENTO, PASSADO E A EVOLUÇÃO ATÉ A ATUALIDADE

A indústria europeia do turismo é considerada extremamente importante tanto em termos de gerar receitas como na criação de emprego. No entanto, nunca foi uma prioridade estabelecer um regime especial para o turismo, assim como a agricultura na estruturação das áreas da UE em direções e unidades.

A baixa priorização do turismo decorreu da suposição geral de que o turismo não era tão importante quanto outras indústrias. Como já observa Kearney (1992, p. 35):

“European tourism has long suffered from the benign neglect of governments which have still to recognize its economic and social importance in modern economies increasingly dominated by the services sector.”

A estratégia da Comissão Europeia para o turismo da UE remonta a 2010. A Comissão atualizou as suas prioridades de turismo duas vezes durante o período 2014-2020, mas sem alterar a sua estratégia²⁹. Em junho de 2010, a Comissão publicou uma comunicação que estabelece a mais recente estratégia de turismo da UE. Declarou a sua intenção *“to encourage a coordinated approach for initiatives linked to tourism and define a new framework for action to increase its competitiveness and its capacity for sustainable growth”*. Identificou quatro grandes prioridades para a promoção do turismo e um conjunto de ações específicas da Comissão associadas a essas prioridades. No entanto, não indicou nenhum prazo para a sua implementação. Por último, a estratégia da Comissão também não especificou como os Estados-Membros e as suas próprias direções-gerais devem utilizar o financiamento da UE disponível para alcançar estas prioridades (ECA’s special report 2021). A pressão das partes interessadas encorajou a UE a dar maior prioridade ao turismo, em particular para a elaboração de políticas ativas e eficazes.

Atualmente, a UE não possui dotação orçamental específica para o turismo, utilizando recursos de diversos programas para implementar a política. Esta situação cria um grau de incerteza quanto à disponibilidade de financiamento para ações em curso e futuras e, assim, enfraquece o planeamento a médio e longo prazo. Um orçamento específico para o desenvolvimento do turismo atribuído no âmbito de um quadro financeiro plurianual

²⁹ Communication from the Commission to the European Parliament, the Council, the European Economic and Social Committee and the Committee of the Regions, Europe, the world's No 1 tourist destination – a new political framework for tourism in Europe, COM(2010) 0352 final. Disponível em: <https://ec.europa.eu/growth/tools-databases/vto/policy/europe-worlds-no1-tourist-destination> [16 de Junho de 2022]

permitiria à UE planejar eficazmente os seus programas de financiamento do turismo e dar às partes interessadas a confiança para uma participação a mais longo prazo.

O Parlamento Europeu criou um Grupo de Trabalho de Turismo em junho de 2012. Os membros da Comissão TRAN³⁰ realizaram uma Conferência de Alto Nível sobre Turismo no Parlamento Europeu em setembro de 2017 para promover a Política de Turismo da UE. As discussões centraram-se numa “estratégia europeia para aumentar a competitividade da indústria do turismo, um motor essencial para a criação de emprego” (Parlamento Europeu., 2019, pp. 98–99). Além disso, os deputados também continuaram a trabalhar na ideia de uma “rubrica orçamental separada para o turismo no orçamento da UE. Essa rubrica orçamental separada foi solicitada para o próximo Quadro Financeiro Plurianual (2021-2027) com o apoio da maioria dos grupos políticos” (Parlamento Europeu., 2019, p. 99). No entanto, os benefícios económicos do turismo tornaram-se mais visíveis, entre outros desenvolvimentos, com a introdução das CST (Contas Satélites do Turismo, ver [Anexo D](#)). O uso de 'Contas Satélites' permite a medição de setores que não são tradicionalmente agrupados como indústrias discretas pelas contas nacionais. O turismo é um bom exemplo disso. O turismo engloba atividades de pelo menos 12 outros setores ou indústrias, como transporte, hotelaria, serviços de alimentação e bebidas, entre outros. A utilização de CST permite que estes sejam medidos coletivamente, utilizando uma metodologia consistente, que permite comparações com outras indústrias e entre países.

2.1.1 O QUE É TURISMO?

Não existe um consenso quanto à definição do significado exato para o termo “Turismo”, contudo a Organização Mundial de Turismo (UNWTO)³¹ define-o como: *“as atividades que as pessoas realizam durante as suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros.”*³²

³⁰ Comissão TRAN (TRAN Committees - European Parliament). Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/committees/en/tran/about> [24 de Fevereiro de 2022].

³¹ World Tourism Organization (UNWTO) <http://www2.unwto.org/>. A Organização Mundial do Turismo (OMT) é uma agência especializada das Nações Unidas e a principal organização internacional no campo do turismo, destinada a promovê-lo e desenvolvê-lo. Disponível em: http://www.turismodeportugal.pt/pt/quem_somos/cooperacao-internacional/Paginas/Organizacao-Mundial-do-Turismo-OMT.aspx [15 de Novembro de 2019]

³² Tradução livre do autor. No original “the activities of persons traveling to and staying in places outside their usual environment for not more than one consecutive year for leisure, business, and other purposes.” (MAK, 2004)

A OMT define turismo como “as atividades de pessoas identificadas como visitantes. Um visitante é alguém que faz uma visita a um destino principal fora do seu ambiente habitual por menos de um ano para qualquer finalidade principal [incluindo] férias, lazer e recreação, negócios, saúde, educação ou outros fins. Esse âmbito é muito mais amplo do que a percepção tradicional do turista, que incluía apenas aqueles que viajavam a lazer.” (UNWTO, 2010). O turismo inclui as atividades de indivíduos e empresas que prestam serviços aos visitantes, bem como as atividades dos próprios visitantes.

2.1.2 TIPOS E FORMAS DE TURISMO

O turismo na sua essência poderemos aceitar com tendo dois tipos, o doméstico e o internacional, ou três tipos se este último subdividimos em: de entrada e de saída.

O Turismo Doméstico, refere-se ao movimento dentro das fronteiras do seu país³³, mas fora da sua área de residência habitual (e.g. residente do Porto em visita a outra parte de Portugal).

Inclui o turismo de entrada e o de saída:

- Turismo de Entrada: refere-se ao movimento do turista para outro país que não o seu onde reside habitualmente (e.g. um cidadão francês de visita a Portugal)
- Turismo de Saída: refere-se ao movimento do turista para outro país que não o seu onde reside habitualmente (e.g. um cidadão português de visita a qualquer outro país que não Portugal).

Tabela 2 - Algumas formas de turismo praticada hoje em dia:

1. Turismo nuclear	2. Turismo de aventura
3. Turismo de praia	4. Turismo cultural
5. Ecoturismo	6. Geoturismo
7. Turismo Industrial	8. Turismo médico
9. Turismo religioso	10. Turismo rural
11. Turismo sexual	12. Turismo espacial
13. Turismo desportivo	14. Turismo virtual
15. Turismo de guerra	16. Turismo de Vida Selvagem

Fonte: modificado de: [Glossary of tourism terms | UNWTO](#) ³⁴

³³ A referência a país, neste caso, é a indicação da residência habitual/permanente e não à nacionalidade (e.g. emigrante português na Alemanha em viagem de férias na Alemanha).

³⁴ Glossary of tourism terms | UNWTO. (2023). Disponível em: <https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms> [23 de Fevereiro de 2023].

2.1.3 DO PASSADO ATÉ A ATUALIDADE

As viagens como um elemento da atividade humana têm uma ascendência que remonta a milhares de anos, mas a ideia de viajar para fins de lazer, educativos ou de saúde assumiu de facto grande destaque durante o século XVIII, "Idade do Iluminismo", com o desenvolvimento do "Grand Tour" na Europa. Este circuito era denominado "Grand Tour", pois se estendia pela Europa Ocidental, realizada pelos jovens da rica elite social, é um dos temas muito frequentemente abordados na história do turismo e referenciada nos estudos modernos de turismo onde a imagem convencional da digressão como uma jornada realizada no século XVIII pela jovem aristocracia inglesa tem sofrido poucas modificações. O Grand Tour é provavelmente o primeiro grande movimento turístico (Colletta, 2015; Salgueiro, 2002).

O turismo passou de uma atividade de lazer elitista para um movimento de massas democrático. Fronteiras abertas, o surgimento de sociedades assistenciais, o livre intercâmbio de informações sobre destinos exóticos, o aparecimento do sector dedicado a tecnologia, informação e comunicação e o declínio nos custos de viagem levaram a uma posição de destaque o turismo e atividades de lazer na economia moderna. O turismo deve estimular o crescimento económico, mas também pode significar um sério desafio ao desenvolvimento sustentável, local e global. Em todo o mundo, o turismo tornou-se um novo veículo para a competição internacional e inter-regional. Consequentemente, o marketing inteligente e o posicionamento criativo da atratividade dos destinos turísticos tornaram-se uma arte em si. Atualmente, o turismo é um dos sectores maiores e de mais rápido crescimento da economia global (GlobalRescue. & WTTC., 2019; UNWTO, 2018b)(ver [Anexo E](#)) entretanto, tornou-se uma parte vital dos estilos de vida europeus. Com a crescente urbanização e desenvolvimento tecnológico, o fator de atração de destinos baseados na natureza aumentou, pois oferece o equilíbrio de retrocesso para estilos de vida urbanos em ritmo acelerado (Balmford et al., 2009). De acordo com o World Travel & Tourism Council (WTTC) em 2018, valeu US\$ 8,8 milhares de milhões (cerca de €7,9 milhares de milhões)³⁵, superando a economia global pelo oitavo ano consecutivo³⁶ (WTTC, 2019). O turismo cria um excedente para a economia da União Europeia (UE), com as receitas do turismo internacional excedendo os gastos dos

³⁵ Travel & Tourism in 2018 contributed \$8.8 trillion to the global economy|Travel Daily News International. Disponível em: <https://www.traveldailynews.com/post/travel-tourism-in-2018-contributed-88-trillion-to-the-global-economy> [28 de Fevereiro de 2022].

³⁶ 3,9% para viagens e turismo versus 3,2% para o PIB global

residentes da UE em turismo internacional em 27 mil milhões em 2016 (UNWTO, 2018a). A indústria representa cerca de 6% do total das receitas de exportação da UE, tornando-se a quarta maior indústria de exportação (Ibid.). Embora a UE seja responsável por 40% das chegadas de turismo internacional, isso gera apenas 31% das receitas do turismo internacional (UNWTO, 2019b). No entanto, as visitas aos países da UE não são distribuídas igualmente, sendo que os cinco primeiros representam cerca de metade do total de visitas, conforme mostra a tabela abaixo com os cinco principais destinos da UE em 2018.

Tabela 3 - Principais destinos da UE em 2018

	Chegadas (milhões)	Valor Gasto (Mil milhões USD)
França	89	67
Espanha	83	74
Itália	62	49
Alemanha	39	43
Reino Unido	36	52

Fonte: UNWTO (2019)

O setor de turismo é composto por mais de 2 milhões de empresas que empregam mais de 13 milhões de pessoas. Mais de 60% deles estão na indústria de alimentos e bebidas, seguido pelo setor de hotelaria (20%) e transporte (15%). Três indústrias dependem quase inteiramente do turismo: alojamento, agências de viagens/operadores turísticos e transporte aéreo, que representam cerca de 28%, empregando 3,6 milhões de pessoas (UNWTO, 2019b). Alguns destinos na Europa, como a Dinamarca, tem conseguido atrair mais, enquanto destinos tradicionais como Espanha, França e Itália consolidaram os seus números de chegadas e pernoites internacionais. A procura turística está a crescer na Europa, e a cada ano há mais turistas, segundo as previsões da OMT. Além dos números, os próprios turistas e como consomem também estão a alterar drasticamente. Os consumidores de turismo tornaram-se mais sofisticados: e as suas motivações e preferências tornaram-se mais complexas, há alterações significativas no seu comportamento e há também desafios geracionais.

Os turistas tendem a exigir produtos turísticos mais sustentáveis, bem como experiências turísticas individuais e autênticas. Uma experiência turística compreende os pensamentos, sentimentos e comportamentos que ocorrem durante as atividades turísticas. As experiências surgem de estímulos internos, como experiências e expectativas passadas, e estímulos externos, como o destino e as suas atrações (Bastiaansen et al., 2019). Como aponta a OCDE

no seu relatório de 2014, os turistas contemporâneos são, em geral, mais abertos a férias autoguiadas e buscam informações de outros turistas (amigos, familiares ou terceiros que postam avaliações na internet) (OECD, 2018). Além disso, a crise económica, desemprego e o poder de compra reduzido levaram muitos a prestar cada vez mais atenção aos preços e à relação custo-benefício.

Nos próximos anos, os *Millennials* e a Geração Z³⁷ se tornarão responsáveis pela maioria das mudanças no turismo e o seu comportamento de viagem pode levar a mudanças significativas no mercado de turismo (Skinner et al., 2015). Eles cresceram com acesso rápido e direto às informações possibilitadas pela internet e tecnologia digital, que desempenhará um papel fundamental na forma como acedem, navegam e interagem com os diferentes produtos e serviços turísticos. De fato, eles são altamente influenciados pelos média sociais e recomendações de colegas ao tomar decisões de viagem. É provável que eles viajem independentemente, escolham experiências de viagem que considerem 'autênticas' ou 'não para turistas', preferindo sair do caminho mais conhecido e 'viver como um local', e serem mais exigentes em comparação com gerações passadas (OECD, 2018).

Existe uma preocupação geral crescente de que o turismo precisa ser mais ambientalmente sustentável através da redução do consumo de energia, aumentando a biodiversidade e reduzindo as causas humanas das alterações climáticas. A procura por um turismo mais sustentável levaram ao desenvolvimento de formas alternativas de turismo, incluindo o ecoturismo, que visa apoiar resorts de propriedade local, administrados de maneira equitativa e ambientalmente responsável. Outras formas alternativas de turismo incluem saúde, cultura, religião, educação, conferências, viajantes solteiros e LGBTI (Margaras, 2017).

Há também uma preocupação crescente dos destinos com questões como *overtourism* (sobreturismo) gentrificação e turismofobia, mas, na verdade, todas essas questões também afetam a qualidade da experiência turística. De fato, a qualidade da experiência dos visitantes anda de mãos dadas, com a qualidade de vida das comunidades locais. Os desafios associados ao sobreturismo podem envolver “residentes alienados, uma experiência turística degradada, infraestrutura sobrecarregada, danos à natureza ou ameaças à cultura e ao património” (Peeters et al., 2018, p. 21).

³⁷ Os millennials, também conhecidos como Geração Y), são a coorte demográfica nascida entre o início dos anos 1980 e meados dos anos 1990, normalmente de 1981 a 1996. A Geração Z é a coorte seguinte, nascida entre meados dos anos 1990 e início dos anos 2000. embora haja menos consenso sobre as datas.

Embora o turismo seja atualmente responsável por cerca de apenas 5% das emissões globais de GEE, apenas um setor, a aviação, é responsável pela grande maioria destas, cerca de 40%³⁸. O transporte é um motor fundamental da indústria do turismo: é uma pré-condição para a viagem, por facilitar a mobilidade e o movimento de turistas do local de origem para o destino e vice-versa (S. Page & Ge, 2009). Com chegadas de turistas internacionais próximo de 1,4 mil milhões em 2018 (UNWTO, 2019c), e responsável por três quartos das emissões do turismo, tem um papel importante a desempenhar não apenas no desenvolvimento do turismo, mas na abordagem de questões como sustentabilidade e overtourism.

O crescimento recente do turismo deve-se na maioria ao crescimento das viagens aéreas, principalmente por meio de companhias aéreas de baixo custo. Embora tenha sido relatado recentemente “que os serviços ferroviários de longa distância na Europa estão a tornar-se rapidamente mais populares, pois os passageiros evitam voar por razões ambientais” (Railway Gazette, 2019). O transporte também é importante no movimento de turistas num destino, pois “a localização, capacidade, eficiência e conectividade do transporte podem, portanto, desempenhar um papel significativo na forma como um destino se desenvolve, influenciando significativamente a mobilidade dos visitantes e a conectividade das experiências turísticas dentro dos destinos” (ITF, 2015, p. 5).

Ao considerar o desenvolvimento do turismo num destino, a interconectividade e intraconectividade deve ser considerada para ser sustentável e as questões relacionadas ao sobreturismo devem ser abordadas. De acordo com uma pesquisa para a CE em 2014 (GfK et al.), se os destinos europeus fossem acessíveis a todos os visitantes, essa procura poderia aumentar até 44% ao ano.

Para responder à evolução das necessidades dos turistas, novos participantes entraram no mercado, facilitados pelo surgimento de plataformas *online* peer-to-peer (P2P) onde os indivíduos podem aceder a serviços turísticos diretamente de outros indivíduos (gratuito ou mediante pagamento). De forma semelhante, a economia partilhada está a desenvolver num contexto de rápido crescimento das chegadas de turistas internacionais no mundo, bem como na União Europeia (PE 2015).

A tecnologia da informação e comunicação (TIC) mudou drasticamente o setor de turismo. A forma como os turistas concebem as suas férias, acedem e compram os seus produtos e

³⁸ Data Visualisations – European Environment Agency. Disponível em: https://www.eea.europa.eu/data-and-maps/daviz#b_start=0 [25 de Fevereiro de 2022]

serviços mudou radicalmente. Nos últimos anos, houve um aumento no uso de dispositivos móveis (por exemplo, *smartphones* e *tablets*) para acessar informações, produtos e serviços antes e durante as viagens turísticas (PE 2015). Os destinos têm a possibilidade de apresentar ofertas aos clientes com base na localização usando a tecnologia de geolocalização, criando oportunidades para as organizações de marketing de destino. Muitas soluções tecnológicas contribuirão para a melhoria da experiência turística nos destinos: Inteligência Artificial, Realidade Virtual e Aumentada, Internet, etc.

Apesar da aceitação geral da forte influência da tecnologia no turismo do futuro, e apesar da existência de algumas iniciativas como o Observatório Virtual do Turismo³⁹, hoje ainda faltam dados que possam ajudar os destinos e organizações a compreender os futuros padrões, motivações e expectativas. A OCDE sugeriu que um “sistema de monitoração projetado para antecipar mudanças no ambiente do turismo e tendências de oferta e procura no turismo mundial, fornecer às partes interessadas do setor público e privado uma melhor visibilidade e dar aos profissionais do turismo uma ferramenta de tomada de decisão para melhorar a gestão das suas atividades” deve ser desenvolvido (OECD, 2018).

O uso generalizado das TIC e a maior procura de nichos turísticos específicos cria a necessidade de funcionários polivalentes, e de profissionais mais bem formados, capazes de produzir um impacto positivo na experiência e comportamento do turista. Os fluxos turísticos são geralmente caracterizados por um elevado grau de sazonalidade, com picos e vales nos níveis de procura, por exemplo, as épocas de pico são durante os meses de verão para férias de 'praia' e os meses de inverno para esqui, levando a uma alta sazonalidade da procura por trabalhadores. A natureza incerta do trabalho sazonal é um poderoso desincentivo para adquirir ou investir num alto nível de habilidades. Profissionais mal treinados, alta sazonalidade e baixos benefícios corporativos são desafios para o sucesso do turismo futuro. Assim, a visão tradicional do setor de turismo afetado pela sazonalidade e com alto grau de mão de obra não qualificada e com precárias condições de trabalho desafia as possibilidades de desenvolver novas formas de turismo de sucesso.

“Produto Turismo” abrange um número de diferentes categorias, são alguns exemplos:

³⁹ Virtual Tourism Observatory - Growth - Internal Market, Industry, Entrepreneurship And Smes - European Commission. Disponível em: <https://ec.europa.eu/growth/tools-databases/vto/> [28 de Fevereiro de 2022]

- Alojamento: hotéis, bed & breakfast (B&Bs)⁴⁰, pensões, apartamentos com serviço cozinha, campismo, caravanismo;
- Hospitalidade: serviços de servir alimentos e bebidas, por ex. pubs/bares, restaurantes, cafés, jantares privados para grupos / conferências;
- Serviços de transporte: a ferrovia, rodovia, água, redes aéreas e de aluguer;
- Visitas guiadas e guias turísticos;
- Agências de viagens e outros serviços de reserva, incluindo operadoras de turismo e empresas de gestão de destinos;
- Serviços culturais, como museus e teatros, etc.;
- Atividades desportivas e recreativas;
- Venda a Retalho

A indústria do turismo não é uma indústria única, mas sim um grupo de classificações de indústrias, que em maior ou menor grau dependem do turismo como a sua principal fonte de renda. A lista de algumas indústrias (ou atividades)^{41 42} associadas ao turismo são (UNWTO, 2008):

1. Alojamento para visitantes
2. Atividades de serviço de alimentos e bebidas
3. Transporte ferroviário de passageiros
4. Transporte rodoviário de passageiros
5. Transporte aquático de passageiros
6. Transporte aéreo de passageiros
7. Aluguer de equipamentos de transporte
8. Agências de viagens e outras atividades de serviços de reserva
9. Atividades culturais
10. Atividades desportivas e recreativas
11. Comércio retalhista de bens característicos do turismo específico do país
12. Outras atividades características do turismo específico do país

⁴⁰ Um “Bed & Breakfast” ou B & B é um tipo de alojamento que permite o pernoite e a primeira refeição do dia incluídos no preço. O alojamento é muitas vezes uma pousada com um pequeno número de quartos. Muitas vezes o anfitrião também vive no mesmo edifício/casa.

⁴¹ Glossary of tourism terms | UNWTO (2023). Tourism characteristic activities. Disponível em: <https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms>. [23 de Fevereiro de 2023]

⁴² International Recommendations for Tourism Statistics, page 42. 2008 https://unstats.un.org/unsd/publication/Seriesm/SeriesM_83rev1e.pdf#page=51 [23 de Fevereiro de 2023]

2.1.4 INTENSIDADE E SAZONALIDADE DO TURISMO NA UE

O turismo é um setor económico importante, contribuindo significativamente para o PIB e o emprego em muitos países e regiões da UE (Anexo J, Anexo K). É, no entanto, marcado por fortes variações regionais e sazonais devido à paisagem, clima ou diferenças socioeconómicas. Com base nos dados do relatório publicado em *Joint Research Centre (JRC)*⁴³ (Batista e Silva et al., 2019), fornece novas ideias sobre os padrões regionais prevaletentes de intensidade do turismo, sazonalidade do turismo e vulnerabilidade regional no setor do turismo em toda a UE, com altas resoluções espaciais e temporais sem precedentes. A análise dos dados indica claramente que o impacto relativo do turismo na Europa e a sua sazonalidade variam muito de país para país e, mais ainda, de região para região. As ilhas do Mediterrâneo, várias áreas costeiras, os Alpes e especialmente as grandes cidades tendem a ser os principais pontos turísticos da UE durante longos períodos do ano. As cidades parecem menos vulneráveis a choques no setor do turismo em comparação com outras áreas porque a sua dependência do turismo é relativamente baixa, enquanto também são menos afetadas pela sazonalidade. Por outro lado, várias áreas costeiras (Mediterrâneo, Atlântico, Báltico e Mar Negro) e montanhosas (Alpes e Pirenéus), bem como a maioria das ilhas do Mediterrâneo e muitas regiões italianas parecem estar altamente expostas ao turismo, portanto, vulneráveis a eventuais choques. Em termos sazonais, não surpreendentemente, o verão surge como a estação mais turística da UE, por coincidir com períodos de férias e condições climáticas favoráveis.

2.1.5 AS NOVAS TECNOLOGIAS NO TURISMO

A necessidade das pessoas de viajar mais rápido, mais seguro e com mais eficiência alimentou a invenção de grandes soluções tecnológicas. Durante as últimas décadas, o impacto da tecnologia nas viagens tornou-se ainda mais significativo graças à aplicação de novos serviços de TI, levando à ascensão do mercado de viagens *online* e à crescente digitalização da indústria de viagens. As tecnologias de informação e comunicação (TIC) são fundamentais para desenvolver uma indústria e destinos turísticos europeus mais inteligentes e competitivos. As novas gamas de tecnologias e inovações emergentes, como inteligência artificial, tecnologia

⁴³ **Joint Research Centre (JRC):** “*The Joint Research Centre is the European Commission’s science and knowledge service. (...) delivering the best scientific evidence and innovative tools for the policies that matter to citizens, businesses and governments*”. Disponível em: <https://ec.europa.eu/jrc/en> [17 de Novembro de 2019]

blockchain, *Big Data Analíticas*⁴⁴, robótica e internet, prometem criar muitas oportunidades para pessoas em todo o mundo. Entre as tendências tecnológicas que moldam as viagens e o turismo está a computação em nuvem⁴⁵, usada para acessar, gerir e armazenar dados *online*. De acordo com um estudo de 2021⁴⁶, mais da metade das agências de viagens e operadoras de turismo europeias compraram serviços de computação em nuvem usados pela internet naquele ano, enquanto apenas 29% fizeram o mesmo em 2016. Ao focar no setor hoteleiro, uma pesquisa de janeiro de 2022 analisando os tecnologias populares adotadas por hoteleiros em todo o mundo mostraram que um quarto das instalações implementou uma oferta de *check-in* de autoatendimento durante a pandemia de coronavírus (COVID-19)⁴⁷. Analisando as empresas de viagens e turismo com maior probabilidade de aceitar pagamentos em criptomoeda, estima-se que apenas cerca de mil estabelecimentos de hotelaria em todo o mundo, ofereceram soluções de criptomoeda em março de 2021, enquanto apenas 114 operadores turísticos e agências de viagens fizeram o mesmo⁴⁸. Através da sua implementação e legislação, as instituições europeias conseguem mudar vidas em todos os cantos da União. É necessário dar especial ênfase às áreas urbanas porque, de acordo com o Eurostat e a OCDE, 72% da população da UE28 vive em áreas urbanas (EUROSTAT, 2016). Até 2025, o impacto económico dos aplicativos da Internet na cidade está previsto para ser de €1,42 milhares de milhões (European Cities Marketing, 2017).

⁴⁴ Big data. In: Wikipédia, a enciclopédia livre [Em linha]. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022, rev. 18 Fevereiro 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Big_data&oldid=63051064. A *Big Data Analytis* é o uso de técnicas analíticas avançadas em conjuntos de big data muito grandes e diversos que incluem dados estruturados, semiestruturados e não estruturados, de diferentes fontes e em diferentes tamanhos, de terabytes a zettabytes. [24 de Fevereiro de 2022].

⁴⁵ A computação em nuvem descreve o uso de redes de servidores remotos - geralmente acessados pela Internet - para armazenar, gerir e processar dados. Como segmento de serviços de TI, a computação em nuvem gera quase 400 mil milhões de dólares em receita em 2021 e mostra poucos sinais de desaceleração.

Gartner. (April 19, 2022). Public cloud services end-user spending worldwide from 2017 to 2023 (in billion U.S. dollars) [Graph]. In Statista. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/273818/global-revenue-generated-with-cloud-computing-since-2009/> [20 de Junho de 2022]

⁴⁶ Eurostat. (March 17, 2022). Use of cloud computing services among travel agencies, tour operators, and related activities in the European Union (EU 27) from 2016 to 2021, by cloud service [Graph]. In Statista. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1231753/travel-agencies-cloud-computing-services-eu/> [20 de Junho de 2022]

⁴⁷ Stayntouch. (January 27, 2022). Leading technologies adopted in hotels worldwide as of November 2021, by period of implementation [Graph]. In Statista. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1310828/top-technologies-hotels-worldwide/> [20 de Junho de 2022]

⁴⁸ Statista. (March 9, 2021). Number of businesses that either have a cryptocurrency ATM or offer crypto as an in-store payment method as of March 9, 2021, by industry [Graph]. In Statista. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1222768/business-types-with-crypto-payment-solution/> [20 de Junho de 2022]

As tecnologias conseguem avançar a acessibilidade do turismo para pessoas com deficiência. Por exemplo, a inteligência artificial pode melhorar a entrega de informações turísticas, como combinar os requisitos específicos dos visitantes com deficiência à prestação de serviços acessíveis em movimento e nos destinos. Isso pode ser implementado desde a fase de informação e reserva até a entrega de experiências turísticas acessíveis, desde a escolha de uma atividade ou destino turístico até a viagem pelo local. De fato, a indústria já está desenvolvendo assistentes virtuais, ou seja, os *chatbots*⁴⁹, alimentados por inteligência artificial e *Big Data* para ajudar os viajantes a reservar viagens com mais facilidade, tornar os serviços mais eficientes e direcionados, bem como prever a procura de serviços.

Para a indústria do turismo, *Big Data* pode servir para monitorizar e rastrear fluxos de visitantes, identificar áreas lotadas, avaliar o desempenho da indústria e a sua volatilidade e refinar estratégias de turismo ou criar estratégias de especialização inteligente (Peeters et al., 2018). Além disso, a usabilidade das informações também pode incluir a tomada de decisões orientada por dados, bem como a monitorização de políticas e a medição do sucesso.

No entanto, esses dados precisam satisfazer a condição básica de serem 'aptos para uso', ou seja, dados que atendam a critérios de qualidade como relevância, precisão, confiabilidade, oportunidade, acessibilidade, coerência e imparcialidade. Assim, há a necessidade de fomentar a cooperação com provedores/intermediários de *Big Data* para inteligência de negócios e desenvolvimento de produtos turísticos, de modo a obter melhor transparência de dados. Em geral, as empresas de turismo são obrigadas a fornecer transparência de dados, enquanto os proprietários de *Big Data* não são.

Consequentemente, apesar de algumas iniciativas interessantes,^{50 51} as instituições europeias não devem ignorar que, com o aumento do uso de Big Data, surgem preocupações com a privacidade, a imprecisão e o uso indevido da informação, que deve ser devidamente regulamentada segundo princípios éticos baseados nos direitos humanos e na democracia.

⁴⁹ Chatterbot. In: Wikipédia, a enciclopédia livre [Em linha]. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022, rev. 20 Janeiro 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Chatterbot&oldid=62863758>. [24 de Fevereiro de 2022]. Chatbot (ou chatterbot) é um software que tenta simular um ser humano na conversação com as pessoas. O objetivo é responder às perguntas de tal forma que as pessoas tenham a impressão de estar a conversar com outra pessoa e não com um software. **Inbenta Chatbots** for the Tourism Industry, a Multi-Faceted Benefit - Inbenta (2020). Disponível em: <https://www.inbenta.com/en/blog/chatbot-tourism-industry/> [24 de Fevereiro de 2022].

⁵⁰ Big data-Shaping Europe's digital future. Disponível em: <https://digital-strategy.ec.europa.eu/en/policies/big-data> [19 de Fevereiro de 2022]

⁵¹ Initiatives | CROS. Disponível em: https://ec.europa.eu/eurostat/cros/content/initiatives_en [19 de Fevereiro de 2022]

Essas mudanças tecnológicas terão impacto na indústria do turismo, o que levará a uma procura por mão de obra especializada e qualificada para que o setor de turismo permaneça competitivo. Isso requer um investimento considerável no desenvolvimento do capital humano, educação em turismo e pesquisa ligada à digitalização, de modo a desenvolver produtos, serviços e sistemas de turismo digitalmente habilitados para ajudar na transição do setor para o futuro digital. Além disso, é também necessário investimento para apoiar as empresas na sua transição para o digital, para melhorar a experiência turística nos destinos. Uma tendência reconhecida são as ferramentas digitais utilizadas em museus ou patrimónios culturais onde a realidade aumentada, mista ou virtual é utilizada para aprimorar a experiência turística.

Outro exemplo é o rápido crescimento do uso da tecnologia móvel para fornecer informações instantâneas aos visitantes durante a sua estadia. O *software* de tradução em tempo real também está a tornar mais conveniente para os turistas viajarem para áreas em que não falam o idioma (OECD, 2018). É concebível que o turismo virtual possa complementar ou suplantar as viagens físicas para alguns viajantes. Por outro lado, com vidas cada vez mais conectadas, algumas pessoas buscam experiências alternativas 'reais' baseadas na natureza durante as viagens. Ainda está para surgir como os comportamentos das pessoas mudarão à luz desses tipos de tecnologias de mudança de paradigma (OECD, 2018).

Blockchain é uma tecnologia relativamente nova, mas tem o potencial de mudar a forma como os negócios operam. Um *blockchain* é um banco de dados distribuído que é composto por uma lista de pacotes de transações chamados blocos, os quais são anexados uns aos outros (Önder & Treiblmaier, 2018). Os aplicativos de *blockchain* no turismo podem incluir melhores formas de gestão de identidade e comunicação mais eficiente para viajantes com provedores de serviços de viagens. Tem o potencial de reduzir e/ou eliminar custos associados às taxas de câmbio entre moedas e permitir que as pessoas registem com segurança a sua propriedade sobre os dados. “As tecnologias baseadas em *blockchain* também podem fornecer financiamento alternativo para apoiar as atividades de investimento e o desenvolvimento do turismo. Essas soluções podem ajudar as PMEs de turismo a reagir às falhas do mercado, lacunas de financiamento e questões relacionadas à escala que levam a custos de transação mais altos, além de facilitar a gestão da cadeia de suprimentos e o financiamento local e global” (OECD, 2018).

A economia compartilhada surgiu há alguns anos e está a evoluir rapidamente. Os seus defensores argumentam que ampliou a oferta geral de opções de viagem ao fornecer acesso fácil a uma gama mais ampla de serviços que geralmente são de maior qualidade e mais acessíveis do que os fornecidos pelos provedores tradicionais. Também democratizou a indústria do turismo, pois qualquer pessoa pode facilmente iniciar o seu próprio negócio. Para além de uma maior flexibilidade, os turistas apreciam estas plataformas pela personalização, autenticidade e contacto com os cidadãos locais. Os críticos, por outro lado, afirmam que a economia compartilhada proporciona concorrência desleal, reduz a segurança no emprego, evita impostos e representa uma ameaça aos padrões de conformidade de segurança, saúde e deficiência (Juul, 2017). A resposta a esses desafios para a economia compartilhada permanece fragmentada na UE, o que é contraintuitivo, considerando a atual estratégia de mercado único digital da UE. É urgente atualizar a terminologia legal, colmatar as lacunas na legislação, bem como estabelecer um quadro regulamentar adequado, especialmente no que diz respeito aos seus efeitos nos fluxos turísticos.

Não existe uma abordagem única, ou melhor, para reduzir os riscos em todos os destinos (IPCC, 2014a), constituindo uma necessidade de ferramentas que possam analisar ameaças e apoiar a redução de riscos com base nas circunstâncias locais. Quando os gestores de destinos turísticos conseguirem antecipar possíveis mudanças ao obterem esses dados, essas informações, será essa a sua vantagem de para tomar decisões eficazes sobre como se adaptar (Bhandari et al., 2016). Recentemente, os processos de governança antecipada e prospetiva ganharam importância crescente na formulação de políticas (Muiderman et al., 2020; Vervoort & Gupta, 2018). Nos destinos turísticos, podemos levantar questões do tipo: “Como é que as alterações no ambiente biofísico e socioeconómico do destino impactam a atividade turística?” e/ou “Como é que as políticas de desenvolvimento do turismo podem ser projetadas para aliviar o efeito?”. As estruturas contemporâneas para a adaptação do destino concentram-se nos mecanismos interativos políticos, organizacionais e comunicativos necessários para estabelecer um objetivo comum (Jopp et al., 2010). No entanto, eles perdem uma abordagem sistemática de incluir a pesquisa científica na sua tomada de decisão. A análise de cenários tornou-se uma abordagem amplamente utilizada na governança antecipatória para estruturar informações e investigar cenários alternativos sobre o efeito que mudanças ambientais disruptivas podem ter nas organizações. Projeções em estudos de cenário podem então ser usadas para inspirar e orientar caminhos de políticas para redução

de risco no futuro (Goodwin & Wright, 2014; S. J. Page et al., 2010; Riahi et al., 2017; Vervoort & Gupta, 2018).

2.1.6 O TURISMO DA UNIÃO EUROPEIA: AÇÕES, INICIATIVA E POLÍTICAS

Consultando a informação disponível em qualquer das instituições como a OECD⁵² ou UNWTO⁵³, entre outras, podemos confirmar que os dados estatísticos mostram a importância do turismo europeu como destino turístico número um mundialmente. As instituições da UE envolvidas com o turismo, como o Parlamento Europeu, a Comissão dos Transportes e do Turismo, e a Comissão Europeia: secção de Turismo, trabalha de modo a dar mais ênfase a algumas questões específicas, uma vez que não existe uma política específica de turismo e programas de desenvolvimento. Uma consideração urgente deve ser dada a um marketing de serviço turístico adequado, aprimorando os programas de promoção, tomando padrões de experiências bem-sucedidas de outros países, usando ferramentas de marketing modernas inspiradas em novos mercados emergentes de turismo em todo o mundo. As possibilidades e perspectivas que o mercado interno dá ao turismo dos Estados-Membros, pelas ações e medidas comunitárias, visam proporcionar desafios e oportunidades para reforçar a posição do turismo europeu relativamente ao turismo mundial.

O turismo global continuou a crescer durante 2018, sendo o nono ano consecutivo de crescimento para o setor. As chegadas internacionais atingiram 1,4 mil milhões pela primeira vez, um aumento de pouco mais de 5% (UNWTO, 2019c), foi mais lento do que 2016-17, que cresceu cerca de 8% (UNWTO, 2018a). As primeiras indicações diziam que 2019 também teria um crescimento contínuo, mas a um ritmo mais lento do que no ano anterior, estimado em 3,5% para os primeiros seis meses (ETC, 2019).

As receitas turísticas também aumentaram em 2018, mais de 4% em 2017, para 1,7 milhares de milhões de dólares. O crescimento das receitas do turismo continua a superar o PIB global, como aconteceu todos os anos na última década, com exceção de 2009 e 2016. O turismo agora representa 7% das exportações globais e 29% das exportações de serviços; tornando-se a terceira maior indústria de exportação do mundo (UNWTO, 2019a).

⁵² (2022) Organization for Economic Co-operation and Development (OECD). Oecd.org. Disponível em: <https://www.oecd.org/about/> [22 de Fevereiro de 2022].

⁵³ (2022) United Nations – World tourism Organization (UNWTO). Disponível em: <https://www.unwto.org/> [22 de Fevereiro de 2022].

Na economia europeia o turismo desempenha um papel muito importante, não apenas em termos de crescimento económico, gastos dos visitantes, mas também contribui para o desenvolvimento regional e o emprego (ver Anexo F; Anexo G; Anexo H). O turismo tem impactos e interdependências em muitas áreas governamentais, incluindo transporte, meio ambiente, proteção ao consumidor e desenvolvimento regional. As políticas nestas áreas nem sempre foram coordenadas ao considerar os impactos potenciais sobre o turismo. No entanto, os benefícios económicos do turismo tornaram-se mais visíveis com a introdução das Contas Satélite do Turismo (CST).⁵⁴

Desde a implementação do Tratado de Lisboa em 2009, alterando o Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia (TFUE), a UE tem conseguido apoiar, coordenar ou complementar as ações dos Estados-Membros no domínio do turismo (Margaras, 2017). Isso efetivamente lançou uma nova fase na política de turismo da UE, pois reconheceu formalmente a política de turismo europeia (art. 6 TFUE sobre princípios e art. 195 TFUE sobre política de turismo) pela primeira vez com a sua própria base legal (Estol & Font, 2016). Este reconhecimento legal da política de turismo europeia também não levou a um grande impulso para a formulação de políticas de turismo a nível da UE. Embora a legislação da UE tenha progressivamente abrangido áreas em que a UE tem competência exclusiva ou partilhada com os Estados-membros (como os transportes, a segurança dos transportes e os direitos dos passageiros), a política de turismo continua a ser essencialmente regulada nacionalmente pelos Estados-Membros. A UE conseguiu implementar algumas medidas especiais para o turismo. Os primeiros são do interesse dos turistas (viajantes e/ou veraneantes). Essas medidas incluem medidas para facilitar a passagem de fronteiras e proteger a saúde e a segurança e os interesses materiais dos turistas. Entre eles estão a Recomendação 86/666/CEE do Conselho sobre segurança contra incêndios em hotéis, a Diretiva 2008/122/CE sobre propriedades de *timeshare* e a Diretiva (UE) 2015/230 sobre viagens organizadas e viagens associadas. Além disso, foram adotados regulamentos sobre os direitos dos passageiros em todas as áreas de transporte". (Margaras, 2017)

O Tratado de Lisboa reconhece a política de turismo relativamente à promoção da competitividade, incentivando o desenvolvimento de atividades para promover a cooperação

⁵⁴ As Contas Satélites do Turismo são a principal ferramenta estatística para medir o valor económico do turismo. Abrange tanto as despesas turísticas diretas, assim como as contribuições para a oferta turística (emprego, despesas empresariais, etc.)

entre os Estados-Membros, nomeadamente através da partilha de boas práticas, mas com a limitação geral de que qualquer harmonização das leis e regulamentos dos Estados-Membros é excluída (Estol & Font, 2016). As organizações de gestão de destinos (OGD)⁵⁵ têm um papel importante a desempenhar na coordenação e integração do desenvolvimento e implementação das políticas e estratégias da UE nos setores nacionais e nos níveis de governo (Spyriadis et al., 2011).

As ações e iniciativas empreendidas pela União Europeia (UE) nos últimos 5-10 anos no campo do turismo. Estes têm sido amplos e variam em tamanho, duração e níveis de suporte disponíveis. Os diferentes regimes de financiamento foram revistos e as informações gerais relacionadas com os projetos e iniciativas financiados também foram examinadas. Os dados apresentados foram recolhidos dos sítios *web* dos programas, bem como de publicações especializadas, como o “Guia sobre o financiamento da UE para o setor do turismo”⁵⁶. Existem outros programas que incluem projetos turísticos. Para os propósitos deste trabalho, apenas aqueles que têm um elemento turístico significativo nos seus programas foram incluídos. A tabela seguinte resume a informação dos programas, destacando as áreas de financiamento relacionadas com o turismo, bem como a informação orçamental. Um resumo alargado dos programas pode ser encontrado no [Anexo A](#).

⁵⁵ As Organizações de Gestão de Destinos (OGD) desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do turismo local e planeiam a direção geral das atividades turísticas na área, considerado as preocupações dos interessados e residentes.

⁵⁶ Comissão Europeia: https://ec.europa.eu/growth/sectors/tourism/funding-guide_en [22 de Fevereiro de 2022]

Tabela 4 - Ações e Iniciativas da União Europeia no Turismo

Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos (FEIE)	315 mil milhões de euros
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), ESIF - European Structural and Investment Funds	200 mil milhões de euros para o período 2014-2020
Fundo Social Europeu (FSE) ESIF - European Structural and Investment Funds	+83 mil milhões de euros para o período 2014-2020
Fundo Coesão (FC), ESIF - European Structural and Investment Funds	63,4 mil milhões de euros
Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER), ESIF - European Structural and Investment Funds	96 mil milhões de euros para o período 2014-2020
Fundo Europeu dos Assuntos Marítimos e das Pescas (FEAMP), ESIF - European Structural and Investment Funds	6,4 mil milhões de euros para o período 2014-2020
COSME - programa da UE para a competitividade das empresas e das PME	2,3 mil milhões de euros para o período 2014 - 2020
LIFE - Programa para o Ambiente e a Ação Climática	5,1 mil milhões de euros para o período 2021 - 2027
Horizon Europe	95,5 mil milhões de euros para o período 2021-2027
Destino Europeu de Excelência (EDEN)	-
Erasmus +	26.2 mil milhões de euros para o período 2021-2027.
Programa para o Emprego e a Inovação Social (EaSI) - No período de 2021-2027, o programa EaSI passará a ser uma vertente do Fundo Social Europeu Mais (FSE+).	919,5 milhões de euros para o período 2014-2020

Fonte: Guide on EU funding for tourism (Weston et al., 2019, pp. 25–27)

Capítulo 3. O TURISMO NA UNIÃO EUROPEIA

3.1 A INFLUÊNCIA ECONÓMICA DO TURISMO NA UNIÃO EUROPEIA

Existe uma abundância de informação recolhida sobre o turismo de um grande conjunto de países. Há detalhes sobre quem visita, quanto gastam e o que fazem enquanto estão num determinado destino. Os dados concentram-se no número de visitantes, no número de noites que ficam e no total de despesas. A principal dificuldade em medir o impacto económico do turismo, é que o impacto económico total do turismo, é a soma dos efeitos diretos, indiretos e induzidos numa região, e não existem muitos dados que possam refletir estes aspetos.

O turismo não é uma indústria na aceção tradicional, mas sim uma atividade que se desenvolve em vários sectores da indústria (o alojamento, a restauração, os transportes, a hospitalidade, o entretenimento e o comércio retalhista), pelo que a avaliação do impacto económico do turismo é uma questão muito complexa. As alterações climáticas, a energia, a tecnologia e a economia estão intimamente relacionadas, quer se trate de escalas locais, nacionais ou globais. Em poucas palavras, o modelo dominante da economia baseia-se no crescimento da atividade económica, que requer energia e tecnologia para promover transformações em bens e serviços.

A avaliação económica dos impactos é feita criando um cenário específico do estado da economia. Isso pode ser estático (a economia atual) ou dinâmico (a economia do futuro). Todos os estudos de impacto permitem fazer uma análise comparativa do cenário estático com base na metodologia de Equilíbrio Geral Computável (ECG)⁵⁷ (Ferreira Filho, 2018; Fortuna & Rege, 2010). Isso implica avaliar os impactos climáticos como se o clima futuro ocorresse no presente, afetando a economia e a população atuais. Essa abordagem é apropriada para evitar suposições sobre a evolução futura, a longo prazo, dos sistemas socioeconómicos (demografia, tamanho da economia, decomposição setorial do PIB, etc.), o que poderia distorcer bastante os impactos setoriais das alterações climáticas. Uma vantagem adicional dessa metodologia é que facilita a comparação da gravidade dos diferentes impactos com as mesmas métricas do sistema económico. No entanto, os valores absolutos dos danos podem ser irrealistas (e altamente conservadores), ao negligenciarem o crescimento dinâmico a longo prazo das economias em geral. Portanto, a análise estática comparativa dos setores

⁵⁷ Equilíbrio Geral Computável (EGC). In: Wikipédia, a enciclopédia livre [Em linha]. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019, rev. 25 Novembro 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Equil%C3%ADbrio_geral_comput%C3%A1vel&oldid=56813401 [15 de Junho 2022].

económicos assume os níveis atuais de população, produto interno bruto (PIB) e estrutura setorial do PIB.

Normalmente são aplicadas duas metodologias de avaliação do impacto do turismo no PIB: os modelos de Conta-Satélite de Turismo (CST) e de Equilíbrio Geral Computacional (EGC). Os modelos EGC reconhecem que o turismo é um sector (agregado) de entre muitos numa economia em concorrência com muitos outros por recursos escassos. Estes autores argumentam que as simulações de EGC dos efeitos do crescimento do turismo nas principais variáveis macroeconómicas indicam uma tendência para “excluir” outros sectores da atividade económica, reduzindo a produção e o emprego nesses sectores (Dwyer, Forsyth e Dwyer, 2020; Dwyer e Pham, 2013). Os modelos de EGC são um instrumento importante para os decisores políticos e para os empresários que pretendem planear o futuro. Em comparação com os modelos de input-output, a EGC pode incorporar os efeitos de retorno intersectoriais e as restrições de recursos, embora a análise de *input-output* seja a técnica mais frequentemente utilizada para quantificar os impactos do turismo. A metodologia de input-output tende a exagerar o efeito do crescimento do turismo na produção, no rendimento e no emprego de destino (Dwyer & Pham, 2013; Tisdell, 2013).

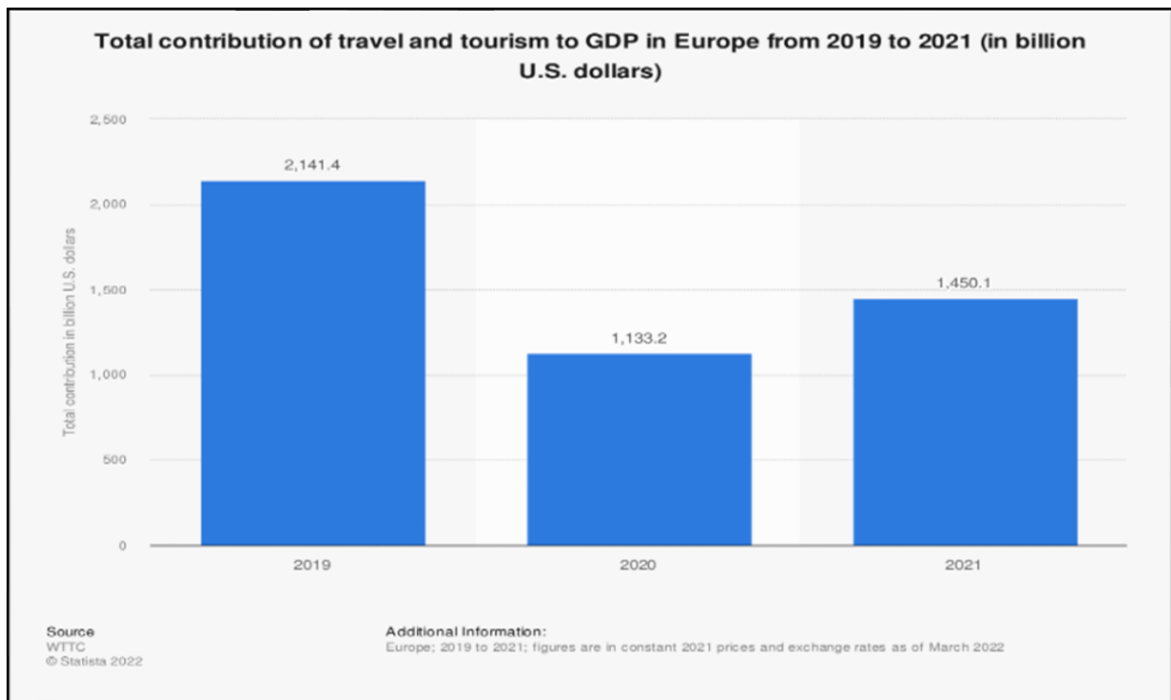
Em geral, os modelos EGC permitem uma melhor compreensão dos impactos dos choques externos e das mudanças políticas. Estudos sobre a contribuição económica do turismo para as economias estatais que utilizam modelos EGC argumentam que o turismo pode aumentar o bem-estar de um destino, retomando as condições comerciais a seu favor. No entanto, estes estudos mostram que o contributo económico do turismo é muito mais modesto do que as estimativas baseadas na análise dos resultados. Além disso, na presença de distorções na economia de acolhimento, uma expansão do turismo de entrada pode melhorar o bem-estar social, mas também pode reduzi-lo (Dwyer & Pham, 2013).

Esta metodologia serve para medir a contribuição do turismo para o crescimento económico, o método utiliza o crescimento do PIB real per capita como medida de crescimento económico e desagrega-o em crescimento económico gerado pelo turismo e pelo crescimento económico gerado por outras indústrias. Esta metodologia apenas permite avaliar os efeitos diretos das atividades de turismo no PIB geral da economia, constituindo uma limitação em termos de resultados no que se refere aos impactos do turismo no crescimento económico. O método é útil como instrumento de verificação de previsões suplementares para os modelos EGC, uma

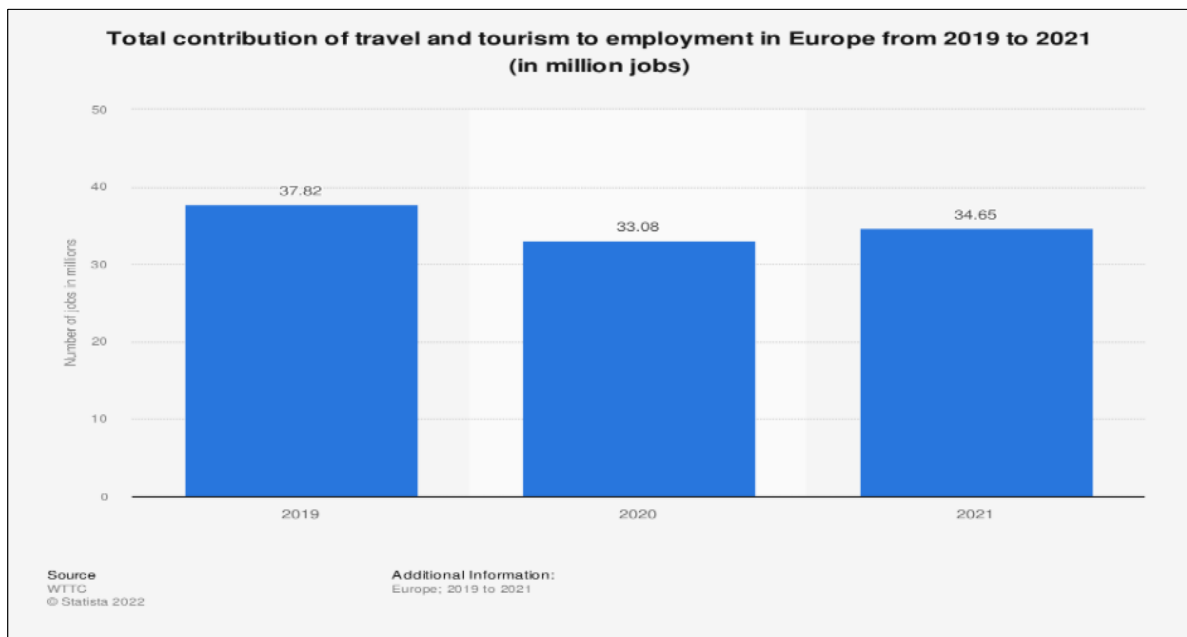
vez que os modelos de EGC simulam o que acontecerá na economia em consequência de choques externos, mas não indicam o que já aconteceu.

3.1.1 A IMPORTÂNCIA ECONÓMICA DO TURISMO NA UE

O turismo é a terceira maior atividade socioeconómica na União Europeia, sendo uma importante contribuição para o PIB e para o emprego ([Anexo I](#)). A contribuição total de viagens e turismo para o produto interno bruto (PIB) na Europa aumentou 28% em 2021 relativamente ao ano anterior, após uma queda acentuada em 2020 devido à pandemia de coronavírus (COVID-19). Geralmente, a contribuição total dessas indústrias para o PIB da Europa totalizou cerca de 1.450 mil milhões de dólares em 2021, subindo de cerca de 1.133 mil milhões de dólares em 2020, mas permanecendo abaixo dos níveis pré-pandemia.



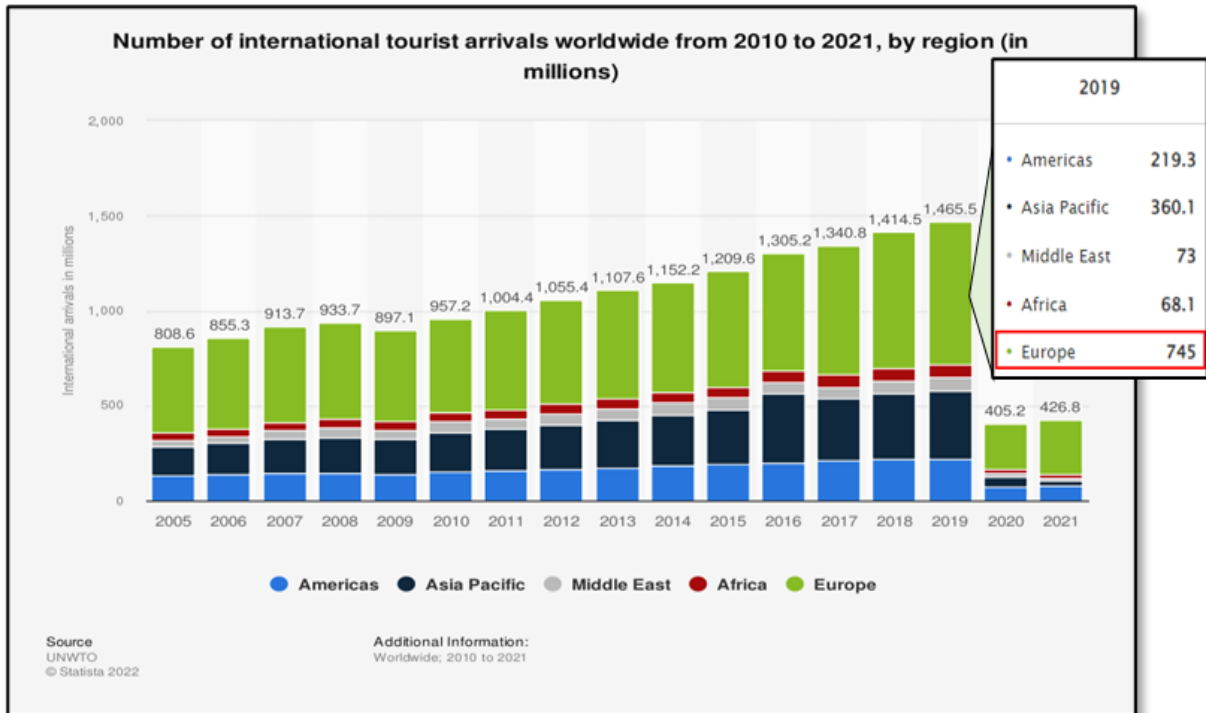
Fonte: Contribuição total de viagens e turismo para o PIB na Europa de 2019 a 2021 ([Statista 2022](#))



Fonte: Contribuição total das viagens e turismo para o emprego na Europa 2019-2021 ([WTTC 2022](#); [Statista 2022](#))

Em 2021, as viagens e o turismo na Europa geraram, direta e indiretamente, cerca de 34,65 milhões de empregos. Embora esse número tenha aumentado 4,7% em comparação com o primeiro ano da pandemia de coronavírus (COVID-19), a contribuição total dessas indústrias para o emprego na região permaneceu abaixo dos níveis pré-pandemia.

A Europa é também o principal destino turístico do mundo, tendo atingido as 745 milhões de chegadas em 2019, tornando-se a quarta maior indústria de exportação da União Europeia (Weston et al., 2019).⁵⁸



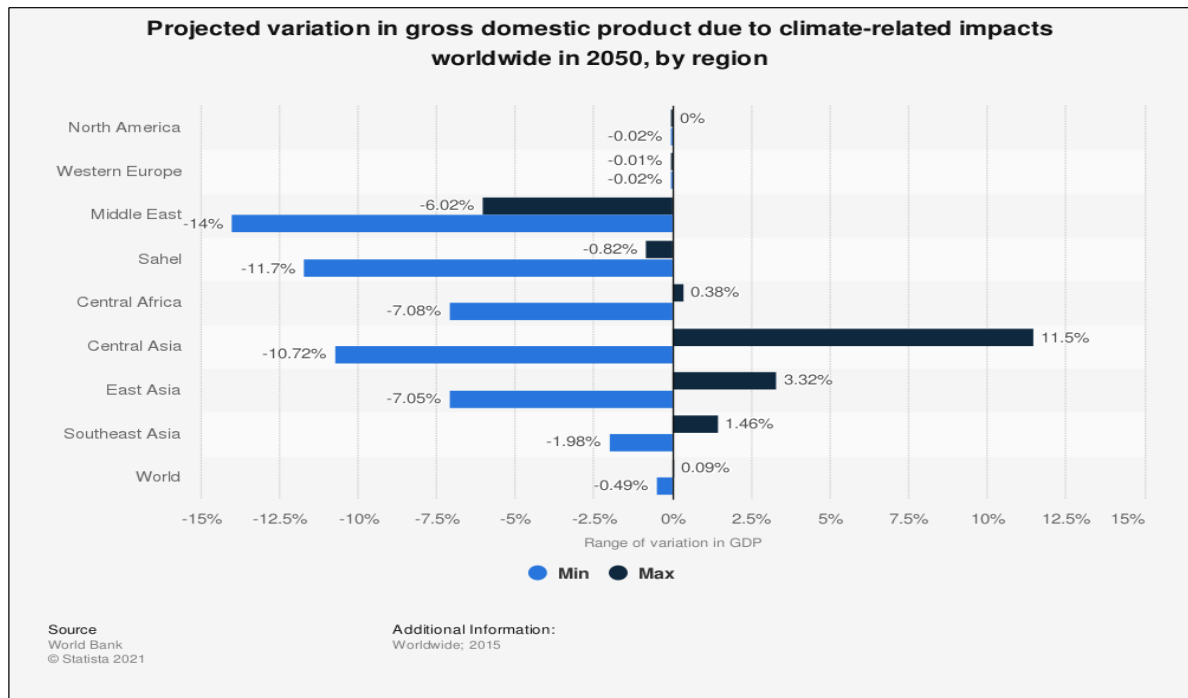
Fonte: Número de chegadas de turistas internacionais, mundial de 2010-2021, por região (UNWTO 2022, p 4; Statista 2022)

O turismo desempenha um papel importante na economia da UE, com um impacto geral positivo no crescimento económico e no emprego. O turismo também contribui para o desenvolvimento das regiões europeias e, se sustentável, ajuda a preservar e valorizar o património cultural. O turismo global teve um crescimento consistente durante quase uma década após a recessão económica de 2008, a Europa foi um exemplo a ser seguido pelo resto do mundo. Os setores de alojamento turístico e hotelaria lideraram a criação de empregos e oportunidades e impulsionaram o desenvolvimento social e o crescimento económico (HOTREC, 2020).

As alterações climáticas levarão a custos económicos e, esses custos, geralmente conhecidos como “custos de inação”, fornecem informações importantes para o debate de políticas sobre riscos climáticos, mitigação e adaptação.

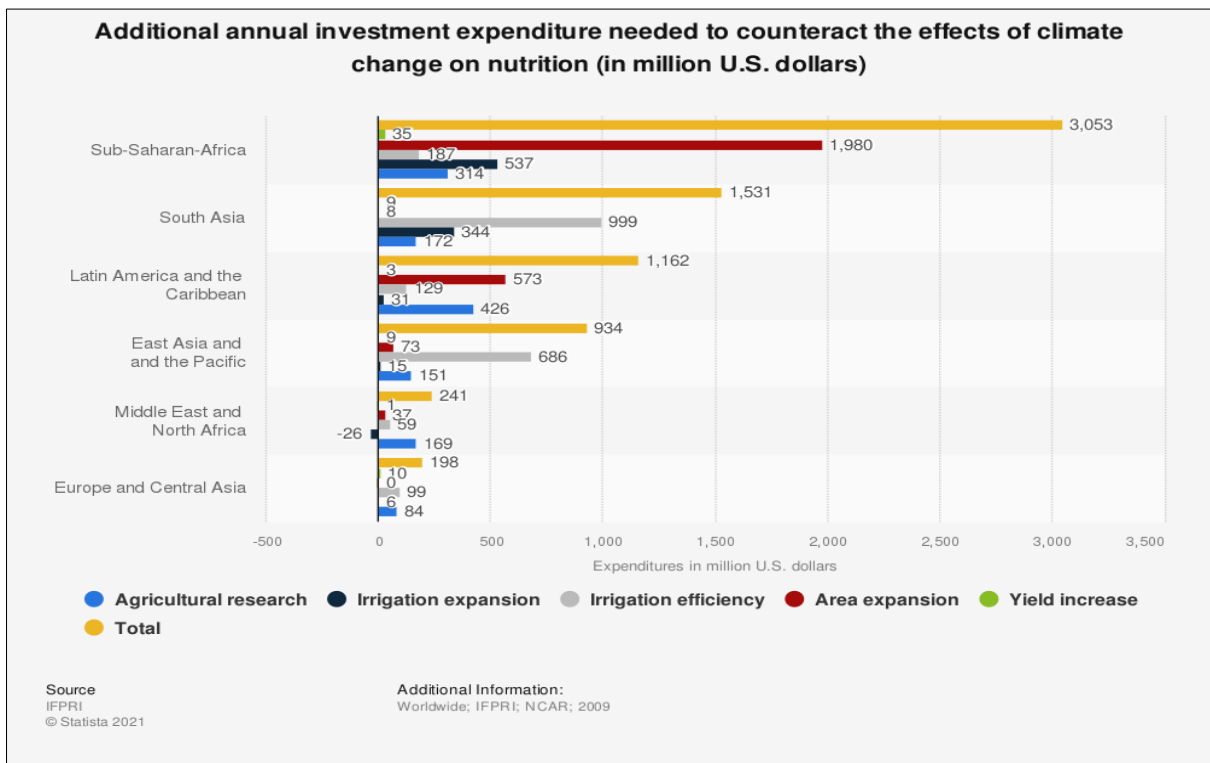
⁵⁸ European Commission Communication on 'Europe, the world's No 1 tourist destination – a new political framework for tourism in Europe'. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2010:0352:FIN:EN:PDF> [15 de Novembro de 2019].

Abaixo dois exemplos de custos diferentes, o primeiro, da variação projetada no produto interno bruto devido a impactos relacionados ao clima em todo o mundo em 2050, por região. Essa estatística indica essa faixa de variação do PIB, com base nos impactos das alterações climáticas em 2050, desagregado por região. Prevê-se que em 2050 os impactos das alterações climáticas no Oriente Médio levem a uma redução entre 6 e 14 por cento do PIB da região.



Fonte: Impactos relacionados ao clima global no PIB por região 2050 (World Bank Group 2016, p 13; Statista 2016)

O segundo exemplo, mostra despesas de investimento anuais adicionais necessárias para neutralizar os efeitos das alterações climáticas na nutrição. Esta estatística mostra as despesas de investimento anuais adicionais para a agricultura devido a investimentos que aumentam a produtividade, necessários para neutralizar os efeitos das alterações climáticas sobre a nutrição. As despesas anuais de pesquisa agrícola necessárias no sul da Ásia totalizaram 172 milhões de dólares americanos adicionais.



Fonte: Alterações climáticas: custo de adaptação para investimentos que aumentam a produtividade (Statista 2022)

Avaliar dados recentes do turismo e o desempenho do setor, é uma forma útil de monitorizar diretamente as principais tendências da procura de viagens em toda a Europa. Isso pode ser complementado observando as principais tendências e relações no desempenho macroeconómico nos principais “mercados-fonte” da Europa, o que nos pode fornecer informações úteis sobre possíveis desenvolvimentos do turismo. As ligações entre o desempenho macro e turístico podem ser muito informativas. Por exemplo, um forte crescimento do PIB ou dos gastos do consumidor é uma indicação de prosperidade crescente das pessoas, ou seja, com maior probabilidade de viajar para o exterior. É também uma indicação do aumento da atividade comercial, portanto, aumento das viagens de negócios. Alterações nas taxas de câmbio relativamente ao euro poderá ser igualmente importante, pois pode influenciar a escolha do destino. Vejamos um exemplo simples, se o euro valorizasse relativamente ao dólar americano, a zona do euro se tornaria um destino mais caro, portanto, potencialmente menos atraente para os visitantes dos EUA. Por outro lado, a depreciação do euro relativamente ao dólar americano tornaria a zona do euro um destino relativamente mais barato, portanto, mais atraente para os turistas americanos. O turismo é uma indústria multimilionária, mas, é altamente dependente dos recursos climáticos. As alterações

climáticas podem provocar mudanças nos fluxos turísticos, com grandes implicações económicas (Grossi & Mussini, 2021). Higham e Hall (2005, p 301) identificaram e previam as alterações climáticas como sendo o desafio número um para o turismo neste século.

No Quarto Relatório de Avaliação do IPCC, o turismo tem muito mais destaque do que nas avaliações anteriores, embora o setor ainda não receba a atenção devida com base na sua importância económica. As alterações climáticas são agora reconhecidas pela maioria dos governos e cientistas em todo o mundo, como uma questão social e ambiental significativa que a população global e os seus recursos enfrentam. O turismo é uma indústria dependente do clima, e muitos destinos devem a sua popularidade a seus climas agradáveis durante as festas tradicionais. Enquanto destinos como o Mediterrâneo podem sofrer alterações na época alta dos meses de verão para a época média, regiões em latitudes mais altas provavelmente sofrerão um prolongamento das estações de verão. Os efeitos dessas mudanças dependerão muito da flexibilidade demonstrada por instituições e turistas à medida que reagem às alterações climáticas, com implicações substanciais para a redistribuição espacial e temporal das atividades turísticas.

3.1.2 TURISMO E O SEU BENEFÍCIO ECONÓMICO

Os efeitos combinados das grandes despesas de investimentos em infraestruturas e o associado afluxo de visitantes significam que o turismo pode ter impactos significativos, tanto positivos como negativos, sobre a economia, sobre a cultura e sobre o ambiente. Na prática, o motivo dominante para o desenvolvimento do turismo é económico (melhoria do emprego, dos rendimentos e das exportações), mas o próprio processo de desenvolvimento do turismo irá impor custos noutros locais (Tisdell, 2013). Para que as organizações governamentais e não governamentais tomem decisões sensatas e racionais no que diz respeito ao desenvolvimento atual e futuro do turismo, têm de dispor de informações fiáveis sobre os seus custos e benefícios (Fletcher et al., 2018). Sem essa informação, há o risco de perder oportunidades de investimento significativas, de os desenvolvimentos de infraestruturas fundamentais poderem ficar sem fundos, ou de os desenvolvimentos poderem assumir a forma errada, ou ocorrer no local errado. Os benefícios económicos são provavelmente a principal razão pela qual tantos países estão interessados no desenvolvimento do turismo, e a contribuição do turismo para a economia mundial é considerável.

Antes de discutir em pormenor os vários benefícios económicos do turismo, talvez seja oportuno clarificar a atual situação do turismo na economia mundial. É discutível afirmar que o turismo é a maior indústria do mundo, ou talvez não, pois é difícil definir a indústria do turismo, uma vez que, ao contrário de outras indústrias, não existe um único produto claro. Abrange os mais diversos setores desde o alojamento, transportes, atrações, empresas de viagens e muito mais. Embora possa haver debates sobre a dimensão exata do impacto do turismo na economia mundial, poucos argumentariam ser um contributo importante. A escala dessa contribuição variará consideravelmente entre os países, em parte porque a dimensão do turismo doméstico varia (o impacto dos visitantes internacionais é provavelmente maior do que o impacto dos turistas domésticos, a importância do turismo doméstico não deva ser subestimada) e, em parte, porque o número e a despesa dos visitantes internacionais também variam. A Europa atrai quase metade das receitas geradas pelo turismo internacional e, em particular, a França atrai o maior número de visitantes de qualquer país, apenas como curiosidade o museu do Louvre, em Paris, foi o mais visitado do mundo, tendo atingido a impressionante quantidade de 9,6 milhões visitantes em 2019 ([Anexo L](#)) (Statista, 2021).

Globalmente, a contribuição direta do turismo e viagens ao PIB foi de aproximadamente 2,9 mil milhões de USD em 2019 (Statista, [s.d.])⁵⁹. As estimativas do Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC), sugerem que gera cerca de 334 milhões de empregos em todo o mundo que representa 10,4% do PIB mundial (WTTC, 2021) ([Anexo G2](#)). Os valores correspondentes na União Europeia da contribuição do turismo e viagens ao PIB, foi de aproximadamente 1,5 mil milhões de USD e de 22,6 milhões de empregos, ou seja, 11,2% do emprego total europeu (WTTC, 2020). Quando olhamos para os países que mais contribuíram diretamente para o PIB global, a indústria de viagens e turismo dos Estados Unidos contribuiu com a maior quantia em 580,7 mil milhões de USD⁶⁰. Esta indústria foi severamente afetada pela pandemia global do coronavírus (COVID- 19) que iniciou no princípio de 2020.

Para além de ser uma importante fonte de receitas para os países em todo o mundo, o turismo é também uma indústria onde as perspetivas de crescimento a longo prazo são boas, na verdade, na última década, o crescimento das receitas do turismo excedeu as taxas de crescimento observadas na maioria dos outros sectores de serviços (UNWTO, 2020b, p. 12).

⁵⁹ Global tourism industry - statistics & facts. Disponível em: <https://www.statista.com/topics/962/global-tourism/#dossierKeyfigures> [27 de Fevereiro de 2022]

⁶⁰ Idem

É evidente que o turismo está sujeito a choques a curto prazo e a flutuações da procura, como pelo passado ficou demonstrado no rescaldo dos ataques terroristas de 11 de setembro, as chegadas internacionais de turistas nos Estados Unidos diminuíram quase 11% em 2001, em comparação com 2000, do mesmo modo, quando existem catástrofes naturais, o *Tsunami* na Indonésia, ou o terramoto no Haiti. O exemplo atualmente vivido em todo o mundo provocado pela pandemia Covid-19, caindo 51% o contributo do turismo no PIB Europeu, espelhando o cenário mundial. No entanto, a longo prazo, à medida que os rendimentos continuam a aumentar, haverá uma procura crescente de lazer. À medida que as viagens se tornam mais fáceis e mais rápidas, a nossa curiosidade natural e o nosso desejo de novas experiências tornar-se-ão cada vez mais realizados através da expansão do turismo doméstico e internacional. O desafio que se coloca ao sector do turismo não se prende tanto com a consecução do crescimento, mas sim com a gestão desse crescimento, de modo a obter os máximos benefícios sem impactos negativos significativos nos ambientes naturais, culturais e sociais.

Creio que com o referido atrás conseguimos mostrar, mesmo que superficialmente, o significado económico geral do turismo. Avançámos refletindo sobre os benefícios económicos e, em particular, sobre as formas como os países individuais podem beneficiar com o turismo. Como refere Fletcher *et al.* (2018), os custos e benefícios económicos podem resultar tanto dos investimentos iniciais para o desenvolvimento do turismo como das despesas regulares dos turistas que visitam um determinado local. A avaliação do impacto dos grandes projetos de investimento basear-se-ia normalmente numa análise de custos-benefícios convencional, enquanto a avaliação do impacto de um fluxo regular e diversificado de despesas turísticas requer uma abordagem bastante diferente.

Continuando a refletir, focando-nos sobre o impacto da continuação das despesas turísticas nos principais agregados económicos, tais como o rendimento e o emprego. Considerando o impacto agregado das despesas com o turismo, partimos do princípio de que existe uma capacidade disponível numa economia, ou seja, que a economia tem capacidade para expandir o emprego e a produção, em resposta à procura por parte dos turistas. No entanto, se esta capacidade não utilizada estiver ausente, as despesas turísticas resultarão num aumento dos preços e não num aumento do rendimento e do emprego (Mayer & Vogt, 2016; Stabler *et al.*, 2010). Os referidos impactos das despesas com o turismo são geralmente considerados, ou divididos em três rubricas, os Efeitos Diretos, Indiretos e os Induzidos

(Lemma, 2014, pp. 2–11). Os efeitos diretos do turismo resultam das despesas dos turistas, que geram imediatamente rendimentos para as empresas e para as famílias, emprego e receitas fiscais. Os efeitos indiretos surgem porque o rendimento inicial recebido pelas famílias, pelas administrações públicas e pelas empresas locais é gasto em atividades necessárias para fornecer os produtos e serviços adquiridos pelos turistas. Por vezes, trata-se de despesas “a montante”. Além disso, alguns dos rendimentos recebidos pelos governos, famílias e empresas serão gastos a jusante, ou seja, em bens de consumo e serviços não relacionados com o fornecimento de produtos turísticos. Em cada fase, perdem-se algumas despesas com o turismo, porque são utilizadas para adquirir bens e serviços importados e algumas despesas induzidas podem ser perdidas através de poupanças, são geralmente designadas por fugas.

As despesas iniciais de turismo têm um efeito direto na forma de rendimento para as empresas, no que diz respeito aos bens e serviços adquiridos pelos turistas, aos salários das famílias, relacionados com o emprego relacionado com o turismo e aos rendimentos destinados ao governo, através de impostos e comissões relacionados com o turismo. Quando os turistas gastam os seus rendimentos em bens importados (alimentos e bebidas, em hotéis, salários de trabalhadores estrangeiros, etc.), os gastos são perdidos para o sistema (fugas via importação). Os governos, as famílias e, em particular, as empresas devem então efetuar compras de modo a proporcionar bens e serviços relacionados com o turismo. Isso é mais evidente no caso das empresas que têm de comprar uma série de diferentes fatores de produção, para criar os bens e serviços adquiridos pelos turistas. Esta despesa indireta proporciona mais rendimento a outras empresas, às famílias e à administração pública (bem como perdas adicionais através das importações), irão, por seu lado, “re-gastar” os rendimentos recebidos para comprar os fatores de produção necessários e proporcionar rendimentos a outras empresas, famílias e governos. Assim, o efeito da despesa inicial é multiplicado por toda a economia. Além disso, é importante lembrar que nem todas as despesas iniciais são gastas na compra de fatores de produção relacionados com o turismo. Famílias, governos e empresas também gastarão algum rendimento no seu próprio consumo, e esta despesa adicional de consumo é efetivamente induzida pelo rendimento adicional recebido do turismo. Esta despesa de consumo, por seu lado, constitui uma fonte de rendimento para outras famílias, para a administração pública e para as empresas. Como em outros tipos de gastos, há risco de fuga via gastos com importações. Claramente, a despesa

inicial por parte do turismo pode ter efeitos adicionais significativos em toda a economia, resultando num aumento das receitas e despesas de diversos grupos, muitos dos quais não estão diretamente ligados ao turismo.

Este processo de despesa e reutilização é normalmente descrito como o efeito multiplicador. O termo "multiplicador" é utilizado para descrever a mudança final da produção numa economia relativamente à mudança inicial das despesas turísticas e é fundamental para qualquer medição do impacto económico do turismo. O verdadeiro impacto do turismo não é a despesa real dos turistas, é o impacto final que esta despesa tem na economia. Podem ser calculados diferentes valores multiplicadores consoante o resultado que for de interesse. Por exemplo, os multiplicadores de produção medem o impacto das despesas com o turismo na produção de uma economia, os multiplicadores de rendimentos medem o impacto nos rendimentos e os multiplicadores de emprego medem o impacto no emprego.

Para além destes impactos específicos nas receitas e nas despesas, existem outros benefícios económicos mais gerais normalmente associados ao turismo. Muitos comentadores chamam a atenção para o importante papel que o turismo pode desempenhar na simulação do crescimento económico, e o turismo pode revestir-se de particular importância para os países que não dispõem de grandes recursos naturais, transformando o rendimento do turismo numa importante fonte de receitas e contribui significativamente para o crescimento económico futuro (Calero & Turner, 2020; Liu, 2022).

É particularmente importante o facto de o turismo ser uma das principais fontes de câmbio, proporcionando assim a base para o crescimento económico impulsionado pelas exportações. Vale a pena notar também que o desenvolvimento do turismo pode reduzir a dependência de um país relativamente aos produtos de base como fonte de receitas de exportação. A excessiva dependência de uma única fonte de rendimento é sempre suscetível de criar riscos, mas estes são provável e particularmente evidentes relativamente aos produtos de base, em que os preços podem apresentar níveis elevados de volatilidade de ano para ano e, em que as políticas de apoio à agricultura aplicadas em muitas economias desenvolvidas têm reduzido artificialmente os preços no mercado mundial. Para além de ter um impacto positivo no crescimento económico e no desenvolvimento em geral, o turismo pode também ter um impacto positivo no desenvolvimento regional e pode ajudar a eliminar algumas das desigualdades entre as diferentes partes de um determinado país. As regiões que não têm acesso a outros recursos importantes ou que não dispõem de grandes centros urbanos podem

utilizar o turismo para melhorar os rendimentos regionais e reduzir a migração (Mayer & Vogt, 2016; OECD, 2020, pp. 89–124). O esqui, diversas formas de turismo rural, algumas formas de ecoturismo e, evidentemente, o turismo solar, o turismo da areia e do mar foram todos utilizados para promover o desenvolvimento das regiões periféricas, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento (OECD, 2020). O turismo pode também incentivar o empreendedorismo e o desenvolvimento de novas pequenas empresas, em particular entre grupos que poderão não ter um acesso fácil aos mercados de trabalho formais. Considera-se que o turismo de interesse especial, devido à sua fase relativamente precoce de desenvolvimento, é particularmente propício à atividade empresarial. Esta atividade empresarial pode ir desde os serviços turísticos e de orientação especializados até aos novos tipos de atração à oferta de artesanato local.

3.1.3 TURISMO E O SEU CUSTO ECONÓMICO

A par destes benefícios económicos, temos também de reconhecer que existem potencialmente alguns custos significativos associados ao desenvolvimento turístico. Ao nível mais básico, se os recursos são utilizados para o desenvolvimento do turismo, não podem ser utilizados noutros sectores da economia, se a mão-de-obra é empregue no turismo, não está disponível para ser utilizada por outros sectores da economia e se o capital é investido no turismo, não pode ser investido noutros sectores, consequentemente, existe o perigo de que o turismo possa "abafar" o desenvolvimento de outros sectores (na prática, é provável que esta seja apenas uma questão importante se uma economia estiver em pleno emprego e não houver recursos não utilizados disponíveis). Talvez seja uma preocupação mais imediata que os recursos particularmente a mão-de-obra utilizada no turismo não são utilizados de forma mais eficiente, porque os níveis de crescimento da produtividade tendem a ser bastante baixos. De facto, a tendência geral do turismo para criar principalmente empregos pouco qualificados, a tempo parcial e sazonais é frequentemente citada como uma dimensão negativa relativamente à capacidade do sector para gerar emprego (Meis, 2014, p. 42; OECD, 2012, p. 87; Townsend, 1997). Mesmo que o desenvolvimento turístico não exclua o desenvolvimento de outros sectores, ainda assim impõe alguns custos financeiros significativos e diretos aos governos. Estes custos incluem os custos de publicidade e comercialização do país como destino e o estabelecimento e funcionamento de organizações

nacionais de turismo, bem como os custos associados ao desenvolvimento e manutenção de infraestruturas relevantes. Podem ser incorridos custos adicionais nos casos em que os governos necessitem de fornecer subsídios e outros incentivos para atrair investimento do sector privado. Ao longo do tempo, é claro, os custos de desenvolvimento e subvenção do turismo podem ser compensados por receitas adicionais do governo sob a forma de tributação de atividades relacionadas com o turismo, para não mencionar outros benefícios económicos para a economia, mas os custos iniciais geralmente permanecem altamente visíveis.

Existem outros custos económicos a curto prazo que podem resultar do turismo. Se o desenvolvimento do turismo depender fortemente de bens e serviços importados, existe o risco de que a produção local existente possa ser deslocada ou que o seu desenvolvimento seja inibido. Este efeito pode ser particularmente significativo se surgir o efeito "demonstração" impelindo a população local a "imitar" os turistas e aumentar o seu consumo de bens e serviços importados, preterindo os produzidos nacional e/ou localmente (Monterrubio *et al.*, 2014). Este efeito é descrito como o processo pelo qual as sociedades tradicionais, especialmente as que são particularmente suscetíveis a influências externas, como os jovens, procurarão "voluntariamente" adotar determinados comportamentos (e acumular bens materiais) com base no facto de a sua posse conduzir à consecução do estilo de vida leísto e hedonista demonstrado pelos turistas, neste caso, os turistas funcionam como modelos inadequados para um estilo de vida irrealista (García-Buades *et al.*, 2022; Tung *et al.*, 2020).

As receitas do turismo são também potencialmente bastante variáveis. Parte desta variabilidade é simplesmente um reflexo dos padrões sazonais da procura que, embora previsível, pode criar ineficiências em termos de utilização de recursos. Mais problemáticas, talvez sejam as reduções imprevisíveis na chegada de turistas e as despesas que surgem como consequência de eventos imprevistos, as ações terroristas são talvez o exemplo mais óbvio, más condições meteorológicas extremas, podem também ter efeitos semelhantes aos das catástrofes naturais. Onde as economias são fortemente dependentes do turismo, as quedas repentinas da procura podem ter impactos negativos significativos no rendimento e no emprego.

Embora quedas súbitas nas chegadas turísticas possam ser problemáticas, o mesmo se aplica a aumentos súbitos. Níveis elevados de chegadas turísticas também podem causar problemas. Um elevado número de turistas pode sobrecarregar as infraestruturas locais, colocando

pressão sobre a água, eletricidade, abastecimento de esgotos e sobre as ligações de transporte. Tais problemas de infraestruturas podem ser particularmente agudos e podem aumentar os custos de desenvolvimento turístico devido à necessidade de investimento adicional. Muitas comunidades sofreram devido ao afluxo de grande número de turistas, mas também há os exemplos opostos, em que as comunidades onde os residentes locais beneficiaram do acesso a infraestruturas melhoradas que foram inicialmente postas em prática para apoiar o turismo.

Mishan nota também que existe um conflito de interesses entre as gerações presentes e futuras, que decorre da forma como as viagens e o turismo são avaliados. O custo do turista marginal não tem em conta os custos adicionais de congestionamento impostos pelo turista adicional. Estes custos de congestionamento incluem os efeitos geralmente indesejáveis das praias sobrelotadas, a falta de paz e de tranquilidade, a destruição da paisagem e a utilização de combustíveis fósseis que contribuem para o aquecimento global. Além disso, o turista ambientalmente sensível sabe não haver nada a ganhar com o adiamento de uma visita ao local em questão, pelo contrário. Há um forte incentivo para ir o mais rapidamente possível - desfrutar da vista preservadas antes que as multidões cheguem lá. A perspetiva de Mishan como alguém horrorizado pelas consequências do turismo de massas, em oposição a viagens individuais, pode ser vista a partir da seguinte afirmação:

[...] tourist trade, in a competitive scramble to uncover all places of once quiet repose, of wonder, beauty and historic interest to the money-flushed multitude, is in effect literally and irrevocably destroying them. Once serene and lovely towns such as Andorra and Biarritz are smothered with new hotels and the dust and roar of motorized traffic. The isles of Greece have become a sprinkling of lidos in the Aegean Sea. Delphi is ringed with shiny new hotels. In Italy the real estate man is responsible for atrocities exemplified by the skyscraper approach to Rome seen across the Campagna, while the annual invasion of tourists has transformed once-famous resorts, Rapallo, Capri, Alassio and scores of others, before the last war no less enchanting, into so many vulgar Coney Islands.

(Mishan, 1969, pp. 140–141).

Argumenta-se frequentemente que muitos dos benefícios económicos do turismo se perdem devido aos elevados níveis de fugas sob a forma de aumento das importações. Enquanto as despesas com o turismo se perdem no estrangeiro, a economia anfitriã não consegue realizar um dos maiores benefícios do turismo, como foi explicado anteriormente neste capítulo. A

questão das fugas é há muito reconhecida como problemática, e a extensão das fugas pode ser difícil de estimar. Um elevado nível de fugas sugere que, se as outras coisas forem iguais, o multiplicador das despesas de turismo será menor e, conseqüentemente, os benefícios económicos das despesas de turismo serão reduzidos. No entanto, esta comparação pode ser um pouco simplista demais. Níveis elevados de fugas podem levar a multiplicadores baixos, mas se o nível de despesas for relativamente elevado no total, então os benefícios podem ainda ser significativamente maiores do que os que surgiriam com níveis mais baixos de fugas, multiplicadores mais elevados, mas níveis iniciais mais baixos de despesas de turismo. Por conseguinte, qualquer avaliação do impacto das fugas deve ser feita relativamente aos níveis de despesas de turismo que geram essas fugas.

3.1.4 TURISMO E O SEU IMPACTO ECONÓMICO

O descrito anteriormente destacou alguma variedade de formas diferentes em que o turismo pode beneficiar uma economia e, também, apontou uma série de custos que pode impor. É evidente que qualquer avaliação do impacto global do turismo em termos económicos exigirá informação detalhada relacionada com despesas turísticas, preços, receitas fiscais, despesas de outros sectores da economia, preços para produtos turísticos e não turísticos, padrões de chegada e assim por diante. Devido à complexidade associada à avaliação dos efeitos económicos do turismo, continua a haver um debate considerável e provas contraditórias. Fortes defensores do turismo argumentam persuasivamente a favor de benefícios significativos para as economias, particularmente nos países em desenvolvimento. No outro extremo, os críticos do turismo adotam uma perspectiva mais negativa e salientam a dependência que pode ser criada pelo turismo e as suas características neocolonialistas. Uma posição intermédia apontaria para a presença de benefícios económicos significativos, mas também destacaria os custos potenciais, que se não forem monitorizados, poderiam corroer significativamente os ganhos obtidos em termos de emprego, rendimento e outros agregados económicos.

Houve muitas tentativas de avaliar o impacto económico do turismo; uma das mais abrangentes vem do trabalho do Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC), que simularam Contas Satélites do Turismo para uma série de países, de modo a poder avaliar a contribuição económica do turismo. Embora as convenções utilizadas pelo WTTC não

correspondam às convenções utilizadas pela OMC, criando problemas relativamente à comparabilidade, os números do WTTC fornecem um ponto de partida útil na avaliação do papel do turismo.

O problema de fazer uma avaliação justa e adequada da contribuição do turismo é que muitos países, de facto a maioria, carecem dos dados e informações apropriados. No entanto, para os governos poderem tomar decisões sensatas relativamente ao desenvolvimento futuro do sector do turismo, é essencial uma medida rigorosa e fiável dos custos e benefícios. É discutível que uma das áreas que representa o maior desafio é a medição exaustiva dos benefícios que surgem como resultado dos gastos com o turismo.

A dificuldade em medir o impacto das despesas turísticas é que o turismo, não existe como um sector distinto em qualquer sistema de contas nacionais. Os sistemas de contas nacionais são o principal mecanismo para rastrear o que é produzido e vendido numa economia e rastrear o que acontece às despesas. Estas contas estão organizadas em torno de sectores industriais específicos, ou seja, os Sistemas de Contas Nacionais (SCN) estão estruturados em torno do que é produzido (vestuário, bens eléctricos, hotéis, transportes aéreos, etc.). No entanto, o turismo é essencialmente uma atividade, definida pelos consumidores no ponto de consumo. Com efeito, tudo o que os turistas compram e qualquer forma de despesa que os turistas fazem é uma contribuição para a economia gerada pelo turismo. Evidentemente, uma grande parte das despesas turísticas vai para sectores característicos do turismo identificáveis, tais como transportes, hotéis, recreação, etc. No entanto, os turistas também gastam dinheiro noutros sectores - vestuário, presentes, cosméticos, alimentação, gasolina, etc. - que normalmente não estão associados ao turismo. O “desvio” destas despesas para sectores não turismo, é suportado pela investigação de Scott Meis (1999, p. 16), um estudo de caso do Canadá, na qual a investigação sugeriu que 25% das despesas turísticas são diretas para sectores não turísticos. Isto sugere que qualquer tentativa de examinar a contribuição económica do turismo que olha apenas para os sistemas de contas nacionais, e considera apenas o que pode ser classificado como sectores relacionados com o turismo (hotéis, alojamento, transportes), é suscetível de subestimar seriamente a despesa global dos turistas, portanto, o seu impacto económico.

Dado que a contribuição económica do turismo está repartida por uma série de sectores diferentes, é conseqüentemente muito difícil identificar de que forma o turismo pode contribuir para uma economia utilizando as contas nacionais padrão e os recursos estatísticos

existentes. Estas fontes de informação podem fornecer, na melhor das hipóteses, apenas uma imagem muito parcial. Como consequência desta fraqueza dos sistemas contabilísticos existentes, vários países avançaram para o desenvolvimento das Contas Satélites do Turismo (CST). Estes são conjuntos de contas que estão ligados ao sistema existente de Contas Nacionais. Baseiam-se na informação das contas existentes e permitem também a incorporação de novas informações. Ao fazê-lo, permitem uma análise e um acompanhamento muito mais pormenorizados das despesas turísticas numa série de sectores, tanto sectores característicos do turismo (tais como transportes e hotéis), como sectores não característicos do turismo (tais como o comércio retalhista, cosmética, vestuário, entre outros). A Organização Mundial do Turismo (WTO) observa que as contas satélites do turismo são a única forma de medir a contribuição económica do turismo de uma forma consistente com a medição de outros sectores da economia.

Uma Conta Satélite do Turismo (CST) é enganosamente simples. Tira informações dos sistemas de Contas Nacionais sobre o que as indústrias produzem e quais os *inputs* que utilizam (tabelas *input-output*). Isto fornece a base para o cálculo do valor acrescentado da indústria (ou seja, a diferença entre o valor das saídas fornecidas por uma indústria e o valor das entradas que utiliza), que, quando somadas, fornecem uma estimativa do produto interno bruto (PIB). O impacto de uma mudança na procura final pode ser estimado utilizando a informação da tabela de entradas-saídas. Por exemplo, o efeito de um aumento na procura de alojamento hoteleiro pode ser rastreado através de aumentos na procura dos fatores de produção utilizados pela indústria hoteleira (incluindo capital, mão-de-obra e bens intermédios).

Para além da tabela de entradas-saídas, o CST também utiliza estimativas de despesas turísticas (geralmente baseadas em inquéritos de despesas dos visitantes) e depois atribui as despesas turísticas a diferentes indústrias. Ao atribuir as despesas turísticas por sector e, em seguida, repartir o valor acrescentado por sector, o CST pode fornecer uma estimativa do valor acrescentado global através do turismo e, assim, identificar a contribuição do turismo para o PIB. Além disso, a inspeção do CST fornece informações sobre onde os turistas gastam, em que medida os diferentes sectores beneficiam das despesas turísticas e em que medida os sectores individuais dependem do turismo.

Assim, uma Conta Satélite do Turismo pode fornecer uma base de dados abrangente que identifica o papel do turismo numa economia e fornece uma base rigorosa e fiável para estabelecer comparações entre o turismo e outros sectores em termos da sua contribuição

para a economia. Ao fornecer um quadro abrangente da posição do turismo na economia e das suas interações com diferentes sectores, uma Conta Satélite do Turismo fornece uma base sobre a qual as decisões futuras sobre o planeamento e desenvolvimento do turismo podem ser baseadas. Além disso, devido à capacidade de fazer comparações entre sectores, o CST dá às organizações de turismo a informação de que necessitam para pressionar os governos para assegurar que o turismo possa competir em igualdade de condições. Os CST podem mesmo apontar novas oportunidades de *marketing*, em particular, a identificação de sectores característicos não turísticos que beneficiaram significativamente do turismo (como o comércio retalhista), foi pensada para proporcionar às organizações de turismo uma oportunidade para novas atividades de *marketing* colaborativo (Meis, 1999, p. 17).

Em termos globais, os CST constituem um instrumento inestimável para medir e monitorizar o desenvolvimento do turismo e avaliar a sua contribuição económica. Simultaneamente, a construção de um CST é um negócio dispendioso e demorado e requer frequentemente um investimento considerável na recolha de novos dados, bem como na análise dos dados existentes. Contudo, os países em que os CST foram implementados podem obter uma imagem muito mais clara da posição do turismo na sua economia e, assim, avaliar com maior precisão os benefícios que este oferece. No entanto, para além de fornecerem estes conhecimentos básicos, mas importantes, os CST também fornecem um ponto de partida para outras abordagens mais abrangentes para analisar o impacto económico do turismo.

As CST de análise concentram-se normalmente em medir o impacto direto das despesas de turismo, e frequentemente não abordam diretamente as questões dos efeitos indiretos e induzidos discutidas anteriormente. Para se obter uma visão mais abrangente dos efeitos indiretos e induzidos do turismo, é necessário um nível de análise mais aprofundado, sendo normalmente descrito como análise do impacto do turismo. Tradicionalmente, a análise do impacto do turismo baseava-se fortemente em simples multiplicadores keynesianos, tal como discutido anteriormente. Estes são calculados com base em estimativas de fugas de uma dada economia e procuram fornecer um único valor que relaciona as despesas do turismo com a produção, o emprego, as vendas ou qualquer outro resultado agregado que seja de interesse. Tais multiplicadores são relativamente simples de calcular e fornecem uma forma rápida e simples de avaliar a magnitude global de uma mudança nas despesas de turismo.

Contudo, os multiplicadores keynesianos simples apenas dão uma perspetiva bastante limitada e parcial sobre o impacto do turismo, até porque se concentram em agregados

simples e não conseguem abordar a natureza das ligações entre sectores. Por conseguinte, o interesse passou para a utilização de técnicas de equilíbrio geral, ou seja, métodos de análise do impacto do turismo que reconhecem explicitamente a interdependência entre os diferentes sectores da economia. A mais amplamente utilizada destas técnicas de equilíbrio geral é provavelmente a análise input-output que se baseia nos dados contidos nas tabelas input-output (também um elemento chave de uma CST) e analisa os efeitos do turismo, traçando o movimento da despesa inicial do turismo através de diferentes sectores da economia. Uma força particular desta forma de análise é a capacidade de medir efeitos diretos, indiretos e induzidos (Fletcher et al., 2018).

Com dados, *input-output* prontamente disponíveis, esta técnica tornou-se cada vez mais utilizada em estudos do impacto económico do turismo. No entanto, vale a pena notar que a análise input-output não utiliza apenas tabelas input-output, requer também dados detalhados sobre despesas turísticas, bem como dados sobre transações intersectoriais. Tal como no desenvolvimento das CST, a análise input-output pode ser um exercício dispendioso, mas que pode oferecer benefícios significativos em termos de compreensão do impacto do turismo. Os modelos de Equilíbrio Geral calculável discutidos abaixo são igualmente dispendiosos (se não mais) de desenvolver, destacando o investimento significativo necessário para gerar percepções precisas sobre os impactos do turismo. Contudo, uma vez feito o investimento inicial, estas técnicas podem oferecer, e oferecem, benefícios significativos em termos de exatidão e diversidade de informação que podem fornecer.

Embora a análise input-output possa fornecer uma compreensão muito maior das ligações e das relações entre diferentes sectores, bem como da contribuição global do turismo, a técnica tem as suas limitações. É geralmente classificada como uma abordagem inflexível à modelização do equilíbrio geral, enquanto não permite a substituição de fatores entre sectores e os preços são tomados como dados (Figini & Patuelli, 2022). Em particular, assume que os salários e os preços não mudam quando as despesas de turismo mudam. Na realidade, uma mudança nas despesas de turismo é suscetível de mudar tanto a produção como os preços se houver um aumento significativo das despesas, por exemplo, então as empresas experimentarão um aumento da procura, o que significa que se pode esperar um aumento dos preços e também dos salários. Isto, no que lhe concerne, atrairá recursos para o sector de modo a permitir o aumento da produção. A natureza precisa destas mudanças variará consoante os mercados, mas o que é importante notar é que uma mudança nas despesas de

turismo resultará efetivamente tanto em mudanças nas quantidades fornecidas como em mudanças nos preços. Idealmente, qualquer tentativa de medir o impacto do turismo deve abordar estes dois efeitos.

O desenvolvimento da modelização do Equilíbrio Geral Computacional (EGC) forneceu aos economistas uma abordagem alternativa para analisar o impacto do turismo e uma que tem a mesma capacidade que a análise input-output para destacar as ligações intersectoriais sem se restringir aos preços fixos e salários. Além disso, a modelização EGC tem a vantagem adicional de poder simular os impactos sobre o turismo de diferentes mudanças políticas. A modelização EGC baseia-se numa especificação matemática de relações chave dentro da economia (determinando os níveis de oferta, procura, etc.), sendo calibrada com dados reais para assegurar que o modelo fornece uma boa representação da economia. Com um modelo abrangente da economia que incorpora empresas, governos e consumidores, é possível analisar os impactos de toda a economia das mudanças nas despesas de turismo, mudanças nos subsídios ou na tributação, e outras mudanças políticas e de mercado. Esta diferença deve-se ao facto de o modelo EGC conseguir reafetar fatores de produção e ajustar os preços para acomodar a redução da procura turística. Isto tenderia a sugerir que a análise input-output pode sobrestimar o impacto das mudanças na procura turística numa dada economia (quer essa mudança seja positiva ou negativa). Para além de uma maior precisão na estimativa, os modelos EGC podem também proporcionar uma maior compreensão da natureza do impacto dos choques externos e das mudanças políticas (Fletcher et al., 2018).

Em Blake e Sinclair (2003), encontramos um excelente exemplo da valiosa perceção que pode ser obtida a partir da utilização dum modelo EGC para analisar o impacto sobre o turismo e sobre o resto da economia. Este exemplo diz respeito ao impacto dos acontecimentos de 11 de setembro no sector do turismo nos EUA. Os ataques terroristas em Nova Iorque e Washington resultaram em reduções substanciais tanto em viagens nacionais como internacionais e concomitantes reduções nas receitas do turismo. A Lei de Segurança do Transporte Aéreo e Estabilização do Sistema (ATSSSA - Air Transport Safety and System Stabilization Act) foi implementada em finais de setembro para dar apoio à indústria aérea em dificuldades. Outras medidas políticas de apoio a outros sectores do turismo foram também propostas pela Travel Industry Recovery Coalition. Um modelo EGC da economia dos EUA baseado em 98 sectores e mercadorias foi utilizado para analisar a eficiência relativa destas diferentes respostas políticas reais e propostas. O modelo mostrou que as respostas políticas

introduzidas relativamente à indústria aérea (tanto ATSSSA como medidas subsequentes) foram muito eficazes na redução das consequências adversas da queda nas despesas de turismo, protegendo tanto o PIB como o emprego. O modelo sugeriu que, na ausência de qualquer resposta política, o PIB teria diminuído em 30 mil milhões de dólares e mais de 500.000 postos de trabalho teriam sido perdidos, tendo as companhias aéreas e os hotéis sido particularmente atingidos. A prestação de assistência financeira às companhias aéreas foi considerada uma resposta política altamente eficaz, reduzindo a queda do PIB para cerca de 10 mil milhões de dólares e reduzindo o aumento do desemprego para cerca de 335.000. Em termos mais gerais, o modelo sugeriu que os subsídios à produção poderiam revelar-se uma forma muito eficaz de reduzir as consequências adversas de uma grande crise do turismo.

A importância económica do turismo tem sido objeto de um debate considerável. A resolução deste debate requer informação fiável e rigorosa sobre a natureza precisa das despesas turísticas e o seu impacto nos diferentes sectores da economia. Um problema que sempre enfrentou aqueles que procuram analisar a contribuição económica do turismo é que o turismo simplesmente não existe como um sector distinto nos sistemas de contas nacionais. Existem sectores característicos do turismo, como os transportes, hotéis e alojamento, mas os turistas gastam o seu dinheiro numa série de sectores diferentes e as contas nacionais não acompanham esta despesa. Estas dificuldades podem ser resolvidas através da construção de Contas Satélites do Turismo que fornecem um método internacionalmente reconhecido e normalizado de avaliação da escala e impacto das despesas turísticas e das suas ligações entre diferentes sectores. Embora dispendioso, o investimento na construção de contas satélites fornece aos decisores políticos informações sobre a contribuição económica do turismo e a capacidade de analisar os seus efeitos em toda a economia. Tal informação é o pré-requisito para decisões políticas eficientes e eficazes para orientar o desenvolvimento futuro do turismo. As contas satélite fornecem uma base para análises mais sofisticadas do impacto do turismo e a avaliação de diferentes regimes políticos, utilizando técnicas como a modelização do equilíbrio geral calculável. Estas técnicas de equilíbrio geral exigem investimentos significativos, mas são cada vez mais utilizadas devido aos benefícios que geram em termos de compreensão da extensão e diversidade do impacto do turismo sobre uma economia.

3.1.5 O MODELO RHOMOLO

RHOMOLO⁶¹ é o modelo de equilíbrio geral computacional (EGC) da Comissão Europeia, com foco nas regiões da UE. Foi desenvolvido, sendo mantido pela equipa de Modelagem Económica Regional do *Joint Research Centre* (JRC) de Sevilha, em cooperação com a Direção-Geral de Política Regional e Urbana (DG REGIO)⁶². É utilizado para a avaliação do impacto das políticas e fornece simulações setoriais, regionais e de tempo para apoiar a política da UE em investimentos, bem como reformas que abrangem uma ampla gama de objetivos.

A principal ferramenta usada pela Comissão Europeia para análise e modelagem económica regional é o modelo RHOMOLO. O qual é particularmente adequado para analisar políticas relacionadas a investimentos em capital humano, infraestrutura de transporte e inovação. Uma ferramenta da *web*⁶³ foi desenvolvida para permitir que os utilizadores usem uma versão simplificada do modelo para entender melhor o impacto económico de alterações estruturais, como choques na produtividade do trabalho, produtividade total dos fatores e custos de transporte, entre outros.

⁶¹ The RHOMOLO model | EU Science Hub. Disponível em: https://joint-research-centre.ec.europa.eu/tedam_en [17 de Novembro de 2019]

⁶² DG REGIO: The Commission's Directorate-General for Regional and Urban Policy is responsible for EU policy on regions and cities. Disponível em: http://ec.europa.eu/regional_policy/en/ [17 de Novembro de 2019].

⁶³ RHOMOLO - Dynamic Spatial General Equilibrium Model for EU Regions and Sectors. Disponível em: <https://rhomolo.jrc.ec.europa.eu/> [17 de Novembro de 2019].

CONCLUSÃO

Este capítulo concluirá o estudo resumindo os principais resultados relativamente ao objetivo da pesquisa. O objetivo desta dissertação consistia em procurar responder à questão inicial: se os efeitos das alterações climáticas sobre o turismo teriam qualquer impacto na economia da União Europeia. Conseguimos identificar facilmente as três dimensões abordadas nesta dissertação, as Alterações Climáticas, o Turismo e a Economia da União Europeia. Qualquer uma destas dimensões seria perfeitamente possível tratar separadamente, contudo, como observamos ao longo da dissertação, também encaixam perfeitamente. Este estudo permitiu-nos constatar que as alterações climáticas têm, uma influência importante sobre o sector do turismo com consequências para a economia, seja em países desenvolvidos ou não desenvolvidos. Analisamos os impactos e adaptações às alterações climáticas que os destinos turísticos fazem para garantir o seu desenvolvimento e sustentabilidade, tendo referido alguns locais e os desafios enfrentados, bem como algumas soluções encontradas pelas entidades competentes. A importância do sector de turismo fica bem demonstrado no segundo capítulo, iniciando por examinar as suas origens e a sua evolução, qual o seu enquadramento e as diversas formas de turismo praticado hoje. Abordamos a perspectiva da União Europeia relativamente ao turismo e as formas como tem tentado incluir o sector nas suas políticas, embora a Europa o principal destino turístico e o sector é a terceira maior atividade económica da União Europeia, as políticas a ele dedicadas tem tido pouco efeito, mantendo o sector com aparente pouca relevância para os legisladores. Destacamos ainda a evolução tecnológica relativamente a ferramentas que podem ser muito úteis para o desenvolvimento da indústria, tanto para os prestadores de serviço como a população (os turistas), permitindo uma maior interatividade, antes, durante e após as visitas/viagens. Também é de grande valia para a recolha de dados estatísticos, o que permite tornar os serviços mais eficientes e direcionados, bem como prever a procura de serviços.

No terceiro capítulo abordamos algumas formas mais utilizados para o tratamento de dados económicos do turismo, como as Contas Satélite de Turismo e os estudos de impacto permitem fazer uma análise comparativa do cenário estático com base na metodologia de Equilíbrio Geral Computável. Abordamos a importância económica do turismo na UE, as características da intensidade e sazonalidade, e de que forma o turismo contribui para o crescimento económico. Este sector económico também tem associado naturalmente

benefícios e custos, devido aos impactos que sofre pelos efeitos das alterações climáticas, conflitos bélicos, terrorismo, entre outras razões. Finalizamos o capítulo indicando as formas de analisar e avaliar os impactos económicos.

As relações entre turismo e clima são múltiplas e complexas, conforme descritas ao longo desta dissertação. O turismo interage com o clima de diversas formas, utilizando o clima como um recurso natural, dependendo da natureza e da previsibilidade das condições meteorológicas a curto prazo e do clima a longo prazo, dos turistas e das operações turísticas que podem ser prejudicados por condições meteorológicas anómalas, incluindo eventos extremos. Um sector que enfrenta o risco de perdas substanciais. O turismo também contribui para as emissões de gases do efeito estufa que alteram o clima global. Como consequência, o turismo é cada vez mais influenciado pelas políticas internacionais com a intenção de reduzir o ritmo das alterações climáticas, e duma forma indireta o turismo depende do ambiente natural e de ecossistemas saudáveis, por o clima ser muitas vezes determinante para o bem-estar destes ecossistemas, mas as alterações climáticas também podem ser um benefício para o turismo, embora quaisquer ganhos possam ser comparativamente menores. O relatório do IPCC (2018a) refere que, nas regiões de maior latitude, as alterações climáticas podem dar um possível impulso ao turismo, o relatório refere ainda que essas mesmas regiões irão sofrer as taxas mais rápidas de aquecimento, colocando em risco extremo as infraestruturas, a saúde humana, os meios de subsistência locais e a biodiversidade. Os modelos climáticos projetam diferenças mais fincadas no clima regional entre o aquecimento atual e global de até 1,5°C, e entre 1,5°C e 2°C, dependendo da variável e região em questão. São esperadas diferenças grandes, fortes e generalizadas para temperaturas extremas, em altas latitudes durante a estação fria (com aumentos de até 4,5°C a 1,5°C de aquecimento global, ou seja, um fator de três). Prevê-se que o aquecimento mais forte dos extremos quentes ocorra no centro e leste da América do Norte, centro e sul da Europa, região do Mediterrâneo (incluindo sul da Europa, norte da África e Oriente Próximo), oeste e centro da Ásia e sul da África (IPCC, 2018). As implicações das alterações climáticas para o setor de turismo global são de longo alcance e afetam os investimentos do setor, ativos de destino (ambientais e culturais), custos operacionais e de transporte e padrões de procura turística (Scott & Gössling, 2018; Scott & Verkoeyen, 2018). Desde o AR5⁶⁴, os impactos observados nos mercados de turismo e nas

⁶⁴ Quinto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC): <https://www.ipcc.ch/assessment-report/ar5/>

comunidades de destino continuam a não ser bem analisados, apesar das muitas condições análogas (por exemplo, ondas de calor, grandes furacões, incêndios florestais, redução do acúmulo de neve, erosão costeira e branqueamento de recifes de coral) que estão previstos para ocorrer mais frequentemente com as alterações climáticas. Existem algumas evidências de que os impactos observados nos ativos turísticos, como o património ambiental e cultural, conduzem ao desenvolvimento de mercados de turismo de “última oportunidade de ver”, onde os viajantes visitam destinos antes que sejam substancialmente degradados pelos impactos das alterações climáticas ou para ver os impactos das alterações climáticas nas paisagens (Lemelin *et al.*, 2012; Piggott-McKellar e McNamara, 2017; Stewart *et al.*, 2016)

As múltiplas interações entre o turismo e outros sistemas globais ou locais significam que as intervenções destinadas a reduzir os riscos relacionados com o clima para o turismo, ou aproveitar as oportunidades, são suscetíveis de ter consequências para além do sistema turístico-climático. Por conseguinte, é fundamental a compreensão entre estas ligações e os seus efeitos, quanto mais não seja para garantir que as iniciativas de adaptação ou atenuação das alterações climáticas empreendidas pelo sistema turístico (ou pelo menos parte dele), não tenham efeitos indesejáveis noutras partes do sistema ou em sistemas conexos, como exemplo, tentar regular as viagens aéreas com o propósito de reduzir as emissões de gases do efeito estufa pode resultar em sérios problemas de equidade. Estes podem ser entre grupos socioeconómicos numa sociedade, ou entre países ricos produtores de turismo e os países que dependem de fluxos turísticos contínuos como suporte ao seu desenvolvimento económico. As relações entre o turismo, as alterações climáticas e a biodiversidade são outro exemplo importante de interações mais amplas. Muitas medidas de atenuação e adaptação às alterações climáticas oferecem oportunidades reais para cumprir os objetivos de biodiversidade, incluindo a restauração de florestas nativas para a retenção de carbono ou a replantação de florestas de mangue para proteção costeira. Mas existe também a possibilidade de as medidas destinadas a reduzir os riscos relacionados com o clima terem efeitos prejudiciais na biodiversidade (Choudhury *et al.*, 2004). Um exemplo é o uso de espécies não nativas ou fertilizantes químicos para facilitar a revegetação.

O sistema turístico apresenta não só as características de complexidade, como não-linearidades, mas também limiares. Isto significa que os profissionais que trabalham no sector

do turismo não conseguem controlar a evolução do sector. Também não tem como prever com precisão absoluta o que poderá acontecer como resultado das suas atividades de planeamento e gestão. Da mesma forma, as complexidades e não-linearidades no sistema turístico-climático, significa que uma vez mais, as consequências de qualquer alteração serão difíceis de prever e de gerir. O sistema turístico-climático também pode sofrer mudanças abruptas e generalizadas. Estas são particularmente difíceis para aqueles que procuram uma evolução linear do turismo, a nível nacional ou empresarial. As políticas e os procedimentos de gestão aparentemente adequados, quer sejam turísticos ou relacionados com o clima, não reduzirão necessariamente os riscos relacionados com o clima nem maximizarão as oportunidades criadas pelas alterações climáticas. No entanto, o sistema turístico no seu conjunto responderá provavelmente de uma forma mais constante, portanto, previsível, regido por uma série de princípios e relações subjacentes que determinam como o sistema global responderá, dentro de parâmetros gerais. Adicionalmente, para o planeamento a curto prazo é comum assumir algum tipo de linearidade e, por conseguinte, previsibilidade.

Pelas razões apresentadas e outras certamente, é muito importante a consideração do turismo para a investigação e elaboração de políticas em matéria de alterações climáticas, contudo, em regra é difícil, e muitas vezes indesejável, isolar o turismo de outras atividades. Considerando os esforços para implementar a atenuação das alterações climáticas ou a adaptação às mesmas, o turismo enfrenta os mesmos problemas e obstáculos que sobrevém aos outros sectores. O turismo é apenas uma parte de um sistema muito maior, que deve ser tido em conta ao tentar compreender os motores sociais do turismo, as suas implicações políticas, as suas necessidades e potenciais tecnológicos e os seus diversos papéis em diferentes partes do mundo. Uma abordagem holística exige novos métodos de investigação capazes de ter em conta a complexidade e a multiplicidade de inter-relações, bem como os efeitos a montante e a jusante das intervenções, a pesquisa também tem que ir além da curiosidade científica e ser relevante em termos de política para fundamentar a tomada de decisões. Parte de todos este desafio consiste em integrar resultados de investigação controversos e não consensuais e encontrar um caminho a seguir sob uma pluralidade de pontos de vista e prioridades locais, nacionais e mundiais.

Uma necessidade que agora ficou exposta, com a pandemia do COVID-19, é a de uma gestão dos riscos reforçada e mais abrangente no sector do turismo. Outro risco a longo prazo que o turismo enfrenta é a sua dependência dos combustíveis fósseis. O combustível é

frequentemente fornecido através de uma longa cadeia de abastecimento com vários riscos associados, como o risco de haver interrupções do abastecimento em resultado de qualquer fenómeno extremo relacionado com as alterações climáticas, etc., uma sem fim de razões. Os riscos substanciais estão associados à disponibilidade contínua de petróleo e à perspectiva de aumento dos preços do petróleo em resultado da internalização dos custos ambientais das emissões de GEE. A aviação para o turismo é como uma enorme “pedra no sapato”. Ainda não foi encontrado, até hoje, qualquer substituto viável para os atuais combustíveis utilizados na aviação. Em simultâneo, a procura de transporte aéreo aumenta. De modo geral, as alterações climáticas incentivam o turismo a redesenhar os produtos no sentido da eficiência carbónica ou, talvez, até mesmo da neutralidade carbónica. Este último objetivo pode ser alcançado através do investimento em fontes de energia renováveis e da captação de carbono sob a forma de biomassa florestal. Sir Richard Branson, fundador do Grupo Virgin, anunciou, em setembro de 2006⁶⁵, a intenção de investir em pesquisa e desenvolvimento de biocombustíveis, um setor que a utilização de tais substitutos de combustível pelas companhias aéreas poderia estar a uma década de distância, mas muitos comentadores e especialistas do setor foram muito menos otimistas, bem como o IPCC que sugeriu que tal substituição ainda estaria a décadas de distância. Já passaram quase duas décadas e os sépticos parecem ter razão, ainda não há substituto para o combustível usado na aviação. As iniciativas privadas e voluntárias tem vindo em crescendo para compensar as emissões das viagens aéreas, contudo ainda não se consegue perceber claramente se estes contribuem significativamente para melhorar a sustentabilidade do turismo. No entanto, as iniciativas para redução de emissões têm de ser drasticamente aumentadas para se tornarem relevantes, mas podem, na verdade, encorajar as pessoas a acreditar não haver necessidade de mudarem o seu comportamento, criando assim irreversibilidade nos padrões de consumo e produção atualmente insustentáveis. Resumindo, as respostas mal adaptadas às alterações climáticas podem criar bloqueios e vulnerabilidades, exposição a risco que são difíceis e dispendiosos de mudar e exacerbam as desigualdades existentes, ou seja, projetos de curto prazo que não se preocupam em considerar quem ou o que estão a tentar ajudar falham e geralmente pioram as situações.

⁶⁵ Branson's Big Green Investment – WSJ. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/SB115884903873170054> [15 de Março de 2022]

Os riscos estão também associados às consequências previstas e inesperadas de um clima em mudança. Os riscos locais relacionados com o clima, incluindo a sua gestão, são muitas vezes mais relevantes para as empresas do sector do turismo do que considerações globais, como a redução das emissões de gases com efeito de estufa. A necessidade de abordar este último aspeto parece, muitas vezes, ser menos imediata e concreta. Os riscos que dominam localmente incluem a devastação das instalações turísticas por tempestades, a perda de recursos turísticos naturais críticos, os danos nas infraestruturas turísticas em resultado de inundações e os danos diretos para os turistas em consequência de catástrofes relacionadas com o clima.

Os crescentes níveis de risco para o turismo em consequência das alterações climáticas levam a uma maior compreensão das formas como o clima irá alterar, não só em termos gerais, mas especificamente no que diz respeito à localização, às variáveis climáticas e aos calendários, bem como às condições médias e extremas. Embora as incertezas nas projeções climáticas venham indubitavelmente a ser reduzidas à medida que as competências de previsão aumentarem, nos próximos anos e décadas será sempre necessário reconhecer e trabalhar nas incertezas residuais. As medidas tomadas pelo sector do turismo para reduzir os riscos relacionados com o clima serão por vezes inadequadas. Tal é especialmente o caso quando não existem informações pormenorizadas sobre as consequências das alterações climáticas previstas para componentes específicas do sector do turismo. Por exemplo, estimar como as alterações climáticas modificarão os futuros fluxos turísticos internacionais globais revela grandes lacunas nos conhecimentos. Estes começam com incertezas na caracterização das alterações climáticas e incluem a escassez e a cobertura geográfica limitada de estudos sobre os efeitos das alterações climáticas na escolha do destino turístico, bem como na procura turística, estas deficiências enfraquecem a base empírica dos modelos desenvolvidos para fazer tais estimativas (Cinar et al., 2020). Até à data, os modelos também negligenciaram alterações nas preferências, estrutura etária, horário de trabalho e estilos de vida. Os estudos que incidem apenas no sector do turismo não têm consequências económicas importantes quando se consideram as implicações das variações da procura turística induzidas pelas alterações climáticas. As atuais capacidades de modelização abrangem apenas a quantificação dos efeitos económicos diretos das alterações climáticas no turismo e, em seguida, apenas em termos de alterações nas despesas turísticas no país de destino. Deste modo, ignoram-se as consequências económicas das mudanças no próprio turismo, bem como os efeitos indiretos,

como a subida do nível do mar e as implicações para a erosão das praias, as necessidades alimentares das praias e a possível inundação de atóis populares e outras ilhas, as mudanças no ciclo da água e a propagação de doenças (Becken & Hay, 2007). Com um número crescente de intervenientes mundialmente, uma diversificação do produto turístico e uma especificação da procura, o sistema turístico torna-se cada vez mais complexo e os estudos devem ser cada vez mais sofisticados. A abordagem das múltiplas questões das alterações climáticas e do turismo exige uma comunicação e colaboração eficazes entre investigadores, responsáveis pelo planeamento, decisores políticos, operadores turísticos e o público. O turismo atravessa todas as escalas, do local ao global. Embora tal constitua um desafio, não é exclusivo do turismo. Mas o turismo é único na medida em que é uma questão verdadeiramente global que abrange mais do que uma indústria. Enquanto empresa, o turismo exige contributos do sector público, das comunidades e do ambiente natural, fazendo do turismo, em muitos aspetos, um fenómeno social e não uma atividade económica. No entanto, as contribuições e implicações económicas do turismo são significativas. As numerosas interações entre o clima e o turismo têm implicações políticas significativas, bem como consequências imediatas e práticas para as empresas de turismo, os decisores e os operadores turísticos. As alterações climáticas modificarão estas consequências. Em muitos casos, mas certamente não em todos, isso irá prejudicar substancialmente a indústria do turismo. Assim, as alterações climáticas representam um risco significativo para o sector do turismo, um risco que só pode ser reduzido a curto prazo através da adaptação. A atenuação, a redução das emissões de gases com efeito de estufa, representa uma estratégia de redução do risco que tem um prazo mais longo. Exige também um compromisso global significativo para reduzir essas emissões, não só por parte do sector do turismo, mas também através dos esforços de todos os emissores, tanto grandes como pequenos. Um dos benefícios das iniciativas de atenuação empreendidas pelas empresas do sector do turismo é que podem melhorar os desempenhos financeiros e ambientais e, por conseguinte, a sustentabilidade da empresa.

O sector do turismo já sofre mudanças perturbadoras, que se coadunam com muitas das consequências previstas das alterações climáticas, das ondas de calor, do recuo dos glaciares, da escassez extrema e prolongada de água, dos super tufões e dos furacões⁶⁶, para referir

⁶⁶ Super Typhoon, Hurricane: What's the Difference? National Geographic Society. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.org/article/super-typhoon-hurricane-whats-difference/> [16 de Março de 2022]

apenas algumas. Assim, os esforços para reduzir os riscos relacionados com o clima não são simplesmente algo a considerar para o futuro. Além disso, as provas científicas de consequências mais graves para o turismo no futuro são agora esmagadoras. Isso exige respostas urgentes, individualmente, mas principalmente ao nível global. É importante salientar que um número crescente de estudos põe em evidência uma mensagem importante, uma vez que os benefícios de o sector do turismo tomar medidas atempadas significativas ultrapassam em muito os custos de evitar consequências tão graves no futuro.

Constituindo a terceira maior atividade económica da UE, o turismo assume uma importância considerável enquanto fonte de crescimento económico, desenvolvimento regional e emprego. Embora tenha sido gravemente afetado pela crise económica nos últimos anos, o turismo tem-se revelado resiliente, como testemunha o crescente número de visitantes da UE ao longo dos anos. No entanto, a indústria enfrenta uma série de desafios e crescente concorrência, em particular de destinos emergentes não europeus, cuja participação no mercado turístico global está a aumentar gradualmente. Devido à sua natureza transversal, o turismo é impactado por diversas políticas, incluindo as de transporte, meio ambiente, defesa do consumidor e desenvolvimento regional. Nem sempre essas políticas são fáceis de coordenar. O Tratado de Lisboa deu à União Europeia maiores competências em turismo, no entanto, já se passaram mais de 10 anos desde que o tratado entrou em vigor e a indústria cresceu e continua a crescer mais rápido do que a economia em geral, ou seja, talvez seja hora de rever o papel da UE no seu desenvolvimento, especialmente à luz de novos desafios, o reerguer de uma pandemia, e da cada vez mais vincada presença das alterações climáticas. Tal situação exige uma abordagem mais coordenada, e necessidade de forte apoio a uma "estrutura turística" mais clara por parte da UE, das partes interessadas da indústria e que isso seja apoiado financeiramente. No sistema atual, os vários sectores que desempenham um papel na indústria do turismo, transportes, alojamento, hotelaria, etc., são apoiados e regulados por diferentes áreas de responsabilidade dentro da UE, o que pode resultar em falta de coordenação, a necessidade do reforço da estrutura organizacional e financeira do turismo na UE através da introdução de um orçamento específico para o turismo e, embora possa ser impraticável separar departamentos com as mesmas responsabilidades, seria viável ter um papel de coordenação entre os estruturas existentes, garantindo que o turismo tivesse voz no desenvolvimento de políticas onde impactasse na indústria. No entanto, este avanço legal não levou a um grande impulso para a formulação de políticas de turismo a nível da UE. Embora a

legislação da UE tenha progressivamente coberto uma série de domínios em que a UE tem competência exclusiva ou partilhada com os Estados-Membros (como os transportes, a segurança dos transportes e os direitos dos passageiros), a política do turismo continua essencialmente regulamentada nacionalmente. Simultaneamente, embora o turismo seja um sector económico dinâmico da UE, ainda carece de um quadro coeso de ações e políticas da UE plenamente desenvolvidas. Isto não surpreende, uma vez que o quadro legislativo em que a UE opera é limitado, permitindo-lhe apenas tomar medidas complementares às dos Estados-Membros relativamente ao turismo. De momento, o turismo não constitui uma das principais prioridades políticas da Comissão e, embora vários fundos da UE possam ser utilizados para apoiar atividades relacionadas com o turismo, não existe um eixo de financiamento da UE dedicado ao turismo. Embora poucas indústrias tenham sido poupadas pelo impacto da pandemia do COVID-19, menos ainda foram atingidas tão duramente quanto o sector de turismo. À medida que 2021 terminava com severas limitações para viajar ainda em vigor, a Organização Mundial do Turismo (OMT) informou que as chegadas de turistas internacionais aumentaram apenas 4% no ano passado, permanecendo 72% abaixo dos níveis de 2019⁶⁷. Isso equivale a mais de mil milhões de chegadas internacionais a menos em comparação com os níveis pré-pandemia, mantendo a indústria em níveis vistos pela última vez no final dos anos 80. Sessenta e três por cento dos especialistas da Organização Mundial do Turismo (UNWTO) acreditam que o sector não se recuperará completamente até 2024⁶⁸. A pandemia de COVID-19 resultou numa contração económica sem precedentes em 2020, com o PIB real da UE a cair 6,1%, mais do que durante a crise financeira mundial. A resposta da UE à crise foi rápida, contundente e bem coordenada em todos os níveis. Os Estados-Membros da UE – apoiados pelo instrumento EU SURE – deram um forte apoio às empresas e aos trabalhadores, nomeadamente através de regimes de trabalho a tempo reduzido, para além de um apoio substancial de liquidez às empresas. O ecossistema do turismo foi duramente atingido pelas restrições de movimento e viagens impostas na sequência da crise do coronavírus. Na tentativa de voltar a entrar nos carris, em 13 de maio de 2020, a Comissão propôs uma série

⁶⁷ Tourism Grows 4% in 2021 but Remains Far Below Pre-Pandemic Levels. Disponível em: <https://www.unwto.org/news/tourism-grows-4-in-2021-but-remains-far-below-pre-pandemic-levels> [16 de Março de 2022]

⁶⁸ COVID-19 pandemic: When will the travel sector recover? | World Economic Forum. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2022/01/global-travel-tourism-pandemic-covid-19/> [17 de Junho de 2022]

de medidas que permitiriam uma reabertura gradual e coordenada dos serviços e equipamentos turísticos, bem como apoio específico às empresas de turismo.

Finalizando, a crise do coronavírus constitui um desafio para a economia europeia e os meios de subsistência dos cidadãos. Durante esta crise de saúde e para o futuro, é vital que protejamos não apenas os sectores críticos da nossa economia, mas também os nossos ativos, tecnologia e infraestrutura e, mais importante, é necessário proteger as empresas, os empregos e trabalhadores.

FIM

Referências Bibliográficas

- Amelung, B., & Moreno, A. (2012). Costing the impact of climate change on tourism in Europe: Results of the PESETA project. *Climatic Change*, 112(1), 83–100. <https://doi.org/10.1007/s10584-011-0341-0>
- Amelung, B., & Viner, D. (2006). Mediterranean tourism: Exploring the future with the tourism climatic index. *Journal of Sustainable Tourism*, 14(4), 349–366. <https://doi.org/10.2167/jost549.0>
- Andersen, V. I. M., Blichfeldt, S. B., & Liburd, J. J. (2018). Sustainability in coastal tourism development: an example from Denmark. *Current Issues in Tourism*, 21(12), 1329–1336. <https://doi.org/10.1080/13683500.2016.1272557>
- Askew, A. E., & Bowker, J. M. (2018). Impacts of Climate Change on Outdoor Recreation Participation: Outlook to 2060. *The Journal of Park and Recreation Administration*, 36(2), 97–120. <https://doi.org/10.18666/jpra-2018-v36-i2-8316>
- Balmford, A., Beresford, J., Green, J., Naidoo, R., Walpole, M., & Manica, A. (2009). A global perspective on trends in nature-based tourism. *PLoS Biology*, 7(6). <https://doi.org/10.1371/journal.pbio.1000144>
- Bastiaansen, M., Lub, X. D., Mitas, O., Jung, T. H., Ascensão, M. P., Han, D. I., Moilanen, T., Smit, B., & Strijbosch, W. (2019). Emotions as core building blocks of an experience. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 31(2), 651–668. <https://doi.org/10.1108/IJCHM-11-2017-0761>
- Batista e Silva, F., Kavalov, B., Lavallo, C., La Placa, G., & Spirito, L. (2019). *Socio-economic regional microscope series Territorial patterns of tourism intensity and seasonality in the EU*. <https://doi.org/10.2760/061885>
- Becken, S., & Hay, J. E. (2007). *Tourism and Climate Change: Risks and Opportunities*. Channel View Publications. <http://site.ebrary.com.ezproxy.royalroads.ca/lib/royalroads/detail.action?docID=10189013>
- Bhandari, K., Cooper, C., & Ruhanen, L. (2016). Climate change knowledge and organizational adaptation: A destination management organization case study. *Tourism Recreation Research*, 41(1), 60–68. <https://doi.org/10.1080/02508281.2016.1119972>
- Blake, A., & Sinclair, M. T. (2003). Tourism Crisis Management - US Response to September 11. *Annals of Tourism Research*, 30(4), 813–832. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(03\)00056-2](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(03)00056-2)
- Blanco-Romero, A., Blázquez-Salom Macià, & Morell, M. (2018). Turismofobia como arma arrojadiza. *Ábaco. Revista de Cultura y Ciencias Sociales*, 4(98), 55–64.
- Calero, C., & Turner, L. W. (2020). Regional economic development and tourism: A literature review to highlight future directions for regional tourism research. *Tourism Economics*, 26(1), 3–26. <https://doi.org/10.1177/1354816619881244>

- Calgaro, E., & Lloyd, K. (2008). Sun, sea, sand and tsunamis: Examining disaster vulnerability in the tourism community of Khao Lak, Thailand. *Singapore Journal of Tropical Geography*, 29(3), 288–306. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9493.2008.00335.x>
- Cañada, E., Karschat, K., Jäger, L., Kamp, C., De Man, F., Mangalasseri, S., Maurer, M., Monshausen, A., Plüss, C., Rutherford, A., & Tremel, C. (2017). *Transforming Tourism: Tourism in the 2030 Agenda*.
- Cantos, J. O., & Rebollo, F. V. (2016). Climate change and tourism policy in Spain: Diagnosis in the Spanish mediterranean coast. *Cuadernos de Turismo*, 38, 565–571.
- Chahine, S. (2016). *Turismo globalizado en Marruecos: el caso de Saidía* [Facultad de Turismo de Málaga]. https://riuma.uma.es/xmlui/bitstream/handle/10630/12528/TD_CHAHINE_Samia.pdf?sequence=1
- Choudhury, K., Dziedzioch, C., Hausler, A., & Ploetz, C. (2004). *Integration of biodiversity concerns in climate change mitigation activities: a toolkit*. Commissioned by the German Federal Environmental Agency. <http://www.umweltdaten.de/medien-e/biodiv.pdf>
- Cinar, M., Burns, C., Hilmi, N., & Safa, A. (2020). Risk Assessments of Impacts of Climate Change and Tourism: Lessons for the Mediterranean and Middle East and North African Countries. *International Journal of Environmental Sciences & Natural Resources*, 24(5), 1–12. <https://doi.org/10.19080/ijesnr.2020.24.556149>
- Ciscar, J.-C., Iglesias, A., Feyen, L., Szabó, L., Van Regemorter, D., Amelung, B., Nicholls, R., Watkiss, P., Christensen, O. B., Dankers, R., Garrote, L., Goodess, C. M., Hunt, A., Moreno, A., Richards, J., & Soria, A. (2011). Physical and economic consequences of climate change in Europe. *Published in Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 108(7), 2678–2683. <https://doi.org/10.1073/pnas.1011612108>
- Colletta, L. (2015). *The Legacy of the Grand Tour: New Essays on Travel, Literature, and Culture*. FAIRLEIGH DICKINSON UNIVERSITY PRESS.
- Cooper, C. (2020). *Essentials of tourism*. <https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=ASEAEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=application+of+technology+in+tourism&ots=-Jgp3SrWz6&sig=kb6OLJ4h1pI8-3LzWiaq38jkgI>
- Cunha, A. M., & Lobão, J. (2021). The effects of tourism on housing prices: applying a difference-in-differences methodology to the Portuguese market. *International Journal of Housing Markets and Analysis*, 15(4), 762–779. <https://doi.org/10.1108/IJHMA-04-2021-0047>
- Dérens, J.-A., & Geslin, L. (2018). Ataques contra el turismo de masas en Croacia. *La Monde Diplomatique - Español*, 1–5.
- Drius, M., Bongiorno, L., Depellegrin, D., Menegon, S., Pugnelli, A., & Stifter, S. (2018). Tackling challenges for Mediterranean sustainable coastal tourism: An ecosystem service perspective. *Science of the Total Environment*, 652, 1302–1317. <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2018.10.121>
- Dwyer, L., Forsyth, P., & Dwyer, W. (2020). Tourism Economics and Policy. Em *Tourism Economics and Policy* (2nd ed.). Channel View Publications. <https://doi.org/10.15291/lib.993>

- Dwyer, L., Forsyth, P., & Spurr, R. (2003). Inter-industry effects of tourism growth: Implications for destination managers. *Tourism Economics*, 9(2), 117–132. <https://doi.org/10.5367/000000003101298303>
- Dwyer, L., & Pham, T. (2013). *Tourism satellite accounts and their applications in CGE modelling* (Número January). <https://doi.org/10.1142/9789814327084>
- Estol, J., & Font, X. (2016). European tourism policy: Its evolution and structure. *Tourism Management*, 52, 230–241. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2015.06.007>
- ETC. (2019). European Tourism - TRENDS & PROSPECTS (Q2/2019). Em *European Travel Commission (ETC)*. <https://doi.org/10.1002/9781118257203.ch20>
- European Cities Marketing. (2017). *The Future of DMOs - The ECM Manifest*. 20.
- European Commission. (2020). Tourism and transport in 2020 and beyond. *Communication From the Commission To the European Parliament, the Council, the European Economic and Social Committee and the Committee of the Regions*.
- Eurostat. (2012). *Europe in figures - Eurostat yearbook 2012*.
- EUROSTAT. (2016). Urban Europe: Statistics on cities, towns and Suburbs. Em M. Kotzeva, T. Brandmüller, I. Lupu, Å. Önerfors, L. Corselli-Nordblad, C. Coyette, A. Johansson, H. Strandell, & P. Wolf (Eds.), *Statistical books*. European Union. <https://doi.org/10.1017/9789048535811>
- Ferreira Filho, J. B. de S. (2018). *Introdução aos Modelos de Equilíbrio Geral Computável: Conceitos, Teoria e Aplicações* (Número Série Didática no. 120).
- Figini, P., & Patuelli, R. (2022). Estimating the Economic Impact of Tourism in the European Union: Review and Computation. *Journal of Travel Research*, 61(6), 1409–1423. <https://doi.org/10.1177/00472875211028322>
- Fletcher, J., Fyall, A., Gilbert, D., & Wanhill, S. (2018). *Tourism : Principles and Practice*. Em *Tourism : Principles and Practice* (6th ed.). Pearson Education Limited.
- Fortuna, M., & Rege, S. (2010). COMPUTABLE GENERAL EQUILIBRIUM MODELS : Theory and Applications. Em *July*. <http://www.uac.pt/~ceeapla/>
- Frihy, O. E., & El-Sayed, M. K. (2013). Vulnerability risk assessment and adaptation to climate change induced sea level rise along the Mediterranean coast of Egypt. *Mitigation and Adaptation Strategies for Global Change*, 18(8), 1215–1237. <https://doi.org/10.1007/s11027-012-9418-y>
- García-Buades, M. E., García-Sastre, M. A., & Alemany-Hormaeche, M. (2022). Effects of overtourism, local government, and tourist behavior on residents' perceptions in Alcúdia (Majorca, Spain). *Journal of Outdoor Recreation and Tourism*, 39(April), 1–12. <https://doi.org/10.1016/j.jort.2022.100499>
- GFK University of Surrey Neumann Consult Pro A Solutions (2014). (2015). Economic Impact and Travel Patterns of Accessible Tourism in Europe _Final report Summary. Em *Service Contract SI2.ACPROCE052481700 – European Commission, DG Enterprise and Industry, Brussels* (pp. 1–19). <http://ec.europa.eu/DocsRoom/documents/7221/attachments/1/translations/en/renditio>

ns/native

- GlobalRescue., & WTTC. (2019). Global Rescue and World Travel & Tourism Council: Crisis Readiness. *Global rescue report*, 17.
- Gómez-Martín, M. B., Armesto-López, X. A., Cors-Lglesias, M., & Muñoz-Negrete, J. (2014). Adaptation strategies to climate change in the tourist sector: The case of coastal tourism in Spain. *Tourism*, 62(3), 293–308.
- Gonzalez-Morales, J. G., Checa-Olivas, M., & Cano-Guervos, R. (2021). Impact of evictions and tourist apartments on the residential rental market in Spain. *Sustainability (Switzerland)*, 13(13), 1–13. <https://doi.org/10.3390/su13137485>
- González, P. J., Tiampo, K. F., Palano, M., Cannavó, F., & Fernández, J. (2012). The 2011 Lorca earthquake slip distribution controlled by groundwater crustal unloading. *Nature Geoscience*, 5(11), 821–825. <https://doi.org/10.1038/ngeo1610>
- Goodwin, P., & Wright, G. (2014). *Decision Analysis for Management Judgement, 5th Edition - (Vol. 6)*. <http://eu.wiley.com/WileyCDA/WileyTitle/productCd-EHEP003193.html>
- Grossi, L., & Mussini, M. (2021). Seasonality in tourist flows: Decomposing and testing changes in seasonal concentration. *Tourism Management*, 84(January), 1–12. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2021.104289>
- Guliyeva, I. (2018). *Climate Change Impacts on Destination Choice . A case of Peniche* [School of Tourism and Maritime Technology of Polytechnic Institute of Leiria]. [https://iconline.iplleiria.pt/bitstream/10400.8/3246/1/Master Thesis - Ilaha Guliyeva.pdf](https://iconline.iplleiria.pt/bitstream/10400.8/3246/1/Master%20Thesis%20-%20Ilaha%20Guliyeva.pdf)
- Habibullah, M. S., Din, B. H., Chong, C. W., & Radam, A. (2016). Tourism and Biodiversity Loss: Implications for Business Sustainability. *Procedia Economics and Finance*, 35(October 2015), 166–172. [https://doi.org/10.1016/s2212-5671\(16\)00021-6](https://doi.org/10.1016/s2212-5671(16)00021-6)
- Hall, C. M. (2010). Crisis events in tourism: Subjects of crisis in tourism. *Current Issues in Tourism*, 13(5), 401–417. <https://doi.org/10.1080/13683500.2010.491900>
- Hall, C. M., Gössling, S., & Scott, D. (2015). The Routledge Handbook of Tourism and Sustainability. Em *The Routledge Handbook of Tourism and the Environment*. Routledge. <https://doi.org/10.4337/9781800377486.slow.travel>
- Higham, J., & Hall, M. (2005). Tourism, recreation and climate change. Em *Tourism, Recreation and Climate Change*. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2005.08.005>
- HOTREC. (2020). *2019-2020 HOTREC Annual Report*.
- Huete, R., & Mantecón, A. (2018). *El auge de la turismofobia ¿hipótesis de investigación o ruido ideológico?* 16(1), 9–19. <https://doi.org/https://doi.org/10.25145/j.pasos.2018.16.001>
- International Labour Organization. (2020). Impact of COVID-19 on the tourism sector. Em *ILO Sectoral Brief*.
- IPCC. (2014a). *Climate Change 2014: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*. (M. Jarraud & A. Steiner (eds.)). <https://doi.org/10.1017/CBO9781139177245.003>
- IPCC. (2014b). Climate Change 2014 Part A: Global and Sectoral Aspects. Em *Climate Change*

- 2014: *Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Part A: Global and Sectoral Aspects. Contribution of Working Group II to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change.* papers2://publication/uuid/B8BF5043-C873-4AFD-97F9-A630782E590D
- IPCC. (2018a). IPCC Special Report on the impacts of global warming of 1.5°C. *IPCC Special Report on the impacts of global warming of 1.5°C, SR 1.5*, 1–55.
- IPCC. (2018b). *Sixth Assessment Report Activities.* May, 2022. <https://www.ipcc.ch/assessment-report/ar6/%0Ahttp://www.ipcc.ch/activities/activities.shtml>
- ITF. (2015). Tourism Facilitation as part of Transport Policy: Summary of International Experiences. Em *International Transport Forum* (International Transport Forum Discussion Papers). OECD Publishing, Paris,. <https://doi.org/https://doi.org/10.1787/5jrvzrlp5gzn-en>.
- Jackson, T. (2011). *Prosperidad Sin Crecimiento. Economía para un planeta finito.*
- Jarratt, D., & Davies, N. J. (2019). Planning for Climate Change Impacts: Coastal Tourism Destination Resilience Policies. *Tourism Planning and Development*, 1–18. <https://doi.org/10.1080/21568316.2019.1667861>
- Jopp, R., Delacy, T., & Mair, J. (2010). Developing a framework for regional destination adaptation to climate change. *Current Issues in Tourism*, 13(6), 591–605. <https://doi.org/10.1080/13683501003653379>
- Juul, M. (2017). Tourism and the Sharing Economy. *EPRS - European Parliamentary Research Service*, 10. <https://doi.org/10.1596/30452>
- Kearney, E. P. (1992). Redrawing the political map of tourism: the European view. *Tourism Management*, 13(1), 34–36. [https://doi.org/10.1016/0261-5177\(92\)90028-6](https://doi.org/10.1016/0261-5177(92)90028-6)
- Lemelin, H., Dawson, J., & Stewart, E. J. (2012). Last chance tourism: adapting tourism opportunities in a changing world , edited by Raynald Harvey Lemelin, Jackie Dawson, and Emma J. Stewart. Em *Leisure/Loisir*.
- Lemma, A. F. (2014). *Tourism Impacts: Evidence of impacts on employment,gender,income* (Número July). <http://partnerplatform.org/eps-peaks>
- Liu, A. (2022). Impact of Tourism on Regional Economic Growth: A Global Value Chain Perspective. *SSRN Electronic Journal*, 646, 1–30. <https://doi.org/10.2139/ssrn.4019859>
- MAK, J. (2004). *Tourism and the Economy.* University of Hawai'i Press. <http://www.jstor.org/stable/j.ctvvv7rt>
- Margaras, V. (2017). *Major challenges for EU tourism and policy responses.* May, 12. [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2017/603932/EPRS_BRI\(2017\)603932_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2017/603932/EPRS_BRI(2017)603932_EN.pdf)
- Maslin, M. (2014). *Climate Change A Very Short Introduction* (3.^a ed.). Oxford University Press.
- Matthews, J. B. R., Fuglestvedt, J. S., Masson-Delmotte, V., Möller, V., Méndez, C., Diemen, R. van, Reisinger, A., & Semenov, S. (2021). IPCC Annex VII: Glossary. Em V. Masson-Delmotte, P. Zhai, A. Pirani, S. L. Connors, C. Péan, S. Berger, N. Caud, Y. Chen, L. Goldfarb, M. I. Gomis, M. Huang, K. Leitzell, E. Lonnoy, J. B. R. Matthews, T. K. Maycock, T. Waterfield, O. Yelekçi,

- R. Yu, & B. Zhou (Eds.), *Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* (Número August). Cambridge University Press. In Press. https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/downloads/report/IPCC_AR6_WGI_Annex_VII.pdf
- Mayer, M., & Vogt, L. (2016). Economic effects of tourism and its influencing factors. *Zeitschrift für Tourismuswissenschaft*, 8(2), 169–198. <https://doi.org/10.1515/tw-2016-0017>
- Meis, S. (1999). The Canadian Experience in Developing and Using the Tourism Satellite Account. *Tourism Economics*, 5(4), 315–330. <https://doi.org/https://doi.org/10.1177/135481669900500402>
- Meis, S. (2014). *Measuring employment in the tourism industries beyond the tourism satellite account : a case study of Canada* (Número 5). International Labour Office. Department of Statistics. https://www.ilo.org/stat/Publications/WCMS_243294/lang--en/index.htm
- Mikulić, J., Vizek, M., Stojčić, N., Payne, J. E., Čeh Časni, A., & Barbić, T. (2021). The effect of tourism activity on housing affordability. *Annals of Tourism Research*, 90. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2021.103264>
- Mishan, E. J. (1969). *The Costs of Economic Growth*. Penguin Books Ltd.
- Monterrubio, J. C., & Marivel Mendoza-Ontiveros, M. (2014). Tourism and the demonstration effect: Empirical evidence Turismo y efecto demostración: Evidencia empírica. *Tourism & Management Studies*, 10(1), 97–103.
- Morris, D., & Walls, M. (2009). *Climate Change and Outdoor Recreation Resources*.
- Muiderman, K., Gupta, A., Vervoort, J., & Biermann, F. (2020). Four approaches to anticipatory climate governance: Different conceptions of the future and implications for the present. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change*, 11(6), 1–20. <https://doi.org/10.1002/wcc.673>
- Murray, I. (2014). Bienvenidos a la fiesta: turistización planetaria y ciudades-espectáculo (y algo más). *Ecología Política*, 47, 87–91.
- Naredo, J. M. (1997). Sobre el origen, el uso y el contenido del término sostenible. Em *La construcción de la ciudad sostenible* (Comité Hab, pp. 48–57). Ministerio de Obras Publicas, Transportes y Medio Ambiente. <http://habitat.aq.upm.es/cs/lista.html>
- Nguyen, C. P., & Dinh Su, T. (2021). Tourism, institutional quality, and environmental sustainability. *Sustainable Production and Consumption*, 28, 786–801. <https://doi.org/10.1016/J.SPC.2021.07.005>
- Ngxongo, N. A. (2021). The impact of climate change on visitor destination selection: A case study of the Central Drakensberg Region in KwaZulu-Natal. *Jamba: Journal of Disaster Risk Studies*, 13(1), 1–10. <https://doi.org/10.4102/JAMBA.V13I1.1161>
- Nicholls, S. (2006). Climate change, tourism and outdoor recreation in Europe. *Managing Leisure*, 11(3), 151–163. <https://doi.org/https://doi.org/10.1080/13606710600715226>
- Nunes, L. J. R., Raposo, M. A. M., & Pinto Gomes, C. J. (2020). The impact of tourism activity on coastal biodiversity: A case study at Praia da Cova Redonda (Algarve—Portugal). *Environments - MDPI*, 7(10), 1–20. <https://doi.org/10.3390/environments7100088>

- Obrador, P., Crang, M., & Travlou, P. (2009). Corrupted seas: The Mediterranean in the age of mass mobility. Em *Cultures of Mass Tourism: Doing the Mediterranean in the Age of Banal Mobilities* (Número January 2009, pp. 157–174). <https://doi.org/10.4324/9781315575568-12>
- OECD. (2012). *OECD Tourism Trends and Policies 2012*. OECD Publishing. <https://doi.org/https://doi.org/10.1787/tour-2012-en>
- OECD. (2018). *OECD Tourism Trends and Policies 2018*. OECD Publishing. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1787/tour-2018-en>
- OECD. (2020). *OECD Tourism Trends and Policies 2020*. OECD Publishing. <https://doi.org/https://doi.org/10.1787/6b47b985-en>.
- Önder, I., & Treiblmaier, H. (2018). Blockchain and tourism: Three research propositions. *Annals of Tourism Research*, 72(August 2017), 180–182. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2018.03.005>
- Page, S., & Ge, Y. (2009). Transportation and tourism: A symbiotic relationship? Em T. Jamal & M. Robinson (Eds.), *The Sage Handbook of Tourism Studies* (pp. 371–395). SAGE Publications Ltd. <http://trid.trb.org/view.aspx?id=1211642>
- Page, S. J., Yeoman, I., Connell, J., & Greenwood, C. (2010). Scenario planning as a tool to understand uncertainty in tourism: The example of transport and tourism in Scotland in 2025. *Current Issues in Tourism*, 13(2), 99–137. <https://doi.org/10.1080/13683500802613519>
- Parlamento Europeu. (2019). *Committee on Transport and Tourism, Activity Report 2014-2019* (pp. 1–147). <https://doi.org/10.33555/jffn.v1i1.19>
- Parlamento Europeu. (2015). Tourism and the European Community: Recent trends and policy developments. *Parlamento Europeu, September*, 1–28. <https://doi.org/10.2861/310682>
- Peeters, P., Gössling, S., Klijs, J., Milano, C., Novelli, M., Dijkmans, C., Eijgelaar, E., Hartman, S., Heslinga, J., Isaac, R., Mitas, O., Moretti, S., Nawijn, J., Papp, B., & Postma, A. (2018). Research for TRAN Committee-Overtourism: impact and possible policy responses. *Research for TRAN Committee - Overtourism: impact and possible policy responses, October*, 1–255. [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/629184/IPOL_STU\(2018\)629184_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/629184/IPOL_STU(2018)629184_EN.pdf)
- Pérez, D. M. G., Martín, J. M. M., Martínez, J. M. G., & Sáez-Fernández, F. J. (2020). An analysis of the cost of water supply linked to the tourism industry. An application to the case of the Island of Ibiza in Spain. Em *Water (Switzerland)* (Vol. 12, Número 7). <https://doi.org/10.3390/w12072006>
- Pernice, D. (2022). Tourism: Fact Sheets on the European Union - European Parliament. *Fact Sheets on the European Union*, 1–7. <https://www.europarl.europa.eu/factsheets/en/sheet/126/tourism#:~:text=Europe is the world's leading,committed to reviving this sector.>
- Perry, A. (2006). Will predicted climate change compromise the sustainability of Mediterranean tourism? *Journal of Sustainable Tourism*, 14(4), 367–375.

- Piggott-McKellar, A. E., & McNamara, K. E. (2017). Last chance tourism and the Great Barrier Reef. *Journal of Sustainable Tourism*, 25(3), 397–415. <https://doi.org/10.1080/09669582.2016.1213849>
- Railway Gazette. (2019). *Railway Gazette (2019) Travel industry confirms rail 'renaissance' in Europe*. <https://www.railwaygazette.com/passenger/travel-industry-confirms-rail-renaissance-in-europe/54828.article#.XaSG9tDC9wg.twitter>
- Reimann, L., Vafeidis, A. T., Brown, S., Hinkel, J., & Tol, R. S. J. (2018). Mediterranean UNESCO World Heritage at risk from coastal flooding and erosion due to sea-level rise. *Nature Communications*, 9(1), 4161. <https://doi.org/10.1038/s41467-018-06645-9>
- Riahi, K., van Vuuren, D. P., Kriegler, E., Edmonds, J., O'Neill, B. C., Fujimori, S., Bauer, N., Calvin, K., Dellink, R., Fricko, O., Lutz, W., Popp, A., Cuaresma, J. C., KC, S., Leimbach, M., Jiang, L., Kram, T., Rao, S., Emmerling, J., ... Tavoni, M. (2017). The Shared Socioeconomic Pathways and their energy, land use, and greenhouse gas emissions implications: An overview. *Global Environmental Change*, 42, 153–168. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2016.05.009>
- Riechmann, J. (1995). Desarrollo Sostenible: La Lucha por La Interpretacion. *De la economía a la ecología*, 11–35. <https://istas.ccoo.es/descargas/desost.pdf>
- Rodríguez, M. L., Cañaverl, I. P., & Prados, J. L. P. (2009). *El turismo en el Mediterráneo: posibilidades de desarrollo y cohesión*. (1ª edição). Editorial Universitaria Ramón Areces.
- Rosselló, J., & Santana, M. (2012). *Climate change and global international tourism: An evaluation for different scenarios*.
- Rullan, O. (2014). La planificación urbana y territorial en tiempos de crisis. *Libro Jubilar en Homenaje al Profesor Antonio Gil Olcina. Edición ampliada, January*, 1267–1286. <https://doi.org/10.14198/librohomenajeantoniogilolcina2016-66>
- Rutty, M., & Scott, D. (2010). Will the Mediterranean become «Too Hot» for tourism? A reassessment. *Tourism and Hospitality, Planning and Development*, 7(3), 267–281. <https://doi.org/10.1080/1479053X.2010.502386>
- Salgueiro, V. (2002). Grand Tour: uma contribuição à historia do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, 22(44), 289–310. <https://doi.org/10.1590/s0102-01882002000200003>
- Schulz, C., & Bailey, I. (2014). The green economy and post-growth regimes: Opportunities and challenges for economic geography. *Geografiska Annaler, Series B: Human Geography*, 96(3), 277–291. <https://doi.org/10.1111/geob.12051>
- Scott, D., & Becken, S. (2010). Adapting to climate change and climate policy: Progress, Problems and potentials. *Journal of Sustainable Tourism*, 18(3), 283–295. <https://doi.org/10.1080/09669581003668540>
- Scott, D., & Gössling, S. (2018). *Tourism and Climate Change Mitigation. Embracing the Paris Agreement: Pathways to Decarbonisation*.
- Scott, D., Hall, C. M., & Gössling, S. (2016). A review of the IPCC Fifth Assessment and implications for tourism sector climate resilience and decarbonization. *Journal of Sustainable Tourism*, 24(1), 8–30. <https://doi.org/10.1080/09669582.2015.1062021>

- Scott, D., & Verkoeyen, S. (2018). Assessing the Climate Change Risk of a Coastal-Island Destination. Em A. Jones & M. Phillips (Eds.), *Global climate change and coastal tourism: recognizing problems, managing solutions and future expectations* (pp. 62–73). <https://doi.org/10.1079/9781780648439.0200>
- Skinner, H., Sarpong, D., & White, G. R. T. (2015). Meeting the needs of the Millennials and Generation Z: gamification in tourism through geocaching. *Journal of Tourism Futures*, 4(1), 93–104. <https://doi.org/10.1108/JTF-12-2017-0060>
- Smit, B., & Pilifosava, O. (2018). *Adaptation to Climate Change in the Context of Sustainable Development and Equity* (pp. 879–912). [https://doi.org/10.1016/S0168-8278\(88\)80028-X](https://doi.org/10.1016/S0168-8278(88)80028-X)
- Spyriadis, T., Buhalis, D., & Fyall, A. (2011). Dynamics of Destination Governance: Governance and Metagovernance in the Composite Industrial Environment of Destinations. Em N. S. Eric Laws, Harold Richins, Jerome Agrusa (Ed.), *Tourist Destination Governance Practice, Theory and Issues* (pp. 187–202). CABI.
- Srivastav, A. (2019). *The Science and Potential Impacts of Climate Change* (R. B. Singh (ed.)). Springer. <https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-981-13-0809-3>
- Stabler, M. J., Papatheodorou, A., & Sinclair, M. T. (2010). The economics of tourism. Em *The Economics of Tourism* (2nd ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203864272>
- Statista. (2021). *Most visited museums worldwide 2019 | Statista*. <https://www.statista.com/statistics/901072/museums-by-total-attendance-worldwide/>
- Stewart, E. J., Wilson, J., Espiner, S., Purdie, H., Lemieux, C., & Dawson, J. (2016). Implications of climate change for glacier tourism. *Tourism Geographies*, 18(4), 377–398. <https://doi.org/10.1080/14616688.2016.1198416>
- T’Joen, L., Cipriani, C., Carretero, F., Jakob, B., Puricella, P., Russo, P., Layos, L. de la F., & Solarek, K. (2021). *EU Support to tourism: Need for a fresh strategic orientation and a better funding approach*. European Union. <https://doi.org/10.2865/853203>
- Thiébault, S., & Moatti, J.-P. (2016). *The Mediterranean Region under Climate Change : A Scientific Update*.
- Tisdell, C. A. (2013). Handbook of Tourism Economics Analysis: New Applications and Case Studies. Em *Handbook of Tourism Economics: Analysis, New Applications and Case Studies*. World Scientific Publishing Company. https://doi.org/10.1142/9789814327084_0018
- Townsend, A. (1997). *Making a Living in Europe: Human Geographies of Economic Change* (1st ed.). Routledge.
- Tung, V. W. S., King, B. E. M., & Tse, S. (2020). The Tourist Stereotype Model: Positive and Negative Dimensions. *Journal of Travel Research*, 59(1), 37–51. <https://doi.org/10.1177/0047287518821739>
- UNFCCC. (2016). *O Acordo de Paris*. unfccc.int. <https://unfccc.int/process-and-meetings/the-paris-agreement/the-paris-agreement>
- United Nations. (1987). *Report of the World Commission on Environment and Development : note / by the Secretary-General*. (pp. 1–374). <https://doi.org/10.1590/S0104-42302009000600016>

- UNWTO. (2008). *International Recommendations for Tourism Statistics 2008*. United Nations Publication. <https://doi.org/10.18356/05265168-en>
- UNWTO. (2018a). Tourism Highlights. Em *World Tourism Organization*. World Tourism Organization (UNWTO). <https://doi.org/10.18111/9789284419685>
- UNWTO. (2018b). European Union Tourism Trends. Em *European Union Tourism Trends*. World Tourism Organization (UNWTO). <https://doi.org/10.18111/9789284419470>
- UNWTO. (2019a). *International tourism continues to outpace the global economy*. 1–24. <https://www.unwto.org/international-tourism-growth-continues-to-outpace-the-economy>
- UNWTO. (2019b). International Tourism Highlights. *World Tourism Organization*, 24. <https://doi.org/10.18111/9789284421152>
- UNWTO. (2019c). *Press Release International Tourist Arrivals Reach 1.4 billion Two Years Ahead of Forecasts*. <https://www.unwto.org/global/press-release/2019-01-21/international-tourist-arrivals-reach-14-billion-two-years-ahead-forecasts>
- UNWTO. (2020a). *How are countries supporting tourism recovery?* https://webunwto.s3.eu-west-1.amazonaws.com/s3fs-public/2020-06/BFN_V4.pdf
- UNWTO. (2020b). *International Tourism 2019 and Outlook for 2020*. <https://webunwto.s3.eu-west-1.amazonaws.com/s3fs-public/2020-01/Barometro-Jan-2020-EN-pre.pdf>
- UNWTO, & ITF. (2019). *Transport-related CO₂ Emissions of the Tourism Sector*.
- UNWTO, UNEP, & WMO. (2008). Climate Change and Tourism – Responding to Global Challenges. Em *Climate Change and Tourism – Responding to Global Challenges*. World Tourism Organization and United Nations Environment Programme. <https://doi.org/10.18111/9789284412341>
- Velayos-Castelo, C. (2008). ¿Qué sostenibilidad?: una lectura desde la Filosofía Práctica. *Papeles de relaciones ecosociales y cambio global*, 101, 13–26. http://www.fuhem.es/media/ecosocial/file/Sostenibilidad/Economía ecológica/Que_sostenibilidad_CarmenVelayos.pdf
- Verbos, R. I., Altschuler, B., & Brownlee, M. T. J. (2018). Weather Studies in Outdoor Recreation and Nature-Based Tourism: A Research Synthesis and Gap Analysis. *Leisure Sciences*, 40(6), 533–556. <https://doi.org/10.1080/01490400.2017.1325794>
- Vervoort, J., & Gupta, A. (2018). Anticipating climate futures in a 1.5 °C era: the link between foresight and governance. *Current Opinion in Environmental Sustainability*, 31(June 2017), 104–111. <https://doi.org/10.1016/j.cosust.2018.01.004>
- Vila, M., Afsordegan, A., Agell, N., Sánchez, M., & Costa, G. (2020). Influential factors in water planning for sustainable tourism destinations. *Corporate Social Responsibility for Sustainable Tourism*, 215–230. <https://doi.org/10.4324/9780429027383-12>
- Vives-Miró, S., & Rullan, O. (2017). Desposesión de vivienda por turistización? Revalorización y desplazamientos en el centro histórico de palma (Mallorca). *Revista de Geografía Norte Grande*, 67, 53–71. <https://doi.org/10.4067/s0718-34022017000200004>
- Weston, R., Mihalic, T., Guia, J., Prats, L., Blasco, D., Ferrer-Roca, N., Lawer, M., & Jarratt, D.

(2019). European tourism: recent developments and future challenges. Em *Research for TRAN Committee*. <http://bit.ly/32ETV14>

WTTC. (2019). City Travel and Tourism Impact Extended Report. *Travel & Tourism*, 25.

WTTC. (2020). The Importance of Travel & Tourism in 2019. Em *THE IMPORTANCE OF TRAVEL & TOURISM IN 2019* (pp. 1–2). <https://wtcc.org/Research/Economic-Impact>

WTTC. (2021). *World - Economic Impact 2021*. [https://wtcc.org/Portals/0/Documents/EIR/EIR2021 Global Infographic.pdf?ver=2021-04-06-170951-897](https://wtcc.org/Portals/0/Documents/EIR/EIR2021%20Global%20Infographic.pdf?ver=2021-04-06-170951-897)

Webgrafia

- Albedo - an overview | ScienceDirect Topics. (2019, novembro 15). <https://www.sciencedirect.com/topics/physics-and-astronomy/albedo>.
- Climate Change - United Nations Sustainable Development. (2019, novembro 13). <https://www.un.org/sustainabledevelopment/climate-change/>.
- Climate Change and Tourism—Responding to Global Challenges (World Tourist Organisation, United Nations Environment Programme, World Meteorological Organisation, 2008. (2019, novembro 14). <http://sdt.unwto.org/sites/all/files/docpdf/climate2008.pdf>.
- Climate change in Europe: facts and figures | News | European Parliament. (2019, novembro 14). <https://www.europarl.europa.eu/news/en/headlines/society/20180703STO07123/climate-change-in-europe-facts-and-figures>.
- Europe, the world's No 1 tourist destination - a new political framework for tourism in Europe. (2019, novembro 15). <https://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2010:0352:FIN:EN:PDF>.
- Greenhouse gas emissions by country and sector (infographic) - European Parliament. (2019, novembro 14). <https://www.europarl.europa.eu/news/en/headlines/priorities/climatechange/20180301STO98928/greenhouse-gas-emissions-by-country-and-sector-infographic>.
- Ambiente, Ordenamento e Tecnologia. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011. (2019, novembro 14) <http://hdl.handle.net/10316.2/30771>. ISBN 9789892602448. p. 167–175.
- Impacts of Climate Change on the Economy and Society – Iberdrola. (2019, novembro 14). <https://www.iberdrola.com/environment/impacts-of-climate-change>.
- IPCC — Intergovernmental Panel on Climate Change. (2019, novembro 13). <https://www.ipcc.ch/>.
- JRC PESETA III | EU Science Hub. (2019, novembro 17). <https://ec.europa.eu/jrc/en/peseta-iii>.
- OECD Environmental Outlook to 2050 (OECD Environment Directorate, PBL Netherlands Environmental Assessment Agency, 2011). (2019, novembro 13). <https://www.oecd.org/env/cc/49082173.pdf>.
- Regional Department for Europe | World Tourism Organization. (2019, novembro 15). <http://europe.unwto.org/>.
- Tourism statistics - Statistics Explained. (2019, novembro 16). https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Tourism_statistics.
- Tourism Statistics (World Tourism Organization, 2017). (2019, novembro 16). <http://www.e-unwto.org/loi/unwtotfb>.
- Tourism trips of Europeans - Statistics Explained. (2019, novembro 16). https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Tourism_trips_of_Europeans.
- UNFCCC. (2019, novembro 21). <https://unfccc.int/>.
- What is climate change? - Met Office. (2019, novembro 14). <https://www.metoffice.gov.uk/weather/learn-about/climate-and-climate-change/climate-change/index>.
- World Climate Research Programme (WCRP). (2019, novembro 14). <https://www.wcrp-climate.org/>.
- World Tourism Organization UNWTO | Specialized agency of the United Nations. (2019, novembro 15). <http://www2.unwto.org/en>.

Anexos

Anexo A AÇÕES E INICIATIVAS DA UE NO TURISMO
(voltar)

Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos (FEIE)
315 mil milhões in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/biliao-triliao-quatrilliao/2468 [consultado em 22-02-2023] de euros
<ul style="list-style-type: none"> • Infraestruturas de viagens • Eficiência energética de hotéis e resorts turísticos • Revitalização de campos pardos para fins recreativos • Acordos de financiamento para PMEs de Turismo • Criação de “plataformas de investimento” (IPs) dedicadas a turismo
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), ESIF - European Structural and Investment Funds
200 mil milhões de euros para o período 2014-2020
<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa e inovação • Tecnologias de Informação e Comunicação • Competitividade das Pequenas e Médias Empresas • Mudança para uma economia de baixo carbono • Proteção ambiental e eficiência de recursos • Emprego e apoio à mobilidade laboral • Educação, competências e aprendizagem ao longo da vida
Fundo Social Europeu (FSE) ESIF - European Structural and Investment Funds
+83 mil milhões de euros para o período 2014-2020
<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhadores de treino • Apoiar a aprendizagem mútua, estabelecendo redes • Divulgar e promover boas práticas e metodologias no domínio da inovação social
Fundo Coesão (FC), ESIF - European Structural and Investment Funds
63,4 mil milhões de euros
<ul style="list-style-type: none"> • Redes transeuropeias de transporte. • Projetos relacionados a energia ou transporte: energia eficiência, energias renováveis, desenvolvimento do transporte ferroviário, apoio à intermodalidade, reforço do transporte público, etc.
Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER), ESIF - European Structural and Investment Funds
96 mil milhões de euros para o período 2014-2020
<ul style="list-style-type: none"> • Diversificação de agricultores em atividades não agrícolas: como desenvolver o turismo rural • Ajuda ao arranque de empresas: alojamento rural, lojas, restaurantes, visitas guiadas, etc., engajados no turismo sustentável e responsável

<ul style="list-style-type: none"> • Investimentos para uso público em infraestrutura recreativa, informação turística e infraestrutura turística de pequena escala
<ul style="list-style-type: none"> • Estudos e investimentos associados ao manutenção, restauro e valorização do património cultural e natural das aldeias, paisagens rurais e locais de elevado valor natural. • Cooperação: criação de clusters e redes, co operação entre pequenos operadores na organização de processos de trabalho conjunto e partilha de instalações e recursos e para o desenvolvimento e/ou comercialização de serviços turísticos relacionados com o turismo rural.
Fundo Europeu dos Assuntos Marítimos e das Pescas (FEAMP), ESIF - European Structural and Investment Funds
6,4 mil milhões de euros para o período 2014-2020
<ul style="list-style-type: none"> • A diversificação das atividades no âmbito da pesca, incluindo o ecoturismo, o Pesca-turismo (é a prática de pescadores profissionais receberem turistas na suas embarcações como uma atividade semi-turismo de recreação, onde podem ver em primeira mão o trabalho destes profissionais) e o turismo de pesca, a gastronomia local (restaurantes de peixe e marisco), alojamento, percursos turísticos, mergulho, etc. • Formação profissional, aprendizagem ao longo da vida e aquisição de novas competências profissionais que permitam aos profissionais do setor das pescas ou aos seus parceiros de vida ingressar em atividades turísticas, ou realizar atividades complementares na área do turismo
COSME - programa da UE para a competitividade das empresas e das PME
2,3 mil milhões de euros para o período 2014 - 2020
<ul style="list-style-type: none"> • Facilitar o acesso ao financiamento • Apoio à internacionalização e acesso a mercados • Criação de um ambiente favorável à competitividade • Incentivar uma cultura empreendedora
LIFE - Programa para o Ambiente e a Ação Climática
5,1 mil milhões de euros para o período 2021 - 2027
<ul style="list-style-type: none"> • Ambiente • Ação Climática
Horizon Europe
95,5 mil milhões de euros para o período 2021-2027
<ul style="list-style-type: none"> • Ciência de excelência para desenvolvimento de carreira e formação de pesquisadores • Liderança Industrial para maior competitividade dos sectores culturais e criativos europeus, estimulando Inovação TIC nas PME Tecnologias. • Desafios sociais para abordar em particular as questões de memórias, identidades, tolerância e herança cultural. • Instrumento de PME para PMEs de alto potencial para desenvolver produtos, serviços ou processos inovadores e inovadores capazes de enfrentar a concorrência do mercado global.
Destino Europeu de Excelência (EDEN)

- Prémio Destino de Excelência

Esta iniciativa recompensa as melhores realizações em turismo sustentável e práticas de transição verde em destinos em toda a Europa. A competição aborda destinos turísticos menores que podem mostrar as suas realizações notáveis em sustentabilidade e inspirar outros destinos turísticos na sua transição verde. O destino vencedor será posicionado como um pioneiro da sustentabilidade do turismo, comprometido com os objetivos do *European Green Deal*, e receberá comunicação especializada e apoio de *branding* a nível da UE ao longo de 2022.

Erasmus +

26.2 mil milhões de euros para o período 2021-2027.

- Oportunidades de aprendizagem para indivíduos através de Projetos de Mobilidade para Estudantes e Funcionários do Ensino Superior
- Cooperação entre instituições de ensino, empresas, autoridades locais e regionais e ONGs, principalmente através de Mestrados Conjuntos; Parcerias Estratégicas.
- Eventos desportivos europeus sem fins lucrativos

Programa para o Emprego e a Inovação Social (EaSI)

- No período de 2021-2027, o programa EaSI passará a ser uma vertente do Fundo Social Europeu Mais (FSE+).

919,5 milhões de euros para o período 2014-2020

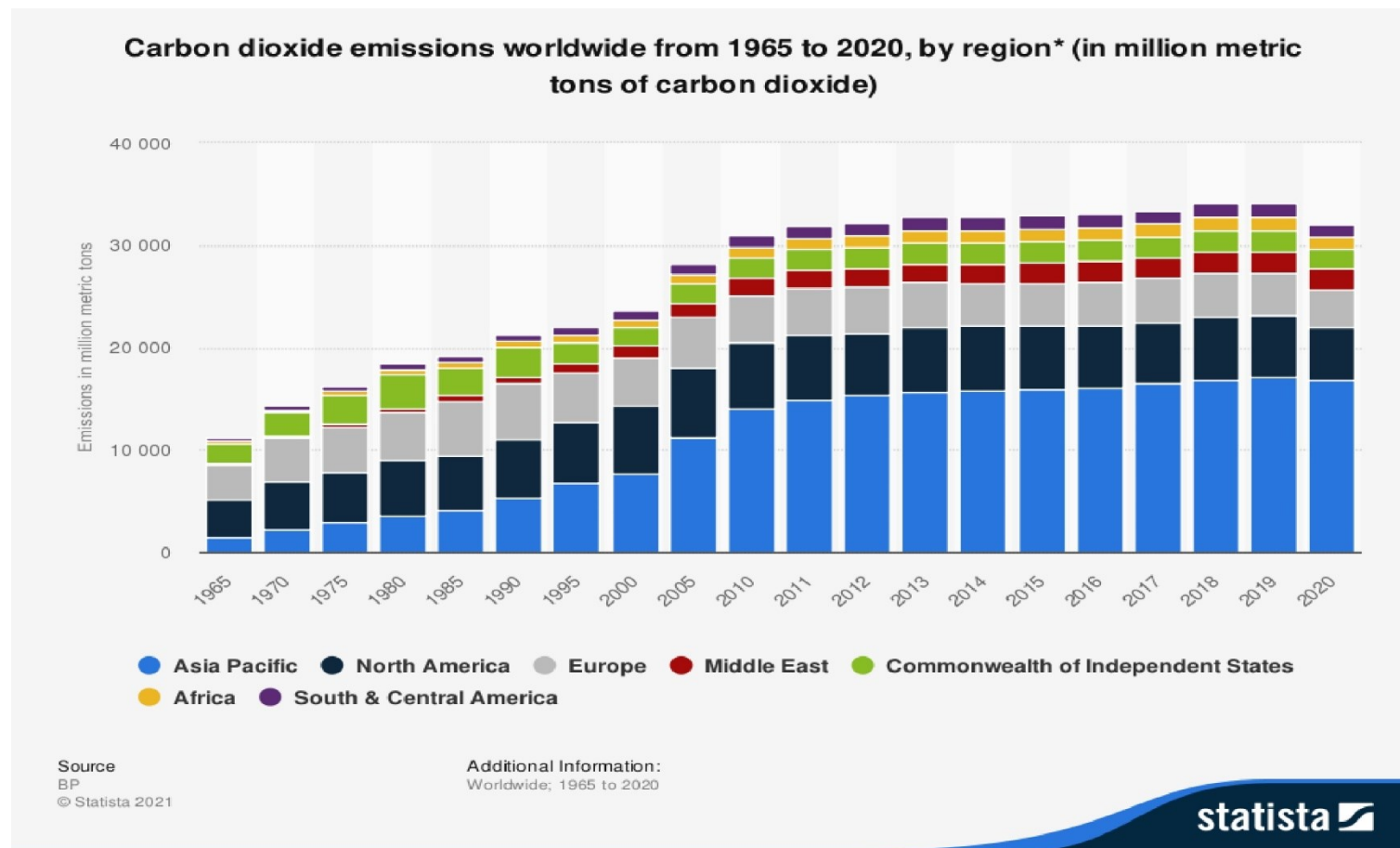
- Emprego e social de qualidade e sustentável solidariedade para a formulação de políticas, inovação social e experimentação de políticas sociais
- Combate à exclusão social e à pobreza
- Melhorar as condições de trabalho e mobilidade profissional
- Criação ou desenvolvimento de pequenas empresas/empresas sociais

Anexo B EMISSÕES CO₂ GLOBAIS POR REGIÃO DE 1965 A 2020

(voltar)

Notas complementares

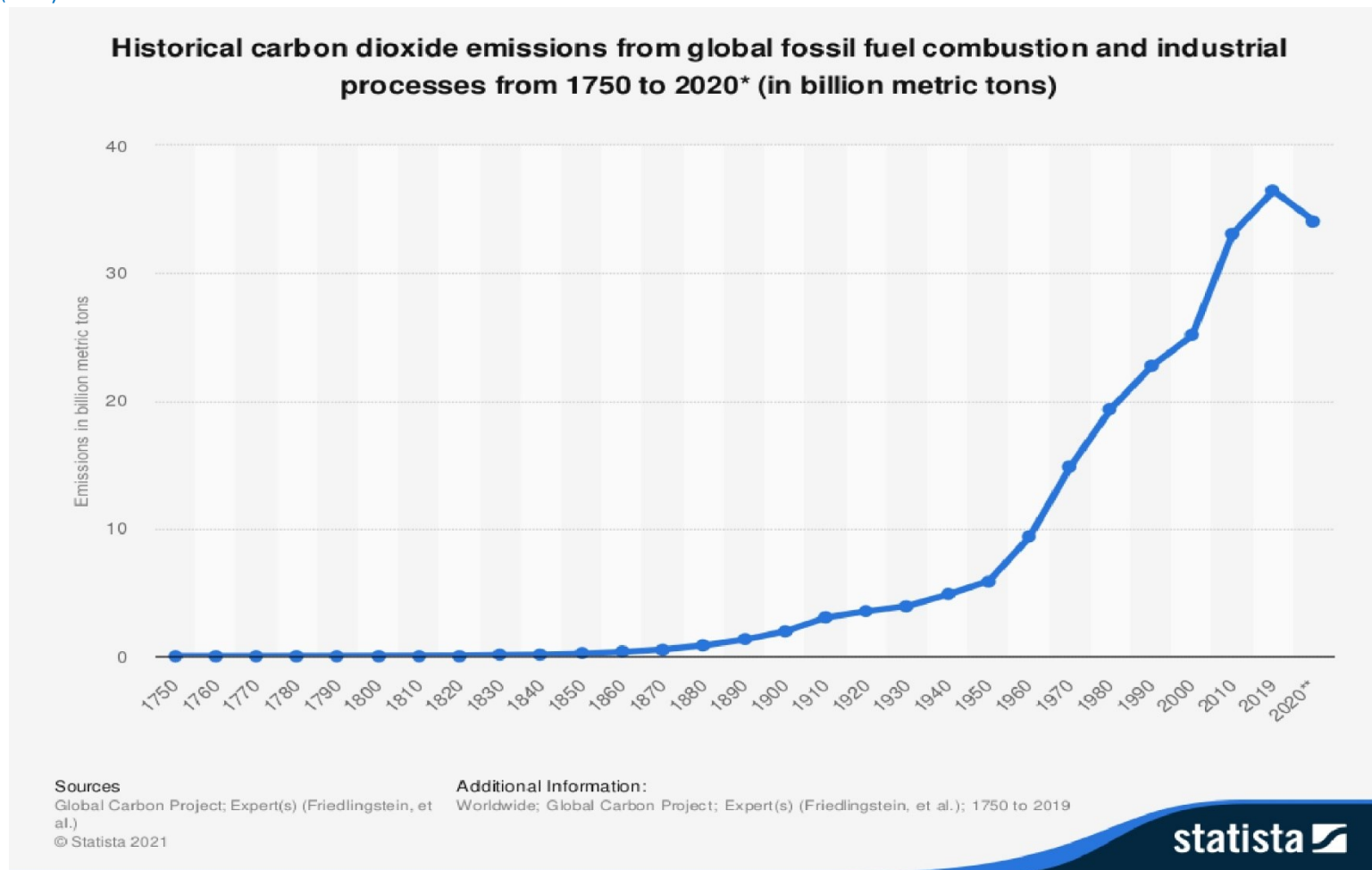
As emissões de carbono nesta estatística refletem apenas as emissões produzidas pelo consumo de petróleo, gás e carvão, sendo baseadas em fatores de conversão médios globais padrão. Isso não permite que nenhum carbono seja sequestrado, outras fontes de emissões de carbono ou emissões de outros gases de efeito estufa. Portanto, os dados não são comparáveis aos dados oficiais de emissões nacionais. Os números da América do Norte incluem o México. De 1965 a 1984, os números da CEI incluíam a URSS, que incluía os países da CEI, além da Geórgia, Ucrânia e Estados Bálticos.



Fonte: [BP Statistical Review of World Energy 2021](#)

Anexo C HISTÓRICO DE EMISSÕES CO₂ GLOBAIS 1750 A 2020

(voltar)



Fonte: icos-cp.eu

Anexo D EXEMPLO DA CARACTERIZAÇÃO DE CONTA SATÉLITE DO TURISMO (CST)

(voltar)

Quadro 1 – Principais indicadores da conta satélite do turismo (CST), tendo como referência o total da economia das contas nacionais (CN)
Table 1 – Main indicators of tourism satellite account (TSA), in reference to total economy in national accounts (NA)

	Unidade	Conta	Anos Years					Taxa de variação (%) Change rate (%)				CST / CN (%) TSA / NA (%)					Account	Unit		
			2016	2017	2018	2019Pe	2020Pe	2017	2018	2019Pe	2020Pe	2016	2017	2018	2019Pe	2020Pe				
Valor acrescentado bruto (VAB)	10 ³ euros	CST	11 122 927	13 045 313	14 170 976	15 635 299	8 104 670	17,3	8,6	10,3	-48,2	6,9	7,7	8,0	8,4	Rv	4,6	TSA	10 ³ euro	Gross value added (GVA)
		CN	161 993 327	169 642 250	177 465 917	185 162 800	Rv 176 735 400	4,7	4,6	4,3	Rv -4,6							NA		
Equivalente a tempo completo (ETC) das atividades características do turismo	N.º	CST	380 293	413 567	444 117	//	//	8,7	7,4	//	//	8,6	9,0	9,4	//	//	TSA	No	Full-time equivalent employment (FTE) in tourism characteristic industries	
		CN	4 426 856	4 579 158	4 720 439	//	//	3,4	3,1	//	//				//	//	NA			
Remunerações das atividades características do turismo	10 ³ euros	CST	6 456 666	7 149 403	7 993 249	//	//	10,7	11,8	//	//	8,0	8,3	8,7	//	//	TSA	10 ³ euro	Compensation of employees in tourism characteristic industries	
		CN	81 213 456	86 097 313	91 633 117	//	//	6,0	6,4	//	//				//	//	NA			
Equivalente a tempo completo remunerado das atividades características do turismo	N.º	CST	322 501	352 653	374 320	//	//	9,3	6,1	//	//	8,4	8,8	9,1	//	//	TSA	No	Full-time equivalent employment and employees in tourism characteristic industries	
		CN	3 842 836	3 991 067	4 111 162	//	//	3,9	3,0	//	//				//	//	NA			
Remunerações médias das atividades características do turismo	10 ³ euros	CST	20,0	20,3	21,4	//	//	1,3	5,4	//	//	94,8	94,0	96,0	//	//	TSA	10 ³ euro	Average compensation of employees in tourism characteristic industries	
		CN	21,1	21,6	22,3	//	//	2,1	3,2	//	//				//	//	NA			
Remunerações das atividades características do turismo / VAB	%	CST	58,0	54,8	56,4	//	//	-3,2 p.p.	1,6 p.p.	//	//	115,8	107,9	109,3	//	//	TSA	%	Compensation of employees in tourism characteristic industries / GVA	
		CN	50,1	50,8	51,6	//	//	0,7 p.p.	0,8 p.p.	//	//				//	//	NA			
Produção Interna	10 ³ euros	CST	20 770 058	24 576 162	26 845 793	//	//	18,3	9,2	//	//	6,4	7,1	8,0	//	//	TSA	10 ³ euro	Domestic output	
		CN	324 763 904	347 714 080	334 474 006	//	//	7,1	-3,8	//	//				//	//	NA			
Consumo coletivo do turismo	10 ³ euros	CST	187 625	201 301	201 719	//	//	7,4	0,2	//	//	1,2	1,3	1,3	//	//	TSA	10 ³ euro	Tourism collective consumption	
		CN	15 147 532	15 408 361	15 652 069	//	//	1,7	1,6	//	//				//	//	NA			
Despesa do turismo receptor (CST) e Consumo do turismo no território económico (CST)	10 ³ euros	CST	14 800 125	18 140 222	19 903 618	//	//	22,6	9,7	//	//	63,0	65,5	65,4	//	//	TSA	10 ³ euro	Inbound tourism consumption and Tourism consumption on the economic territory (TSA)	
		CST	23 500 580	27 696 217	30 453 990	//	//	17,9	10,0	//	//				//	//	TSA			
Consumo do turismo no território económico (CST) e Produto interno bruto (CN)	10 ³ euros	CST	23 500 580	27 696 217	30 453 990	32 775 740	16 272 901	17,9	10,0	7,6	-50,4	12,6	14,1	14,8	15,3	Rv	8,0	TSA	10 ³ euro	Tourism consumption on the economic territory (TSA) and Gross domestic product (NA)
		PIB nas CN	186 489 811	195 947 210	205 184 124	213 949 300	Rv 202 465 700	5,1	4,7	4,3	Rv -5,4						GDP in NA			
Oferta Interna	10 ³ euros	CST	23 500 580	27 696 217	30 453 990	//	//	17,9	10,0	//	//	5,6	6,2	6,4	//	//	TSA	10 ³ euro	Domestic supply	
		CN	417 099 847	450 065 899	476 194 358	//	//	7,9	5,8	//	//				//	//	NA			

INE - Instituto Nacional de Estatística

Contas Satélite do Turismo (CST) - 2020 Portugal

1

Fonte: INE - secção das Contas Satélite do Turismo

QUADRO 1: [Link para descarregar ficheiro Excel](#)

Anexo E VALORES GLOBAIS (2019) DA IMPORTÂNCIA DO SECTOR NA ECONOMIA MUNDIAL
(voltar)



TRAVEL & TOURISM IN 2019



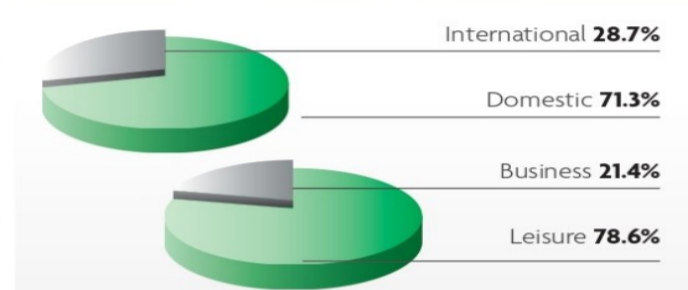
TRAVEL & TOURISM GROWTH TO 2030



T&T COMPARED WITH OTHER SECTORS

SECTOR	GDP GROWTH, 2019
Information & Communication	4.8%
Financial services	3.7%
Travel & Tourism	3.5%
Healthcare	3.0%
Retail & Wholesale	2.4%
Agriculture	2.3%
Construction	2.1%
Manufacturing	1.7%

SECTOR CHARACTERISTICS



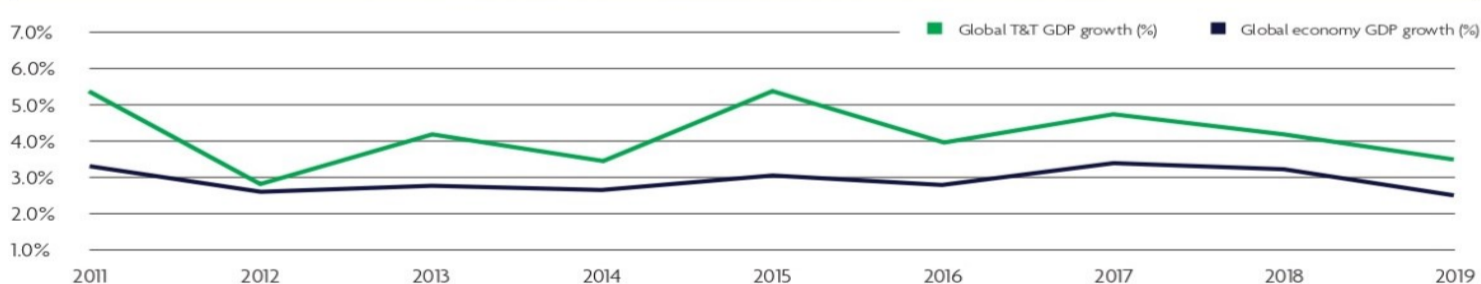
THE AUTHORITY ON WORLD TRAVEL & TOURISM

REGIONAL DATA

	2019 T&T CONTRIBUTION TO GDP (US\$ BN)	2019 T&T % OF GDP	2019 T&T GDP GROWTH (%)**	JOBS IN T&T 2019 (MN)	2019 T&T % OF COUNTRY EMPLOYMENT
Africa					
Sub-Saharan Africa	107	6.5	2.1	19.7	6.4
North Africa	61	8.5	2.4	4.9	9.3
Americas					
North America	2,143	8.8	2.3	25.7	11.1
Latin America	299	8.1	1.6	16.9	7.9
Caribbean	59	13.9	3.4	2.8	15.2
Asia Pacific					
North East Asia	2,146	9.8	6.4	88.3	10.0
South East Asia	380	12.1	4.6	42.3	13.3
South Asia	234	6.6	4.5	47.7	7.4
Oceania	197	11.7	1.2	2.5	12.6
Central Asia	13	5.2	7.3	1.4	5.3
Europe					
Europe, Total	2,018	9.1	2.4	37.1	9.7
European Union	1,471	9.5	2.3	22.6	11.2
Middle East					
Middle East	245	8.6	5.3	6.7	8.8

**Growth highlighted in green when it is above global T&T GDP growth of 3.5%

GLOBAL T&T GDP GROWTH VS. ECONOMY GDP GROWTH



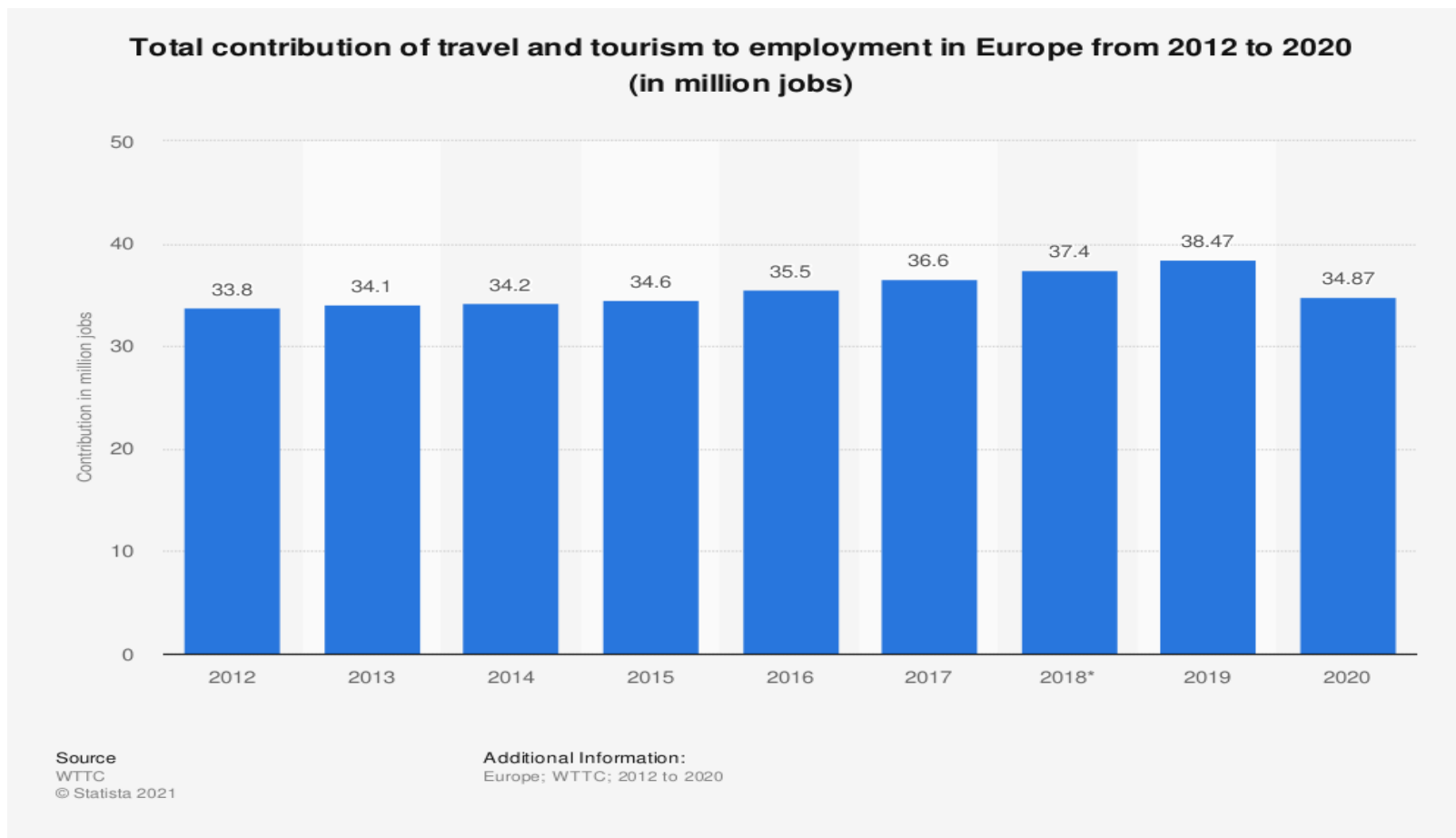
*This data includes the direct, indirect, and induced impact of Travel & Tourism
All data as of March 2020, unless otherwise stated. Figures are in real 2019 prices and exchange rates

THE AUTHORITY ON WORLD TRAVEL & TOURISM

Fonte: WTTC - economic impact reports

Anexo F CONTRIBUIÇÃO TOTAL DE TURISMO PARA O EMPREGO NA EUROPA (2012 A 2020)

(voltar)



Fonte: Contributo para o Emprego na Europa do Turismo

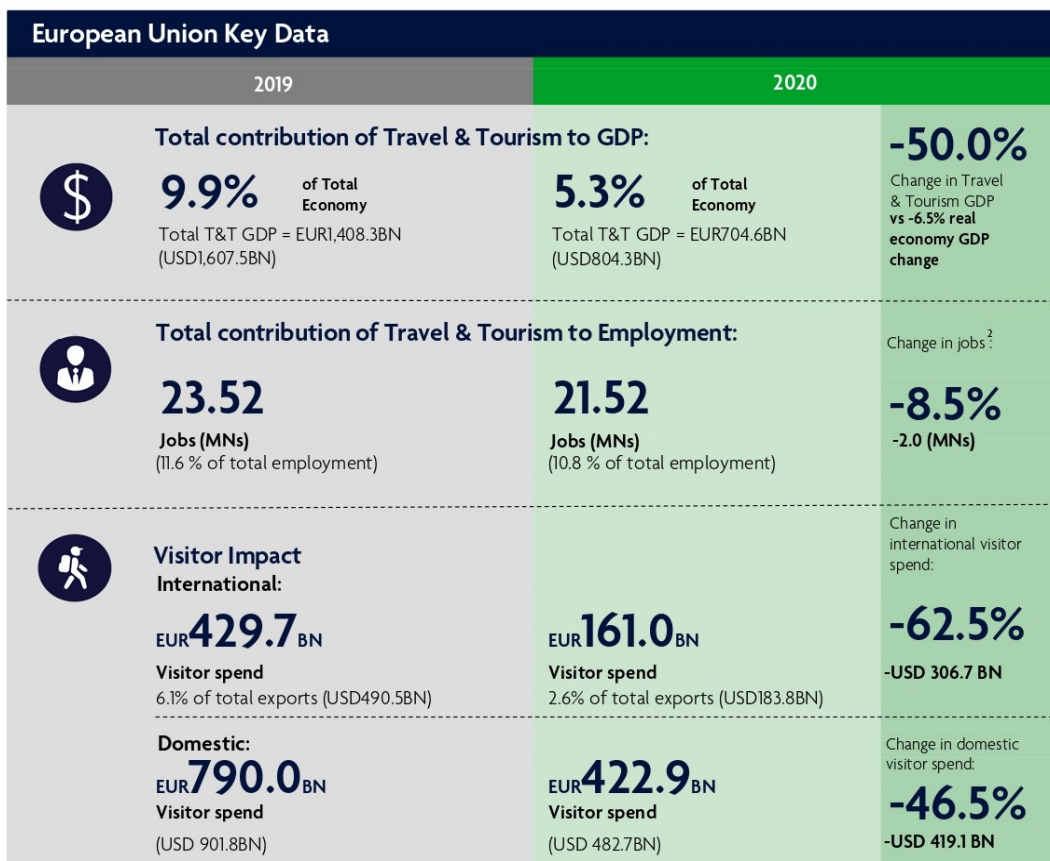
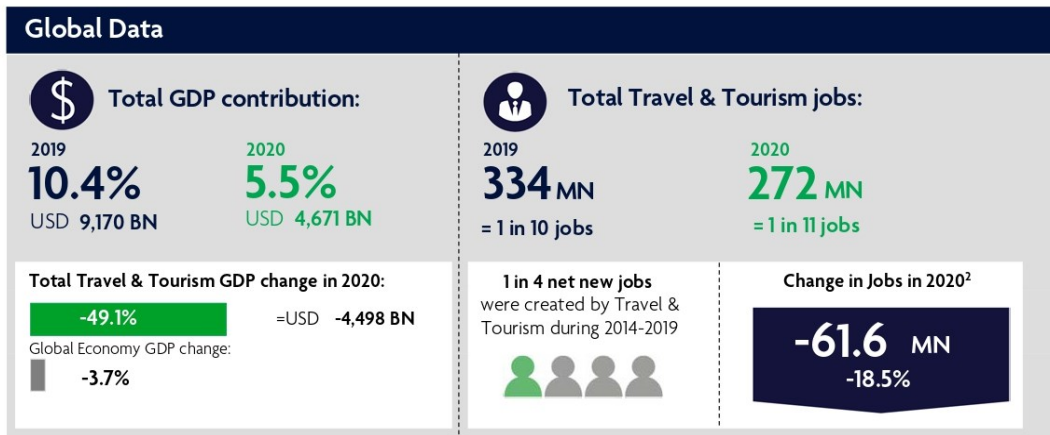
Anexo G CONTRIBUIÇÃO GLOBAL DO TURISMO PARA O EMPREGO E PIB DA EUROPA

(voltar G)
(voltar G2)



EUROPEAN UNION

2021 Annual Research: Key Highlights¹



Fonte: Europe 2021 Annual Research: Key Highlights, page 1

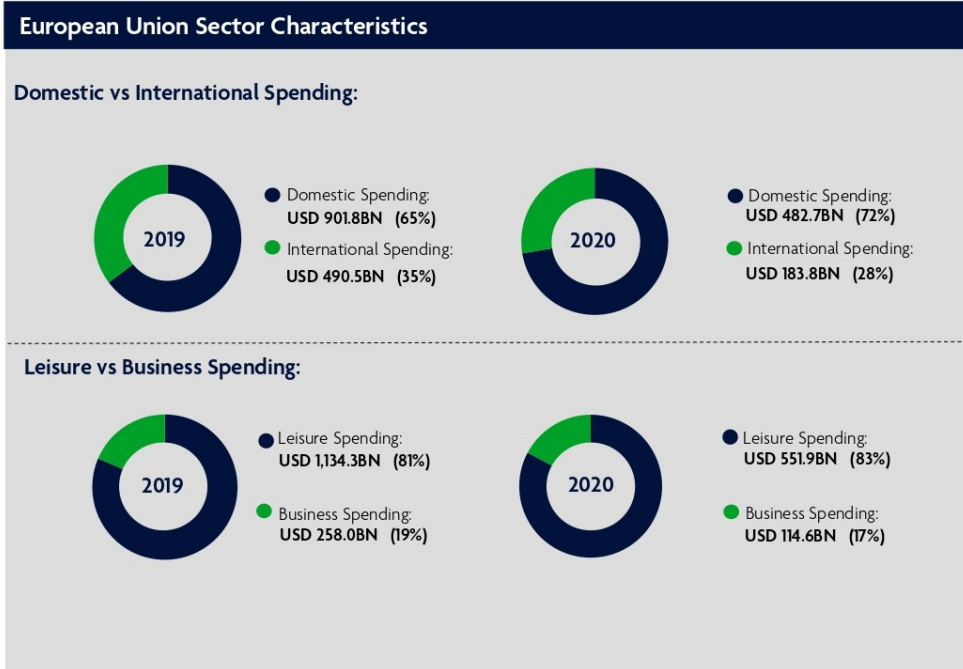
Anexo H GASTOS, CHEGADAS E PARTIDAS 2019-2020

(voltar)



EUROPEAN UNION

2021 Annual Research: Key Highlights¹



Inbound Arrivals³:

2019	2020
1. Germany 16%	1. Germany 20%
2. United Kingdom 11%	2. United Kingdom 10%
3. France 6%	3. Belgium 6%
4. United States 5%	4. France 5%
5. Netherlands 4%	5. Netherlands 5%
Rest of world 58%	Rest of world 54%

Outbound Departures³:

2019	2020
1. France 12%	1. France 17%
2. Spain 10%	2. Spain 12%
3. Italy 9%	3. Italy 8%
4. Austria 5%	4. Austria 8%
5. United Kingdom 5%	5. United Kingdom 5%
Rest of world 59%	Rest of world 50%

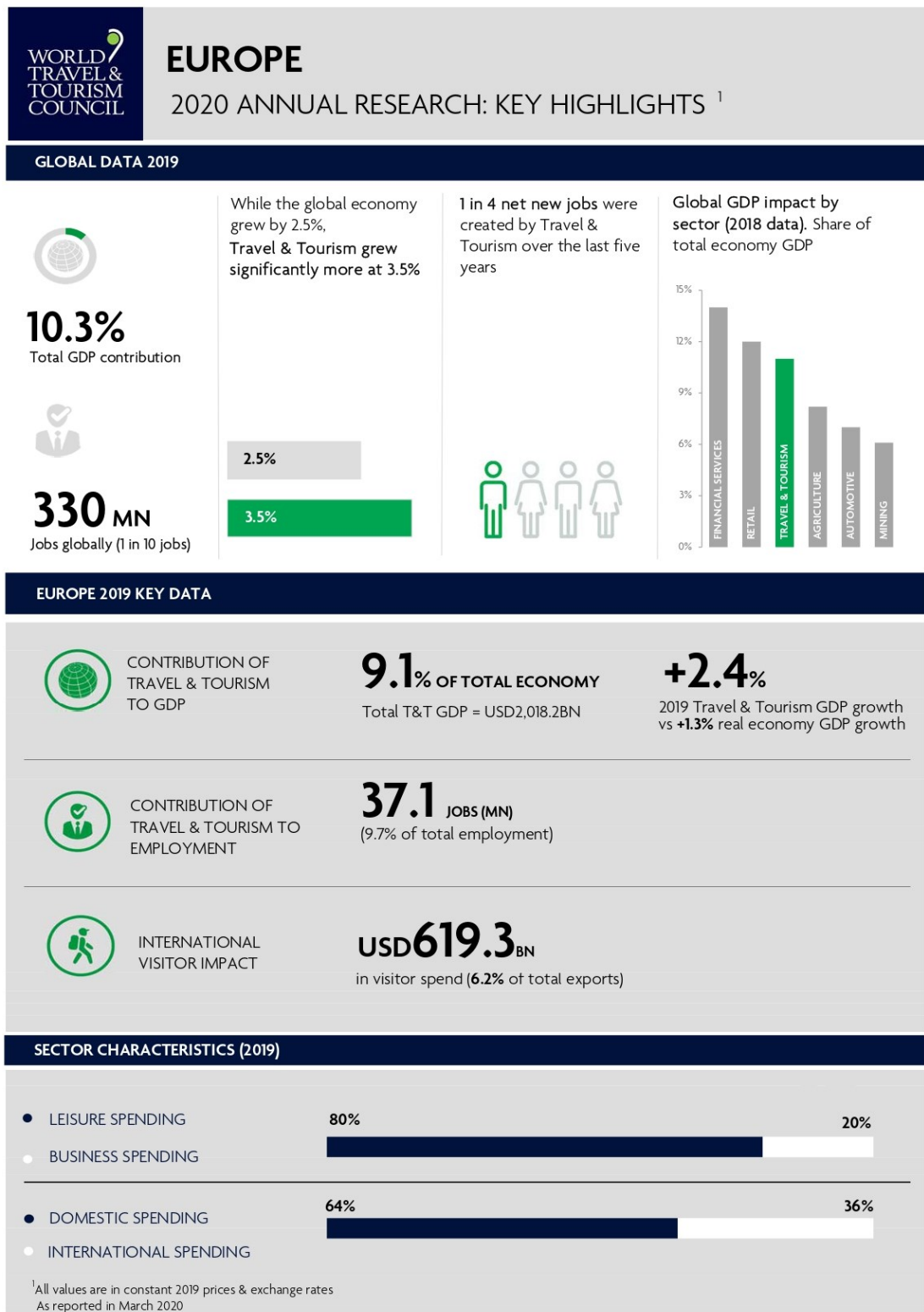
1. All values are in constant 2020 prices & exchange rates. As reported in March 2021
 2. Where the country or region has implemented job support schemes and supported jobs are still recorded as employment by national statistical authorities, job losses exclude those supported jobs (where known)
 3. Source: Oxford Economics, national sources and UNWTO. Note: Data factors in intra-regional travel



Fonte: Europe 2021 Annual Research: Key Highlights, page 2

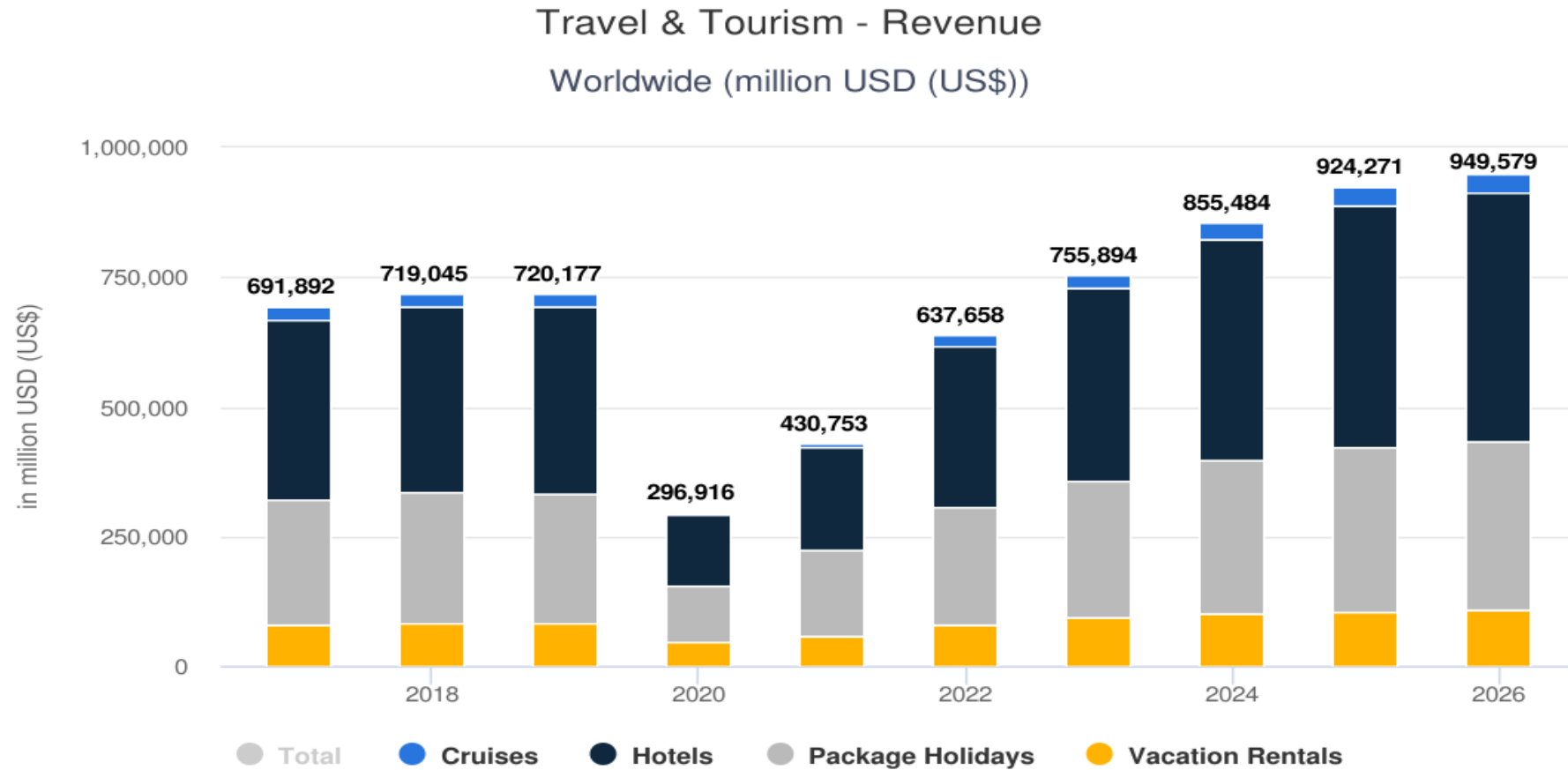
Anexo I VALORES GLOBAIS – PIB E EMPREGO NA EUROPA (2019)

(voltar)



Fonte: Europe 2021 Annual Research: Key Highlights, page 2

Anexo J VALORES RECEITAS TURISMO MUNDIAL-SECTORES (2017-2026)
(voltar)



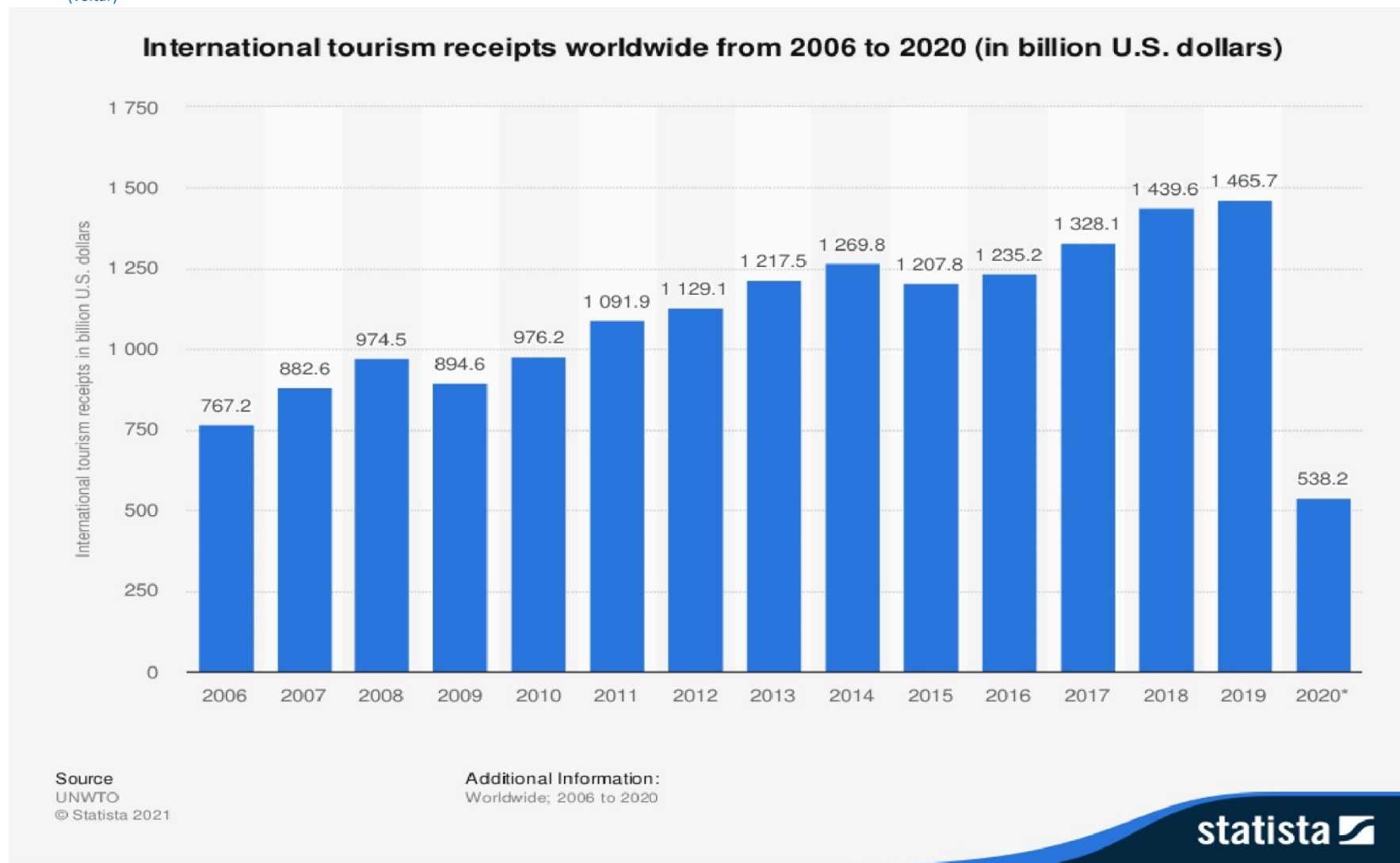
Source: Statista



Fonte: Statista

Anexo K VALORES RECEITAS TURISMO MUNDIAL (2006-2020)

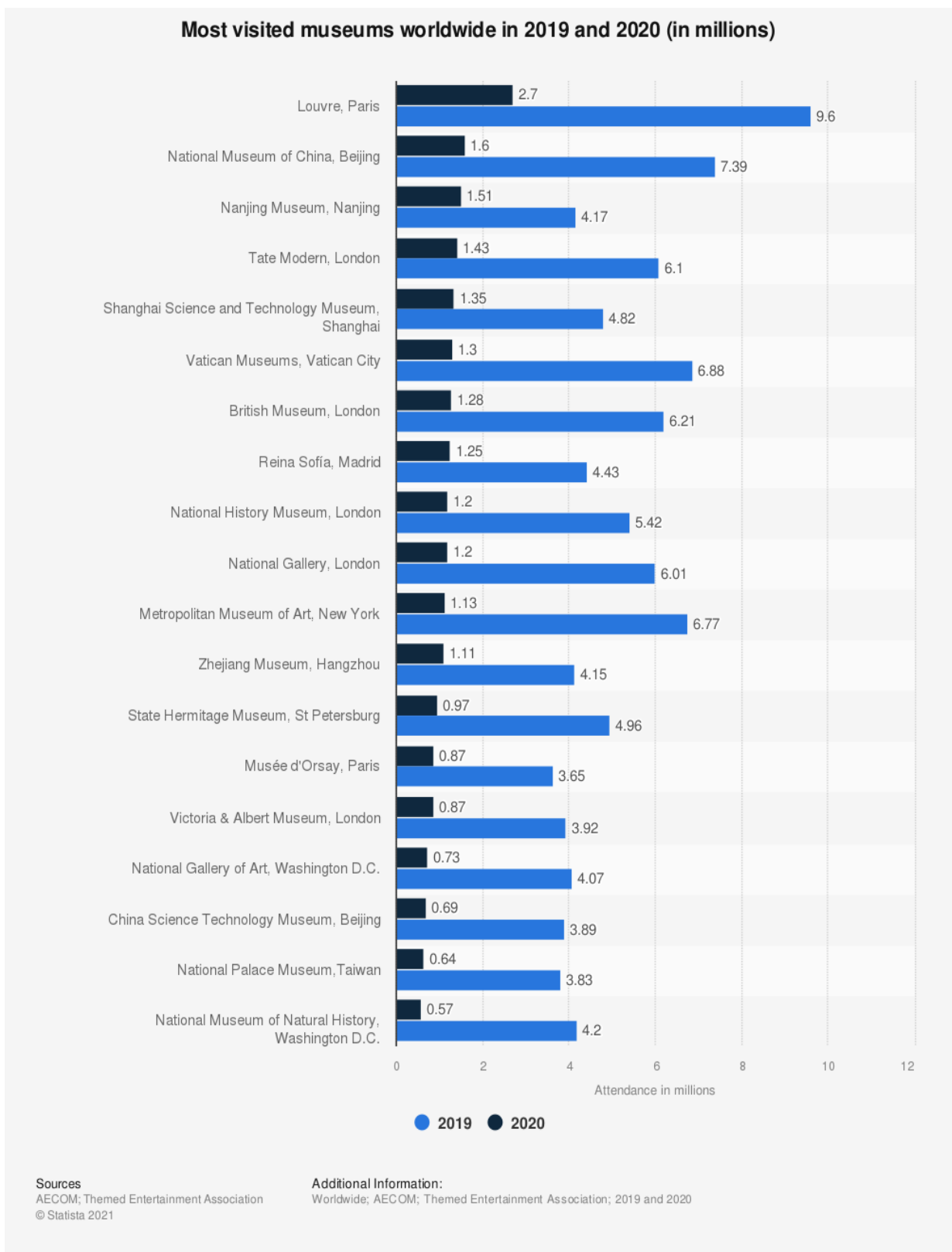
(voltar)



Fonte: UNWTO - Inbound Tourism, page 5

Anexo L MUSEUS MAIS VISITADOS NO MUNDO (2019-2020)

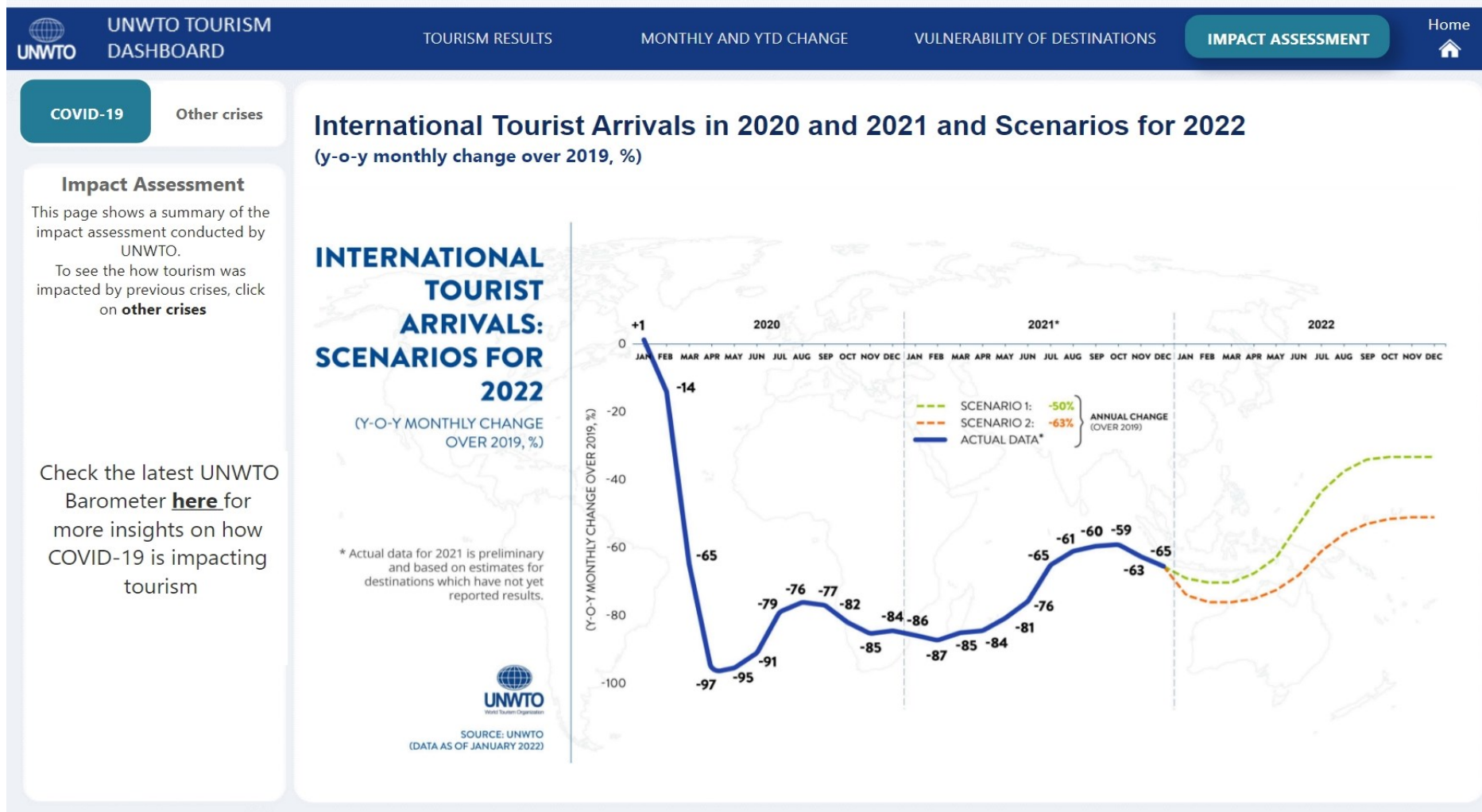
(votar)



Fonte: revista Theme Museum Index 2020 pdf

Anexo M CHEGADAS INTERNACIONAIS DE TURISTAS (2019-2021) E PREVISÃO 2022

(voltar)



Fonte: UNWTO - Chegadas Internacionais 2020-2021 e previsão 2022